# FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921  UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA



ANO 104 ★ Nº 34.759 — DOMINGO, 2 DE JUNHO DE 2024 — R$ 9,90




# Crise do lixo custa R$ 97 bi ao Brasil, aponta estudo

Falhas de coleta e reciclagem impactam saúde humana, financeira e ambiental

SÉRIES FOLHA
ALÉM DO LIXO

Os problemas na gestão de resíduos sólidos, somados aos impactos ambientais e climáticos da poluição, geram custo anual ao Brasil na ordem de R$ 97 bilhões, de acordo com dados de 2020.

Em 2050, o impacto indireto dessa crise pode alcançar R$ 135,9 bilhões. Os números são de um estudo feito para a **Folha** pela consultoria S2F Partners com cálculos do GMWO2024, responsável pela análise de um relatório da ONU neste ano, relata **Fernanda Mena**.

O Brasil gera quase 80 milhões de toneladas de resíduos sólidos urbanos por ano, um montante suficiente para encher 2.000 Maracanãs. O descarte termina em aterros ou é reciclado, processo que consome R$ 30,5 bilhões, principalmente de recursos públicos municipais.

Apenas 4% dos resíduos coletados são reciclados. Cerca de um terço da média de 380 kg de lixo produzido per capita no Brasil todo ano vai para lixões a céu aberto, córregos, rios e, finalmente, o mar, deixando ao longo desse percurso um rastro tóxico. **Mercado p.1**

## México vai às urnas dividido sobre o legado do presidente

O México, segunda maior economia da América Latina, depois do Brasil, vai às urnas hoje na maior eleição geral de sua história.

Além de 20,7 mil cargos, está em jogo o legado de Andrés Manuel López Obrador, o AMLO, informa a enviada **Mayara Paixão**.

Primeiro presidente de esquerda do país, AMLO sairá após mandato de seis anos, em meio a uma campanha eleitoral violenta. As favoritas para sucedê-lo são sua apadrinhada Claudia Sheinbaum e a opositora Xóchitl Gálvez. Corre por fora Jorge Álvarez Máynez. **Mundo A10**

**Sylvia Colombo**

*Transformação de AMLO é quimera*

Antes de se incluir entre os grandes presidentes mexicanos, López Obrador deve medir-se com antecessores que de fato elevaram o México. A seu sucessor restarão enormes desafios, como a imigração ilegal e a corrupção, até imprimir sua marca. **Mundo A10**

## Boca de urna dá vitória folgada a Modi na Índia

Pesquisas de boca de urna após o início da fase final da eleição indiana indicam que a coalizão do premiê Narendra Modi terá uma maioria folgada no Parlamento. Ele deve ganhar de 353 a 401 das 543 cadeiras em jogo. O resultado final sai na terça (4). **Mundo A11**



## Militar brasileiro morre mais em treino do que em missão de paz

De janeiro de 2013 a dezembro de 2023, 94 militares morreram em treinos no Brasil, mais do que o dobro dos 42 óbitos que o país registrou desde 1956 em missões de paz. O Exército diz que sua atividade embute riscos. **Cotidiano B1**

## Parada vai reunir mães em defesa da família LGBTQIA+

A parada LGBTQIA+ de São Paulo, que ocorre hoje na avenida Paulista, terá como uma de suas atrações principais um grupo de 300 mães de pessoas desse público, celebrando a diversidade da família e denunciando o preconceito. **Cotidiano B2**

## PF infla área que toca inquéritos do bolsonarismo

A PF concentrou inquéritos ligados a Bolsonaro e aliados na Diretoria de Inteligência Policial. Segundo policiais, isso esvaziou o setor responsável por investigações que correm em tribunais superiores. O órgão diz que a diretoria serve a qualquer caso. **Política A4**



Morador de Porto Alegre é resgatado com canoa
Silvio Vara - 29.mai.2024/AFP

ENTREVISTA **Arminio Fraga**

## Lula arrisca fiasco político com intervenção no Banco Central

Ex-presidente do BC, Arminio Fraga está pessimista com o rumo do governo Lula na economia, em especial na política monetária.

"Se quem entrar [na chefia do BC] se meter a besta, vai ser grande fiasco político", afirma, acerca da ingerência no órgão. **Mercado p.3**

**Ilustrada Ilustríssima**

## Um clima pesado

O desastre no RS evidencia a necessidade de um engajamento coletivo de sociedade, governo e academia ante a nova realidade, diz **Natalie Unterstell**. **C4 e C5**

Grupos protestam contra EUA darem aval a psicodélicos como remédios **C6**

**MÔNICA BERGAMO**

Descobriram que os negros são bonitos, capazes e talentosos, diz cantor Djavan **C2**

**Equilíbrio** **B6**

Influenciadores gordos emagrecem e recebem críticas nas redes sociais



Diferentes tipos de lixo na maior fábrica de reciclagem na América Latina, a Flapicel em Guarulhos (SP) Bruno Santos/Folhapress

Carl Recine/Reuters

## VINI JR. SELA A 15ª CONQUISTA DO REAL NA CHAMPIONS

Brasileiro comemora o 2º gol do Real Madrid na vitória por 2 a 0 sobre o Borussia Dortmund, que garantiu, após um difícil 1º tempo, a hegemonia do time espanhol no campeonato **Esporte B7**

## China faz 2º pouso da história no lado afastado da Lua

**Ciência B5**

**EDITORIAIS** **A2**

*País ganha com menos partidos no comando*

Sobre reformas para redução do número de siglas.

*Mais trabalho e renda*

Acerca de cifras favoráveis no mercado de trabalho.



ISSN 1414-5723

FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.



Jean Galvão

# EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

## País ganha com menos partidos no comando

### Fragmentação de siglas é perniciosa; redução, gerada por regras como a cláusula de barreira, deve continuar em prol da governabilidade e do eleitor

Reportagem da **Folha** mostrou que, embora o Brasil tenha 29 partidos, não mais de sete deles dominam o cenário político nacional. Esse grupo concentra 80% das cadeiras do Congresso e 70% dos governos estaduais e das bilionárias verbas eleitorais, além de ser maioria em prefeituras, câmaras municipais e Assembleias Legislativas.

São eles, pela ordem de cadeiras na Câmara, PL, PT, União Brasil, PSD, MDB, PP e Republicanos.

O excesso de siglas é pernicioso. Dificulta a formação de coalizões estáveis —sendo, portanto, empecilho à governabilidade— e ainda confunde o eleitor: quais as diferenças ideológicas entre a União Brasil e o PP, por exemplo?

Ademais, as legendas enfrentam dificuldades para criar identidade política. Não à toa, em vez de serem enumerados os partidos que formam o mais influente grupo parlamentar do centro à direita, ele é nomeado pelo termo "centrão".

Registre-se que a situação já foi pior. Para reduzir o ruído gerado por tantas siglas, cientistas políticos utilizam o conceito de partidos efetivos —fórmula que considera também seu tamanho relativo.

Por essa metodologia, o número efetivo de legendas na Câmara, que chegou a 17,4 em 2018, está hoje um pouco acima de nove —não tão longe do que se vê na prática com os sete apurados pela **Folha**.

A diminuição do número efetivo de legendas é resultado de duas medidas recentes, a cláusula de desempenho e a proibição de coligações em eleições proporcionais.

A menos que os líderes de partidos que hoje ganham com a fragmentação tenham êxito em alguma manobra, o movimento de redução deve continuar, já que as exigências da cláusula de desempenho, que asseguram ao partido o direito a financiamento público e propaganda oficial, aumentarão até o pleito de 2026.

Por muito tempo, os caciques frustraram a adoção de regras antifragmentação. A primeira tentativa é do início dos anos 2000, mas foi derrubada em 2006 pelo STF.

Vale observar que o Brasil já abraça uma versão extremamente diluída das barreiras. Na maioria dos países que contam com esse tipo de mecanismo, partidos que não obtêm o mínimo estipulado de votos não obtêm representação no Parlamento; por aqui, ficam apenas sem financiamento público e tempo de rádio e TV.

E mesmo essas disposições, já bem menos drásticas, vêm sendo de certa forma dribladas por regras como a das federações partidárias, que dão sobrevida a legendas que definhariam.

Deve-se manter o movimento de redução em prol da organização do sistema político, da governabilidade e do esclarecimento do eleitor. Nesta seara, menos é mais.

## Mais trabalho e renda

### Governo deveria conter gastos contra risco de alta da inflação, que pode vir com economia aquecida

Com geração de postos formais e informais, o mercado de trabalho desafia prognósticos negativos.

Segundo o IBGE, no trimestre encerrado em abril a taxa de desemprego ficou em 7,5%, ante 7,9% no mês anterior. Descontados os ajustes sazonais, a desocupação caiu de 7,5% para 7,3% no período —menor índice desde janeiro de 2015.

É um bom resultado, mesmo considerando que a taxa de participação na força de trabalho permanece em 62,2%, cerca de 2 pontos percentuais abaixo do pico observado no segundo semestre de 2019.

No período foram criadas 427 mil novas vagas, expansão de 0,4%. Marca-se novo recorde numérico de ocupação —são 101,6 milhões de empregados— com carteira, informais, por conta própria, funcionários públicos e domésticos.

Tal movimento mostra-se alinhado à medição do Caged, que agrega só empregos formais. Em abril, foram abertas 240 mil vagas.

Também é positivo o crescimento da renda. O rendimento habitual real (descontada a inflação) atingiu R$ 3.158 mensais, alta de 4,8% ante o mesmo período do ano passado. A medida de massa salarial, que une renda e número de empregos, teve expansão de 7,9%.

Esse aumento é o pilar que sustenta o consumo e tem mantido o desempenho da economia acima das expectativas desde a retomada, que teve início em 2021. Neste ano, as projeções mais consensuais apontam para alta do Produto Interno Bruto próxima dos 2%.

Surpreende, ainda, que o vigor do mercado de trabalho até agora se dê com pressões inflacionárias menores do que as observadas na última vez em que o desemprego esteve baixo. Em parte a explicação pode estar relacionada à maior flexibilidade obtida com a reforma trabalhista, tema ainda em discussão por especialistas.

Com economia e emprego firmes, é preciso atenção para o risco de aceleração demasiada da inflação, que parece ganhar corpo.

É indicado conter despesas de modo a preservar o espaço, hoje aparentemente diminuto, para que a Selic possa continuar a cair. Infelizmente, Luiz Inácio Lula da Silva (PT) erra ao insistir em sua agenda de gastos crescentes.

## O peso da natureza

**Hélio Schwartsman**

O Brasil experimenta em primeira mão o drama das perdas humanas e econômicas do aquecimento global, fenômeno que deverá intensificar-se. E esse é só um pedaço da conta. Em "The Weight of Nature" (O Peso da Natureza), o neurocientista convertido em jornalista Clayton Page Aldern mostra que a mudança climática também deverá nos deixar mais burros, violentos, ansiosos e paranoicos.

O livro, do qual já dei uma palinha aqui, pode ser descrito como uma tentativa de catalogar os efeitos diretos do aquecimento global em nossos cérebros e comportamentos. O retrato, como deu para ver pelo parágrafo anterior, é assustador.

Para muitos dos tópicos abordados, Aldern se baseia em estudos acadêmicos. É o caso dos trabalhos que mostram que o calor nos torna mais violentos e faz piorar nossa performance em tarefas cognitivas. Ele também nos faz buzinar mais. Até os árbitros esportivos cometem mais erros quando a temperatura sobe.

Outro ponto interessante é o das zoonoses. O aumento de doenças transmitidas por animais devido ao aquecimento global já está no radar de todos. O habitat de mosquitos e outros vetores será ampliado. Aldern trata especificamente das doenças que afetam o cérebro. O cardápio é vasto: malária cerebral, zika com microcefalia, hidrofobia (morcegos-vampiros estão circulando mais). Há até a temível ameba comedora de cérebros, que já aparece em lugares onde antes não aparecia. Isso sem falar nas neurotoxinas.

O livro vai ficando mais especulativo à medida que o autor avança para condições de etiologia menos definida, como a ansiedade e as reações a traumas provocados por desastres naturais. Ao final, Aldern se arrisca até na neurofilosofia. O que o cérebro faz é modelar o mundo, de modo que um mundo em rápida transformação produzirá um cérebro também afeito a mudanças, por vezes súbitas e dramáticas. A mudança climática, diz o autor, está também dentro de nós.

helio@uol.com.br

## Quanto vale uma boa polícia?

**Bruno Boghossian**

Tarcísio de Freitas procurou muitas desculpas para se livrar das câmeras corporais da Polícia Militar. Na campanha, dizia que o equipamento tirava a privacidade dos agentes. Eleito, alegou que as gravações não tinham efetividade na segurança do cidadão. Agora, ele poliu o discurso com um argumento financeiro.

O edital para a contratação de novas câmeras para a PM permite que os policiais deixem o equipamento desligado. Segundo Tarcísio, a gravação contínua "gera muitos custos ao estado pela necessidade de armazenamento". O governador afirmou que o sistema atual gasta dinheiro para guardar um material que, "no final das contas, não serve para nada".

A economia estimada com o novo modelo não chega a 0,5% do orçamento da PM paulista. Especialistas apontam que, se o governo precisa reduzir custos, pode abrir mão de outras funcionalidades dos equipamentos, como o reconhecimento facial e a transmissão de dados em tempo real, já que não há evidências de que esses dispositivos tenham eficácia no trabalho da polícia.

O registro de imagens das ações da PM, por outro lado, é capaz de reduzir em cerca de 60% as mortes provocadas por policiais e diminuir o número de mortes dos próprios agentes. Para isso, é claro, as câmeras precisam estar funcionando.

Tarcísio oferece um argumento que não fica de pé. O governador diz que a gravação ininterrupta é cara demais e "grava muita coisa que não tem interesse para a investigação".

Dar ao agente o poder de decidir o que deve ser registrado para uso numa eventual investigação é uma brecha valiosa apenas para os maus policiais. Na operação que terminou em matança na Baixada Santista, no ano passado, a maioria das ocorrências não foi registrada pelas câmeras.

Não há nada como um discurso de corte de gastos para revelar as prioridades de um governo. A bandeira da austeridade já se mostrou um verniz eficaz para encobrir barbaridades patrocinadas por certos políticos. Todo bolsonarismo precisa de um pouco de Paulo Guedes.

## Efígie na praça

**Ruy Castro**

Brazucas flanando por Lisboa terão o prazer de se ver, de repente, numa pracinha que corta a avenida Almirante Reis, no Areeiro. Se consultarem a placa com o nome, lerão: praça João do Rio. Os portugueses são gratos ao brasileiro João do Rio (1881-1921) por ele, como jornalista, ter defendido seus emigrantes numa época de particular lusofobia no Brasil: as vésperas do centenário da Independência, em 1922. No meio da praça, há uma peça de mármore com sua efígie e seu texto numa inscrição: "Nada me devem os portugueses por amar e defender portugueses, porque assim amo, venero e quero duas vezes a minha pátria".

João do Rio, a começar pelo pseudônimo —chamava-se Paulo Barreto— dizia-se tão carioca quanto a rua do Ouvidor. Era um homem do jornal, da literatura, do teatro, do mundo político, da sociedade e das ruas, com enorme presença em seu tempo. Foi também o primeiro entrevistador da imprensa brasileira e introdutor na língua do verbo flanar. Como repórter, cobriu o Rio de alto abaixo, dos salões de Botafogo e bastidores dos teatros ao bas-fond, às casas de ópio e aos cortiços da cidade de 1910.

O Rio não tem sido gentil com João do Rio. Seu centenário de falecimento, em 2021, inexistiu —esta coluna foi dos poucos espaços a celebrá-lo. A universidade o ignora e ele não é sequer nome de rua na cidade. Paulo Barreto, sim, é rua em Botafogo, mas quantos saberão que se trata do fabuloso autor de "A Alma Encantadora das Ruas", "Dentro da Noite" e "Vida Vertiginosa"?

João do Rio era mulato, gay, gordo e dândi. Seus inimigos jogavam tudo isso contra ele e lhe impuseram agressões físicas. Ao contra-atacar, ele se valia de outras armas: o talento, a inteligência, a coragem. Ninguém o derrotava na palavra escrita.

O Rio não tem uma praça João do Rio. Mas Lisboa tem. Isso talvez lhe bastasse para amar, venerar e querer duas vezes a sua cidade.

## Anitta no terreiro

**Muniz Sodré**

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "Pensar Nagô" e "Fascismo da Cor". Escreve aos domingos

No deserto moral do digitalismo, impera a lei dos números. Cem vale menos que mil, que vale menos que um milhão, independente da qualidade do fato. Uma mentira óbvia compartilhada por milhões parece verdade. Um político pode ter popularidade numérica positiva, embora com qualificações morais negativas. Isso vai de mídia e rede social ao cotidiano vivido.

Recente é o episódio da cantora, compositora e empresária Anitta, com refluxo de milhares de seguidores devido a um clipe em terreiro afro. Dissipando temores de doença grave, ela homenageou ritualmente, vestida de palha, a divindade da doença e da cura. A mesma, aliás, que inspirou a coreógrafa Deborah Colker no espetáculo "Cura". Forte a intolerância, mais forte foi a confirmação por Anitta de sua crença. Os números deram foco à notícia: tinha 65 milhões, perdeu 200 mil. Na ótica do terreiro, entretanto, livrou-se de um encosto, ganhou.

Ao olhar ligeiro, a modernidade das redes seria incompatível com a tradição afro. Achille Mbembe pensa o contrário: "a África era digital antes do digital" (em "Animismo e Visceralidade"). Para o filósofo, nos mitos africanos se evidencia a centralidade dos fenômenos de migração e conexão, isto é, a criação de espaço por circulação e mobilidade, assim como plasticidade na organização social frente ao novo e ao inédito. A mesma da cognição e do cálculo. Mbembe: "O imaginário dos números, a organização em redes, as maneiras de recortar o real (...) todas essas estruturas fenomenológicas eram, ao contrário do que se acreditava, extremamente propícias à inovação".

Anitta aporta ao show business uma réplica desse paradigma. Corpo à frente, com a aura africana da Vênus Calipígia revestindo seu bundalelê cênico, conduzida pelo orixá Logunede, ela abriu espaço internacional. Um fenômeno de mobilidade: a partir do subúrbio humilde, digeriu inglês, espanhol, francês e as manhas do marketing para encarná-las em uma corporalidade móvel, transfronteiras. Não só voz, todo um corpo migrante, com mensagem de partida: "Prepara!"

Na arena do espetáculo, há fenômenos análogos, em que o corpo ocupa o fundamento do imaginário de uma comunidade percebida como núcleo vital, ao modo dos sistemas antigos de pensamento africano, em que as relações de energia eram somáticas. Hoje, corpos racializados (Anitta é um desses) reencontram na comunidade afro-litúrgica a potência subjetiva inscrita no tempo ancestral. Nenhum identitarismo, mas força vital, agora também impelida por algoritmos. Para além da lei autista do cálculo, o mundo digital pode ser apreendido, quem sabe, como teatro próprio, como mítico portal da vez.

# TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

## A tecnopolítica e as enchentes de ódio

Pouco adiantará o expurgo de perfis mentirosos

**Gaudêncio Torquato**
Jornalista, escritor, professor titular aposentado da USP e consultor político

Um apreciável conjunto de instrumentos se insere na seara da política para influenciar seus rumos, criar perfis para novos protagonistas e recriar imagens de figurantes tradicionais, situação que se apresenta extremamente impactante nos ciclos eleitorais. Basta enxergar seu (mau) uso nos EUA e no Brasil, países que vivenciam o clima de eleições. As ferramentas escolhidas fazem parte das plataformas nas redes sociais e constituem a nova infraestrutura da arte e da técnica de fazer política na era digital.

Os meios ancoram-se na trollagem —comentários racistas, sexistas, homofóbicos, denúncias contra desafetos etc.—, com evidente propósito de gerar aplausos para alguns figurantes e desmontar a identidade de outros. A falsidade é a bússola de fontes e receptores das redes. Seu objetivo é expandir a desinformação. Para tanto, haverá uma imersão na deepfake, com a produção de vídeos bombásticos para difamar perfis. O mergulho profundo no oceano das fraudes sinaliza intensa conflituosidade na política.

A engrenagem tecnológica abre os horizontes da tecnopolítica, desenhando os contornos do que podemos chamar de tecnodemocracia, com danos aos valores democráticos. Veja-se o questionamento do governo norte-americano sobre o aplicativo chinês TikTok. O presidente Joe Biden sancionou um pacote de medidas obrigando a empresa chinesa ByteDance a vender a operação do TikTok nos EUA para uma empresa americana. Mas a 1ª Emenda da Constituição norte-americana diz que o Congresso não pode fazer leis que limitem a liberdade de expressão, incluindo a liberdade de imprensa, de religião, o direito de reunião e de se peticionar ao governo.

Em que campos atua a tecnopolítica? No campo eleitoral, por exemplo. Os instrumentos adotados pelo marketing são: pesquisas, discurso de campanha, comunicação, articulação e mobilização de massas. Se as pesquisas têm uma face indutora, empurrando eleitores para o lado dos perfis que lideram o ranking de candidaturas (tendência mais forte junto a segmentos de baixo nível de conscientização), ganham, agora, maior força na teia tecnológica, contando com "novos intérpretes e propagandistas", que se integram ao universo dos marqueteiros.

A manipulação abre com a interpretação das pesquisas. Pré-candidatos, com um ou dois pontos percentuais à frente do segundo colocado, são apresentados como "vencedores". Sob a biruta de algoritmos "trabalhados" pela inteligência artificial, candidatos vestirão o manto das classes sociais, adornando seu discurso com toques populistas.

No rol programático habita o maior desafio dos candidatos: escolher temas que preencham as demandas de eleitores que pensam diferente sobre eles. Os propagandistas usarão trollagens para dourar a pílula de seus contratantes. Haja fake news. Pouco adiantará o expurgo legal de perfis mentirosos. O cordão de falsificadores substituirá os eliminados com novos "marqueteiros" —entre os quais, robôs.

Na seara da comunicação, o foco estará na embalagem. (A propósito, nas redes, o ditador russo, Vladimir Putin, tem sido mostrado como dirigente simpático e "humano" ao acarinhar crianças, pegando-as no colo; dançando em bailes; e tirando selfies com noivas saindo da igreja. E, até, piscando um olho para amigos em solenidades).

A mídia massiva se afastará de apoios explícitos, mas acabará assumindo posicionamentos a favor dos seus escolhidos. Em tempos de polarização, as redes acabarão sinalizando desejo de vitória para eles. No campo da articulação, as plataformas tentarão estabelecer a conexão das candidaturas com os segmentos organizados. Será explícito o rolo compressor de apoio e financiamento, como é o caso do agronegócio.

Quanto à mobilização, uma novidade: as massas tendem a desaparecer para dar lugar a grupos organizados. Carreata? Motociata? Grupos específicos. Caravanas articuladas nas redes. Showmícios? Poderão surgir. Grandes concentrações serão oxigenadas pela polarização. No Brasil rachado ao meio, os líderes das duas bandas tentarão arregimentar as massas, mesmo em campanhas municipais.

O ambiente do ciberespaço tende a ganhar status de maior palco da política. E a tecnopolítica avolumará as enchentes de ódio.

Fido Nesti



## Brás Cubas é o retrato do Brasil

'Defunto-autor' e suas ambiguidades seguem atuais

**André Sampaio**
Escritor, editor, letrólogo e filósofo, é pesquisador e professor colaborador da Universidade Federal do Oeste da Bahia e pesquisador do Instituto de Estudos Avançados da USP

"Só me faltam 100 páginas, e se eu for muito cuidadosa elas durarão até o fim de semana... E aí, então? O que eu deveria fazer com o resto da minha vida?", pontuou, com misto de fascinação e lamento, a influencer e escritora Courtney Novak, que descobriu e leu recentemente "Memórias Póstumas de Brás Cubas" como parte de um desafio para o TikTok envolvendo escolha de obras de países em ordem alfabética. O que a norte-americana, que viralizou junto do clássico, talvez ainda esteja por descobrir é o quanto ele espelha o Brasil.

Brás Cubas, o "defunto autor", figura das elites, é como que um retrato de seu tempo e da desfaçatez de sua classe. É um tipo a sintetizar, numa aura caricatural e anedótica, "pena da galhofa", um agir e um pensar de um recorte da nossa história. O conjunto de personagens, de diferentes maneiras e segundo papéis e esferas sociais, se associa a ele de forma a possibilitar, no enredo, uma recriação sócio-histórica de mundo.

Em sua construção ontológica, Brás se revela um ser volúvel, camaleônico, sempre visando a interesses e trampolins sociais. Suas plurifacetas atravessam todo o arco narrativo: para escravizados, revelava-se um "menino diabo"; para uma moça atraente de origem humilde, era um disposto pretendente, até descobrir nela uma deficiência física; a um cunhado ex-traficante de escravizados, figurava como compreensivo; para a religião, constituía um doador que, no fundo, apenas desejava retrato na sacristia; ao universo político, correspondia o deputado ambicioso e inexpressivo, que depois perderia o assento; para o mundo dos finados, era o narrador isento, desapegado dos olhares externos, redigindo, porém, uma autobiografia a apontar para o oposto.

Essa amálgama se inscreve em um Brasil paradoxal, pano de fundo da narrativa, país que estimava ideias de fora —os prospectos liberais europeus— "pari passu" com a manutenção de um modelo econômico alicerçado no regime escravagista. Era, em outras palavras, um mundo de modernidade-atraso.

Há uma lente machadiana a capturar imagens da formação do país. Sob tal hermenêutica, Brás é o Brasil oitocentista, um país defunto, decaído em hipocrisias e contradições, o que traz à baila "uma verdade encoberta", "chave de um saber", como conceituaria Walter Benjamin ao tratar das alegorias. O próprio prenome do narrador, primeiras letras do nome do país, não teria sido um acaso para um mestre da linguagem, argumentam nomes da fortuna crítica do nosso "Bruxo do Cosme Velho".

Ao mesmo tempo, o romance parece sempre permitir leituras do Brasil de outros tempos, como de hoje. Nesse exercício, certamente seríamos levados à visualização do espírito de tantas ambiguidades, que continuam a encalçar a nação, com antíteses de desatino nas mais diferentes conjunturas sociais, da via cotidiana às estruturas do poder, em meio a avanços e pré-iluminismos conviventes na ordem do dia.

"Memórias Póstumas" é fruto colhido da densidade de um autor que pôde fazer-se intérprete de seu país. Sua leitura continua a apresentar-se como um convite à exploração de um vasto horizonte. Continua a dar-nos conta de um Machado que permanece atual, frequentando de leituras de bolso e debates acadêmicos às redes sociais.

# PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

### Justiça se faz assim?

Não é correta a ameaça. Mas não dá para o ameaçado decretar a prisão do suspeito ("PF prende dois suspeitos de ameaçar família de Moraes", Política, 1º/6). Aliás, a instância não é a adequada. Agora, se dá para ser assim, seria legal reproduzir a prisão a homens que ameaçam suas ex-companheiras. Essas, sim, são vulneráveis e justificariam tal medida.
**Luciano Silva** (São Vicente, SP)

### Ansiedade precoce

Como professora, percebo essa realidade no cotidiano ("Registros de ansiedade entre crianças e jovens superam os de adultos pela 1ª vez", Cotidiano, 1º/6). Em geral, as crianças estão com dificuldade de concentração, baixa tolerância a frustração, impulsividade e agressividade. A escola pode e deve ajudar. Mas, sozinha, ela não vai mudar esse quadro. Saúde mental deveria ser política pública séria no Brasil.
**Roberta Melissa Oliveira Sales** (Diadema, SP)

### Eleições na África do Sul

"Com mais de 90% dos votos apurados, partido de Nelson Mandela amarga 1º revés em 30 anos" (Mundo, 1º/6). Se é uma democracia, as mudanças sempre são saudáveis.
**Luiz Carlos D. Oliveira** (Campo Grande, MS)

### Trump condenado

Bilionário que pede contribuições para sua campanha mentirosa é um acinte ao bom senso ("Se fazem isso comigo, podem fazer com todo mundo, diz Trump após condenação", Mundo, 1º/6). Mente descaradamente e vai despejando acusações a todo mundo, querendo se fazer de vítima. Ridículo é pouco para tanta violência contra negros, imigrantes, pobres. Figura insuportável, como Putin, Netanyahu e assemelhados.
**Leonilda Pereira Simões** (Sapiranga, RS)

### Benefício sob revisão

Não é justo que o idoso pobre que não contribuiu receba a mesma quantia do idoso igualmente pobre que contribuiu com muito sacrifício a vida inteira ("BPC salta e deve passar por atualização cadastral e revisão dos benefícios", Mercado, 1º/6). É um claro desestímulo aos trabalhadores de baixa renda que pagam suas contribuições como autônomo. Acredito que cada vez menos gente pague, já que não vai fazer diferença no final. E a previdência vai sentir, com certeza.
**Heloisa Gomes** (Rio de Janeiro, RJ)

### Descaso com educação infantil

Muitos estados poderiam voltar à condição de território federal ("Doze governos estaduais ignoram educação infantil em orçamentos", Cotidiano, 1º/6). Seus políticos só servem para torrar o dinheiro em ações desnecessárias ao interesse público.
**Eduardo Elói** (São Paulo, SP)

### Chico Buarque

Lembro que Chico Buarque compôs um dos hinos de combate à ditadura ("Amor e ódio em Chico Buarque", Alvaro Costa e Silva, Opinião, 1º/6). O primeiro foi o de Vandré, "Pra Não Dizer Que Não Falei das Flores", o segundo do Chico, "Apesar de Você", e o terceiro de Aldir Blanc e João Bosco, "O Bêbado e a Equilibrista". Com igual força e menos recepção é "Pesadelo", de Paulo César Pinheiro e Maurício Tapajós.
**Paulo Silveira** (São Paulo, SP)

### Aquarela do Brasil

"Comunidade LGBTQIA+ tira verde e amarelo do armário depois de governo Bolsonaro" (Ilustrada, 1º/6). A bandeira brasileira não foi sequestrada, ela só foi tirada do limbo em que estava. Agora estão querendo exaltá-la de novo. Povo hipócrita.
**Marcos L. Carvalhães** (Sertãozinho, SP)

### ASSUNTO QUAL LIVRO NACIONAL VOCÊ INDICARIA PARA UM LEITOR ESTRANGEIRO?

"Memórias Póstumas de Brás Cubas", de Machado de Assis. Para que vejam a erudição de um bom escritor brasileiro desde há tempos.
**José Carlos Rezende** (Cuiabá, MT)

*

"Lavoura Arcaica", de Raduan Nassar. Pelo primor da linguagem e pela prosa poética.
**Guilherme Mazarello** (Brasília, DF)

*

"Meu Pé de Laranja Lima", de José Mauro de Vasconcelos, pois é um livro que retrata de forma muito emocional a condição de muitas pessoas.
**Raul Carusi Mistrão** (Matão, SP)

*

"Bom dia, Verônica", de Raphael Montes e Ilana Casoy. É uma leitura visceral e foge do estereótipo de que brasileiro só escreve sobre as mazelas da periferia ou sobre a miséria do sertão nordestino.
**Soraia Soares Almeida** (Montes Claros, MG)

*

"Anjo da Morte", de Pedro Bandeira, assim como toda a coleção Os Karas, para mostrar boas obras infantojuvenis.
**Sidyma Costa** (Pacajus, CE)

*

"Senhora", de José de Alencar É um clássico de "inimigos para amantes". A história é envolvente e cativante. O livro traz uma crítica social, ao mesmo tempo que garante uma leitura divertida e retrata a sociedade e os costumes de uma época de transição no cenário nacional.
**Ana Clara Fernandes** (Contagem, MG)

*

"Os Sinos da Agonia", de Autran Dourado. Com uma história contada de três formas, esse livro traz uma descrição belíssima de Ouro Preto no período colonial.
**Ana Claudia Fernandes** (Gurupi, TO)

*

"O Avesso da Pele", de Jeferson Tenório, porque conta a história do racismo estrutural no Brasil.
**Viviana Diane** (Ceilândia, DF)

*

"Anarquistas, Graças a Deus", de Zélia Gattai, conta a partir de sua visão de jovem, como foi a chegada e por tudo que italianos passaram no Brasil durante a imigração nos idos de 1900.
**Debora Mazza** (Vila Velha, ES)

*

"Dom Casmurro", de Machado de Assis, expõe as angústias, dúvidas e questionamentos que sempre estiveram na mente humana, é atemporal.
**Simone Santos da Rosa** (Porto Alegre, RS)

*

"Capitães da Areia", de Jorge Amado. Escolhi esse livro porque ele mostra a situação de crianças em vulnerabilidade social de forma realista, evidenciando o quão cruel a sociedade pode ser. Ademais, a obra mostra o estado baiano e suas nuances aquém de samba e carnaval.
**Giovanna Freire** (São Paulo, SP)

*

"A Hora da Estrela", de Clarice Lispector. Um livro que exala não só a essência da autora mas também uma análise da sociedade brasileira.
**Lívia Vitória dos Santos** (Santo André, SP)

*

"Grande Sertão: Veredas", de Guimarães Rosa. Obra magna da literatura brasileira que dialoga numa perspectiva intertextual com Ulisses, de James Joyce, numa abordagem única do consumado mestre das letras brasileiras.
**Gismair Martins Teixeira** (Goiânia, GO)

*

"Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada", de Carolina Maria de Jesus. Mostra a realidade do Brasil que não muda!
**Maria Ilma Gomes Silva Sousa** (São Paulo, SP)

*

"Éramos Seis", pela simplicidade e sensibilidade que Maria José Dupré trouxe, mostrando singularidades de uma família brasileira comum.
**Márcia Brito Cunha** (Belém, PA)

# política

PAINEL | *Guilherme Seto* (interino)
painel@grupofolha.com.br

## Cada macaco no seu galho

Presidente da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), Beto Simonetti critica o ministro Alexandre de Moraes, do STF, por ter ordenado na sexta-feira (31) as prisões de dois suspeitos de terem feito ameaças a ele e a seus familiares. "A lei brasileira não permite que a vítima julgue o próprio caso", afirma Simonetti, acrescentando que o STF também erra ao tratar de casos de pessoas sem foro especial. Neste sábado (1º), Moraes se declarou impedido de seguir no caso de ameaça, mas manteve as prisões.

**DIVISÃO** As investigações a respeito de ameaças e perseguição devem ser redistribuídas a outro ministro do STF, mas Moraes afirmou que há provas colhidas no caso conectadas às ações que investigam os ataques à democracia, relatadas por ele. Por isso, determinou a manutenção das prisões preventivas.

**INTIME-ME...** O deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP) foge há seis meses de intimação do STF para que responda a uma queixa-crime por ter comparado o que chamou de "professores doutrinadores" a traficantes de drogas em julho de 2023.

**...SE FOR CAPAZ** Diante disso, a deputada Luciene Cavalcante (PSOL-SP) pediu ao ministro Kassio Nunes Marques, relator do caso no STF, que faça a citação por hora certa, determinando um horário para que o parlamentar receba a notificação. Em 16 de maio, Paulo Gonet, procurador-geral da República, recomendou a aprovação do pedido. Marques ainda não se manifestou.

**SAGA** Em novembro, oficiais de Justiça Federal apresentaram um relato detalhado das dificuldades que tiveram com a tarefa. Foram ao menos sete tentativas fracassadas de intimar o deputado, nas quais receberam "informações desencontradas e imprecisas" dos funcionários.

**JÁ SABIA** Integrantes do Ministério da Gestão dizem ter recebido sem surpresa a decisão judicial que suspendeu o acordo fechado entre o governo e a Proifes, uma das entidades que representam os professores federais em greve por reajuste. Técnicos da pasta dizem que o cenário era previsível por causa da rivalidade da Proifes, ligada ao PT, com o Andes, sindicato próximo de PSOL e PSTU que não reconheceu o acerto.

**RESERVA** Em reunião na terça-feira (28), em Brasília, o ministro Márcio França (Empreendedorismo) pediu aos representantes de centrais sindicais que levantem quantas vagas têm atualmente à disposição em suas colônias de férias.

**TAMPÃO** No encontro, ele anunciou a ideia de destiná-las provisoriamente para as pessoas desabrigadas no Rio Grande do Sul enquanto o governo federal busca soluções definitivas, como a construção de novas casas.

**TEMOS VAGAS** Somente na Baixada Santista o movimento sindical já identificou 10 mil vagas. Os valores a serem pagos pelo governo aos sindicatos ainda serão discutidos.

**RUGIDO** Um dos integrantes do grupo de trabalho que analisa o texto principal da regulamentação da reforma tributária, o deputado Joaquim Passarinho (PL-PA) defende incluir jogos de azar como o do Tigrinho no Imposto Seletivo, que incide sobre produtos considerados prejudiciais à saúde e ao meio ambiente.

**FAZ MAL** Passarinho diz ter pedido à Receita um estudo sobre os jogos de azar disponíveis em celular e online. "Tem gente que está toda endividada. Lógico que faz mal à saúde mental. Se a gente está taxando até refrigerante, por que não taxar esses caras?", pergunta.

**AGENDA** Na quarta-feira (5), o Livres, movimento em defesa do liberalismo, realizará um debate na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara dos Deputados para tratar do orçamento público e como incluir os mais pobres nele. Participam Marcos Mendes, economista e colunista da **Folha**, Daniel Couri, ex-diretor do Ministério do Planejamento, e a deputada Adriana Ventura (Novo-SP).

### Três Poderes

**VENCEDOR DA SEMANA**
**Arthur Lira (PP-AL)**, presidente da Câmara dos Deputados, que costurou acordo com operadoras para suspender cancelamentos unilaterais de planos de saúde.

**PERDEDOR DA SEMANA**
O presidente **Lula (PT)**, que sofreu um pacote de derrotas no Congresso, incluindo ampla traição dos partidos aliados.

**FIQUE DE OLHO**
Lula fará reunião com **líderes do governo** na segunda-feira (3) para tentar melhorar a articulação com o Legislativo, e o Senado pode votar projeto de lei que cria o **programa Mover**.

**Com Danielle Brant**

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

**Redação São Paulo**
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
**Ombudsman** ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
**Atendimento ao assinante** (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
**Assine a Folha** assine.folha.com.br | 0800-015-8000

| EDIÇÃO DIGITAL | Digital Ilimitado | Digital Premium |
|---|---|---|
| PLANO MENSAL | R$ 29,90 | R$ 44,90 |

| EDIÇÃO IMPRESSA | Venda avulsa seg. a sáb. | dom. | Assinatura semestral* Todos os dias |
|---|---|---|---|
| MG, PR, RJ, SP | R$ 6,90 | R$ 9,90 | R$ 1.085,90 |
| DF, SC | R$ 8 | R$ 11 | R$ 1.374,90 |
| ES, GO, MT, MS, RS | R$ 8,50 | R$ 12 | R$ 1.729,90 |
| AL, BA, PE, SE, TO | R$ 13 | R$ 15,50 | R$ 1.868,90 |
| Outros estados | R$ 13,50 | R$ 16,50 | R$ 2.315,90 |

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

**CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)**
794.866 exemplares (março de 2024)


O diretor-geral da Polícia Federal, delegado Andrei Rodrigues Adriano Machado - 9.jan.2024/Reuters

# PF infla diretoria com casos sobre Bolsonaro e esvazia ala de investigação

Mudança na inteligência aproxima do diretor-geral as apurações sensíveis; gestão diz que reestruturação permitiu fortalecimento

**Cézar Feitoza**

BRASÍLIA A Polícia Federal tem concentrado inquéritos ligados ao ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) na DIP (Diretoria de Inteligência Policial) e esvaziado o setor responsável por conduzir investigações que correm em tribunais superiores.

A mudança desvirtuou a missão principal da diretoria de inteligência e aproximou as investigações sensíveis ao diretor-geral da corporação, delegado Andrei Rodrigues, segundo integrantes da PF ouvidos sob reserva pela **Folha**.

A DIP é o setor da Polícia Federal responsável por definir a política de inteligência e realizar ações de contrainteligência e investigações sobre terrorismo. Até 2022, os delegados vinculados à área dirigiam inquéritos geralmente relacionados à segurança nacional.

Atualmente, a diretoria é responsável pelos inquéritos das milícias digitais —que envolvem os planos golpistas de Bolsonaro e aliados após as eleições de 2022 e a fraude no cartão de vacinação—, das fake news, do uso ilegal de sistema de monitoramento por integrantes da Abin (Agência Brasileira de Inteligência) e das blitze montadas pela PRF (Polícia Rodoviária Federal) no segundo turno das eleições presidenciais.

Os delegados do setor ainda foram incumbidos de investigar a hostilidade ao ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), no aeroporto de Roma, na Itália.

A Polícia Federal tem uma área específica para conduzir investigações que tramitam no STF. Trata-se da CINQ (Coordenação de Inquéritos nos Tribunais Superiores), setor ligado à Diretoria de Investigação e Combate ao Crime Organizado (Dicor).



**Sempre que for verificada a necessidade, poderá a DIP [Diretoria de Inteligência Policial] ser designada para atuar em quaisquer casos, vez que a 'ligação direta com a inteligência' é aferida internamente**

**Polícia Federal** em nota sobre a mudança interna

A coordenação está esvaziada e com poucos delegados. Hoje, coordena principalmente a Operação Lesa Pátria, com foco em organizadores e financiadores dos ataques de 8 de janeiro de 2023, e inquéritos sobre desvios em obras custeadas com emendas, entre eles o caso do ministro Juscelino Filho (Comunicações).

Delegados ouvidos pela **Folha** afirmaram, sob reserva, que o desvirtuamento da diretoria de inteligência gera desajustes entre os setores da PF, retirando relevância do departamento responsável pelas investigações.

Por tratar de assuntos sensíveis, a DIP também fica mais próxima da direção-geral da Polícia Federal —e sua recente metamorfose trouxe para próximo de Andrei inquéritos ligados ao golpismo.

A direção é chefiada pelo delegado Rodrigo Morais, amigo de Andrei Rodrigues. Ele ficou conhecido por ser o delegado responsável pela investigação sobre o atentado a faca contra o então candidato Jair Bolsonaro, em 2018.

Em nota, a Polícia Federal afirmou que a mudança ocorreu a partir do entendimento de que normas internas permitem que "casos sensíveis pudessem tramitar na Diretoria de Inteligência Policial".

"Essa atuação sempre ocorreu e foi intensificada com a reestruturação realizada na diretoria no início de 2023, com seu crescimento e fortalecimento", disse.

"Diante disso, sempre que for verificada a necessidade, poderá a DIP ser designada para atuar em quaisquer casos, vez que a 'ligação direta com a inteligência' é aferida internamente", concluiu.

A DIP é a principal área da Polícia Federal que possui expertise e equipamentos de inteligência. Foi por meio dela que peritos e técnicos conseguiram desbloquear travas e acessar dados armazenados nas nuvens do celular do tenente-coronel Mauro Cid, ex-ajudante de ordens de Bolsonaro.

A investigação inicialmente devassou o dia a dia da Presidência da República em 2022 e, meses depois, descobriu a possível fraude no cartão de vacinação de Bolsonaro e aliados, o que motivou a prisão e posterior delação de Cid.

Por outro lado, no inquérito da hostilização de Moraes, o delegado Hiroshi Sakaki Araújo teve de deixar a investigação após incluir em relatório o diálogo entre Roberto Mantovani, suspeito de agredir o filho do ministro, e seu advogado —motivo de revolta na OAB (Ordem dos Advogados do Brasil).

Sakaki era do setor de contrainteligência da PF e foi substituído no inquérito pelo próprio chefe, Thiago Rezende.

As primeiras investigações sobre Bolsonaro foram para a DIP, em 2022, por acaso. A delegada Denisse Ribeiro conduzia o inquérito das milícias digitais, que tinha Bolsonaro como um dos alvos, quando entrou em licença-maternidade.

O delegado Fabio Shor ajudava Denisse no inquérito e havia sido transferido meses antes para a diretoria de inteligência. Ele acabou escolhido para conduzir o caso. A apuração não voltou às mãos da delegada original e permaneceu na DIP.

# TSE usa atalho jurídico sobre anonimato contra fake news

## Sob questionamentos de advogados, nova interpretação embasa multas

**Angela Pinho**

SÃO PAULO Uma nova interpretação dada pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral) a um artigo da Lei Geral das Eleições sobre anonimato nas campanhas tem sido usada para uma série de multas a políticos e, em alguns casos, até eleitores e outras figuras públicas, por conteúdo considerado como desinformação, ainda que tenha autoria clara.

A mudança de entendimento da corte é questionada por advogados da área por ir contra o texto literal da legislação. Por outro lado, parte deles pondera que a medida é uma tentativa do tribunal de não se omitir em relação ao tema em um cenário em que projetos para regulamentar as plataformas digitais emperraram no Congresso.

O artigo 57-D da Lei Geral das Eleições diz que "é livre a manifestação do pensamento, vedado o anonimato durante a campanha eleitoral, por meio da rede mundial de computadores —internet, assegurado o direito de resposta".

A sanção prevista em caso de violação ao dispositivo é de multa de R$ 5.000 a R$ 30 mil.

O TSE foi presidido desde agosto de 2022 pelo ministro Alexandre de Moraes, que deixará a corte nesta segunda-feira (3), quando a ministra Cármen Lúcia irá sucedê-lo no comando do órgão.

A "reinterpretação" do dispositivo, conforme palavra usada por Moraes, teve origem em ação movida contra Nikolas Ferreira (PL-MG) em decorrência de um vídeo publicado em outubro de 2022 pelo bolsonarista.

Na filmagem, o então deputado eleito dizia que Lula havia desviado R$ 242,2 bilhões da saúde pública e reproduzia trecho de declaração em que o petista afirmava o seguinte: "As pessoas que são analfabetas não são analfabetas por sua responsabilidade. Elas ficaram analfabetas porque esse país nunca teve um governo que se preocupasse com a educação".

Em decisão monocrática ainda em dezembro de 2022, Moraes decidiu impor a Nikolas a multa de R$ 30 mil, pelo que entendeu serem declarações inverídicas e gravemente descontextualizadas no vídeo.

O ministro afirmou que os R$ 242,2 bilhões citados foram direcionados a outras rubricas do Orçamento, e não desviados por corrupção, como deu a entender o deputado; e que, na versão original da frase sobre analfabetismo, Lula citava uma série de medidas de seus governos para combater o problema.

Ao defender a reinterpretação do artigo 57-D, Moraes citou na ocasião "o grave contexto de propagação reiterada de desinformação, com inegável impacto na legitimidade das eleições" e a missão do TSE "no combate às fake news na propaganda eleitoral".

Para contestar a leitura literal do artigo, ele argumentou que, "realmente, a partir da leitura do dispositivo, não se mostra viável depreender que o ilícito se restringe à hipótese de anonimato".

Ao analisar recurso de Nikolas em março de 2023, o TSE confirmou o entendimento de Moraes por 6 votos a 1. Ficou vencido o ministro Raul Araújo, que entendeu estar o vídeo dentro dos limites da liberdade de expressão e não ser cabível aplicar o artigo contra anonimato a casos de desinformação.

Desde então, o artigo tem sido aplicado em uma série de decisões na corte —só em abril, foram ao menos seis— e também nos tribunais regionais eleitorais.

A pesquisa de jurisprudência do TSE mostra que bolsonaristas estão entre os mais multados com base no entendimento no artigo.

O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), por exemplo, tem multas acumuladas em R$ 100 mil por afirmações que tratam de associações do PT ao PCC, a imputação ao partido de alegações falsas sobre sexualização de crianças e o chamado a apostadores a fazerem "prova de vida direto nas urnas" votando em Bolsonaro.



**A Justiça Eleitoral tem sido muito feliz em relação a desinformação, mas não tem poderes ilimitados**

**Amanda Cunha**
advogada e membro da Abradep (Associação Brasileira de Direito Eleitoral e Político)

**O melhor caminho era que o legislador previsse multa, mas, enquanto não houver lei específica, o tribunal não pode fechar os olhos para o que está acontecendo**

**Luiz Eduardo Peccinin**
advogado e integrante da Abradep

Seus filhos Flávio e Eduardo, assim como a correligionária Carla Zambelli, também estão entre os que receberam mais de uma multa.

Em caso recente, por outro lado, a sanção foi usada para punir com multa de R$ 5.000 um crítico da senadora Damares Alves (Republicanos-DF) em sua campanha ao cargo.

Com 149 seguidores à época, o perfil @brasiliasemdamares reproduziu texto de um blog com os comentários "é um absurdo" e "brincando com o dinheiro do povo".

O relator do caso no TRE-DF entendeu que o dono da conta deveria ser multado, uma vez que o conteúdo reproduzido por ele continha informações inverídicas, como a de que Damares havia gasto todo o dinheiro do fundo eleitoral para a sua campanha e feito uma vaquinha virtual.

O cantor Latino também foi multado em R$ 5.000, pelo TSE, por publicar vídeo que dizia que Lula e o PT eram favoráveis à implantação de banheiro unissex nas escolas, ao aborto e à liberação das drogas.

Autor de "Liberdade de Expressão e Desinformação em Contextos Eleitorais" (ed. Fórum), Elder Maia Goltzman afirma que a reinterpretação do artigo sobre anonimato pode ter um efeito de dissuadir agentes a praticarem desinformação, em um contexto no qual o Congresso não regulamentou as plataformas digitais.

Ele afirma ainda que a mudança de entendimento não é incomum no tribunal, dada a sua composição rotativa.

Como exemplo, ele cita decisão de que recursos e tempo de propaganda para candidatura de mulheres devem ser divididos entre negras e brancas na exata proporção das candidaturas apresentadas pelas siglas. "A lei não foi expressa nesse sentido e coube à corte esta interpretação", diz.

A advogada Amanda Cunha, membro da Abradep (Associação Brasileira de Direito Eleitoral e Político), avalia por outro lado como problemático o uso do artigo 57-D para coibir desinformação quando não há anonimato.

Segundo ela, a corte nesse caso não promoveu uma mudança de interpretação, mas "a criação de um ilícito que não está na legislação", resultando em arbítrio.

"A Justiça Eleitoral tem sido muito feliz em relação a desinformação, mas não tem poderes ilimitados", diz.

Também integrante da Abradep, o advogado Luiz Eduardo Peccinin avalia que o uso do artigo sobre anonimato para aplicação de multa foi a forma de o TSE encontrar uma sanção intermediária.

"O melhor caminho era que o legislador previsse multa, mas, enquanto não houver lei específica, o tribunal não pode fechar os olhos para o que está acontecendo", afirma.



Alexandre de Moraes em sua última sessão como presidente do TSE, ao lado do procurador-geral da República, Paulo Gonet Pedro Ladeira - 29.mai.2024/Folhapress

*Ombudsman*
Alexandra Moraes estreia em 9 de junho

# Moraes se diz impedido em caso de ameaça, mas mantém prisões

**José Marques e Renato Machado**

BRASÍLIA O ministro do STF (Supremo Tribunal Federal) Alexandre de Moraes se declarou impedido neste sábado (1º) de permanecer no caso da ameaça e perseguição contra membros de sua família.

Ele prosseguirá, porém, com a relatoria relacionada à suspeita do crime de tentativa de abolição do Estado democrático de Direito com emprego de violência ou grave ameaça.

Com isso, Moraes manteve a prisão preventiva dos dois suspeitos que haviam sido presos na sexta-feira (31) pela suspeita de envolvimento nas ameaças, apontando que há "fortes indícios de autoria".

O ministro dividiu o caso em dois. As investigações sobre os crimes de ameaça e perseguição devem ser redistribuídas a outro ministro do STF, já que ele é impedido de atuar nela.

Moraes, porém, afirmou que há provas colhidas nesse caso conectadas às ações que investigam os ataques à democracia, relatadas por ele.

As provas foram encaminhadas para a Polícia Federal, que deverá, em um prazo de 15 dias, apresentar laudos referentes aos aparelhos apreendidos.

"Os fatos narrados pela Procuradoria-Geral da República são graves e, presentes a comprovação de materialidade e fortes indícios de autoria, apontam a intenção consciente e voluntária dos agentes em restringir o exercício livre da função judiciária, notadamente quanto às investigações decorrentes dos atos praticados no dia 8.jan.23", afirma o ministro em sua decisão.

Moraes diz que, por isso, há "presença dos requisitos necessários e suficientes para a manutenção de ambas as prisões preventivas, apontando, portanto, a imprescindível compatibilização entre Justiça Penal e o direito de liberdade, contexto que deve ser considerado".

O ministro menciona que a PGR apontou que o conteúdo de mensagens trocados pelos suspeitos, com referências a "comunismo" e "antipatriotismo", evidenciam "com clareza o intuito de, por meio das graves ameaças a familiares do ministro Alexandre de Moraes, restringir o livre exercício da função judiciária pelo magistrado do Supremo Tribunal Federal à frente das investigações relativas aos atos que culminaram na tentativa de abolição do Estado democrático de Direito [em 8 de janeiro do ano passado]".

Segundo ele, houve um modus operandi semelhante ao que culminou com os ataques golpistas às sedes dos três Poderes, por meio de "instrumentalização das redes sociais por extremistas digitais – as criminosas 'milicias digitais'–, no intuito de coagir a autoridade judiciária que preside os inquéritos [Moraes]".

Após pedido da PGR e ordem de Moraes, a PF prendeu na sexta dois suspeitos de envolvimento em ameaças contra a família do ministro.

Em nota depois da prisão, Moraes reproduziu trecho de pedido da PGR que cita "a gravidade das ameaças veiculadas, sua natureza violenta e os indícios de que há monitoramento da rotina das vítimas".

Um dos presos é o fuzileiro naval Raul Fonseca de Oliveira, sargento lotado no Comando da Marinha. O outro é Oliverino de Oliveira Júnior.

Moraes foi questionado por especialistas pelo fato de ter decidido, na operação realizada pela PF na sexta, sobre um tema que lhe diz respeito.

"A lei brasileira não permite que a vítima julgue o próprio caso", afirmou à coluna Painel, da **Folha**, o presidente da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), Beto Simonetti.

O presidente da OAB avaliou que o STF erra ao julgar pessoas sem foro especial.

Professor de direito da PUC-SP, o advogado Ricardo Sayeg afirmou que a prisão autorizada por Moraes na ocasião era "absolutamente ilegal". "É muito grave ameaçar um ministro do Poder Judiciário e a família dele. Essa gravidade é proporcional ao impedimento dele de ser o magistrado da causa."

Ele citou como base para justificar o impedimento de Moraes o artigo 252 do Código de Processo Penal, que afirma que o juiz não pode exercer jurisdição no processo em que "ele próprio ou seu cônjuge ou parente, consanguíneo ou afim em linha reta ou colateral até o terceiro grau, inclusive, for parte ou diretamente interessado no feito".



**Os fatos [...] são graves e, presentes a comprovação de materialidade e fortes indícios de autoria, apontam a intenção consciente e voluntária em restringir o exercício livre da função judiciária**

**Alexandre de Moraes**
ministro do STF

Em entrevista ao jornal O Globo em janeiro, Moraes disse que as investigações dos ataques golpistas de 8 de janeiro de 2023 revelaram três planos para matá-lo.

"O primeiro previa que as Forças Especiais do Exército me prenderiam em um domingo e me levariam para Goiânia. No segundo, se livrariam do corpo no meio do caminho para Goiânia. Aí, não seria propriamente uma prisão, mas um homicídio", disse o ministro, à época.

"E o terceiro, de uns mais exaltados, defendia que, após o golpe, eu deveria ser preso e enforcado na Praça dos Três Poderes", completou.

Presidente do IBCCrim (Instituto Brasileiro de Ciências Criminais), o advogado Renato Stanziola Vieira concordou que, de forma geral, um ministro não deve julgar um caso em que ele seja parte interessada.



Militares durante desfile de 7 de Setembro no sambódromo do Anhembi, em São Paulo Eduardo Anizelli - 7.set.16/Folhapress

# Forças Armadas vão permitir alistamento feminino pela 1ª vez

Decisão foi tomada pelo Ministério da Defesa para 2025; há divergência sobre número de vagas para mulheres

**Cézar Feitoza**

BRASÍLIA As Forças Armadas vão permitir —pela primeira vez na história— que mulheres participem do alistamento militar para ingresso na carreira de soldado.

A decisão foi tomada pelo ministro da Defesa, José Múcio Monteiro, em conversa com os comandantes militares. A previsão é que as mulheres entrem nas fileiras das Forças em 2026.

"Nesse assunto, o Brasil deve muito. E não é para fazer serviço de enfermagem e escritório, é para a mulher entrar entre os fuzileiros e a infantaria. Queremos mulheres armadas até os dentes", disse Múcio à **Folha**.

Atualmente as mulheres já são autorizadas a entrar nas Forças Armadas por outros meios, como nas escolas que preparam oficiais. A participação feminina, porém, é limitada —só a Marinha libera atuação delas em áreas combatentes, a de fuzileiros navais.

O alistamento feminino será voluntário e, pelos planos da Defesa, deve ser permitido às mulheres que completarem 18 anos em 2025. O modelo é semelhante ao serviço militar masculino, mas no caso delas sem a obrigatoriedade de se apresentarem às Forças.

Apesar do acerto entre todos os chefes militares, há divergências sobre a quantidade de vagas que devem ser reservadas às mulheres —desacerto que será levado para decisão de Múcio.

O ministro da Defesa havia determinado que as vagas reservadas às mulheres crescessem gradativamente até alcançar 20% das cerca de 85 mil pessoas que entram no serviço militar anualmente.

As vagas são, em maioria, destinadas ao Exército (75 mil), acompanhado da Aeronáutica (7.000) e da Marinha (3.000).

O Alto Comando do Exército discutiu a proposta de inclusão das mulheres no alistamento militar em sua última reunião, entre os dias 13 e 17 de maio. Os 16 generais da cúpula da Força participaram do encontro.

Segundo relatos feitos à **Folha**, na ocasião foi apresentado o resultado de estudos do Estado-Maior do Exército. Eles sugerem que sejam abertas de 1.000 a 2.000 vagas para as mulheres em 2025, com prioridade para áreas em que haja presença feminina, como hospitais, escolas e bases administrativas.

O plano interno é aumentar gradativamente as vagas até chegar a 5.000 —número menor que o apresentado por Múcio, já que os 20% representam 15 mil vagas no Exército.

A justificativa interna é que não é possível saber quantas mulheres vão buscar o alistamento militar. É preciso também ajustar as instalações para a chegada das mulheres, com separação de dormitórios e adaptação de banheiros.

Os dados ainda não foram apresentados ao ministro. "Acho 1.000 pouco. Vou pedir uma programação, para ver em quantos anos chegará aos 20%", disse Múcio.

O serviço militar tem duração de 12 meses prorrogáveis até o limite de 96 meses. O jovem ingressa como soldado e, com o tempo máximo permitido, pode deixar a Força como 3º sargento.

A professora Adriana Marques, da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), avalia que a inclusão de mulheres no serviço militar, via alistamento, não é a abordagem correta para se "buscar equidade de gênero nas Forças Armadas".

"Nós só vamos conseguir assegurar equidade de gênero nas Forças Armadas quando as mulheres puderem ingressar nas armas de combate. Isso que eles estão fazendo é uma demagogia", afirma.

Adriana é crítica ao Serviço Militar Obrigatório porque ele não forma soldados profissionais. As pessoas alistadas ficam, geralmente, um ano em unidades militares e não cumprem funções relacionadas à defesa nacional, como limpeza de quartéis. "Esse padrão do serviço militar obrigatório, que elas ficam um ano, [...] elas não vão formar uma carreira."

A PGR (Procuradoria-Geral da República) entrou com três ações no STF (Supremo Tribunal Federal) pedindo que sejam consideradas inconstitucionais as barreiras impostas pelas Forças Armadas para a participação feminina.

A Procuradoria pede que as mulheres possam entrar em todas as funções (no jargão militar chamadas de armas) sem restrições de vagas e com livre concorrência.

O governo Lula (PT) se posicionou contra o fim das restrições. Em um dos documentos que embasaram a posição do Executivo, o Exército disse que a inclusão de mulheres em determinadas funções pode comprometer o desempenho militar numa situação de combate por causa da "fisiologia feminina".

"É necessário reconhecer que a fisiologia feminina, refletida na execução de tarefas específicas na zona de combate, pode comprometer o desempenho militar em operações de combate, dependendo do ambiente operacional", diz trecho do documento do Exército.

A Marinha foi a primeira das Forças a abrir suas fileiras para as mulheres, em 1980. As primeiras inscrições femininas para o curso de fuzileiros navais, porém, só ocorreram no último ano.

As mulheres ocupam 8.420 dos cerca de 75 mil cargos ativos na Marinha —total de 11%, segundo dados do início do ano.

Na Aeronáutica, as mulheres representam pouco mais de 20% do efetivo (14.118 mulheres num total de 67.605 militares) e são impedidas de entrar na infantaria —arma responsável pelo combate a pé.

O Exército permite a entrada de mulheres em seus quadros desde 1992. A participação feminina, porém, avançou pouco: elas representam somente 6% do efetivo da Força Terrestre —13.017 num universo de mais de 212 mil militares ativos.

As mulheres não podem entrar nas armas consideradas mais combatentes do Exército: cavalaria, infantaria, artilharia e engenharia.

Os militares que ingressam nessas funções são os responsáveis por ocupar a linha de frente em batalhas, conduzindo armas e blindados para o confronto, ou apoiar as ações com canhões e construções de pontes improvisadas.

José Múcio conta que o plano de inclusão de mulheres amadureceu durante este ano, enquanto as Forças eram alvos das ações no STF. O ministro também visitou diversos países e conheceu a realidade da participação feminina em exércitos estrangeiros.

"No Chile, há um quantitativo bem elevado de mulheres", disse o ministro.

Múcio visitou o país em abril e conversou com a ministra da Defesa chilena, Maya Fernández Allende —neta de Salvador Allende, presidente do Chile deposto e assassinado antes da ditadura militar de Augusto Pinochet.

O ministro também conheceu a realidade de Portugal. Em entrevista à **Folha**, a ex-ministra da Defesa portuguesa Helena Carreiras disse que as Forças Armadas devem eliminar restrições às mulheres para não se tornarem "monolíticas".

"Organizações que não aceitam a diversidade, que são monolíticas, são instituições que vão definhar, que não vão entender e enfrentar os desafios da complexidade de tarefas que têm pela frente."

> "Nesse assunto [participação de mulheres nas Forças Armadas], o Brasil deve muito. [...] Queremos mulheres armadas até os dentes"
>
> **José Múcio Monteiro**
> ministro da Defesa



> A fisiologia feminina, refletida na execução de tarefas específicas na zona de combate, pode comprometer o desempenho militar em operações de combate, dependendo do ambiente operacional
>
> **Exército Brasileiro**
> em documento

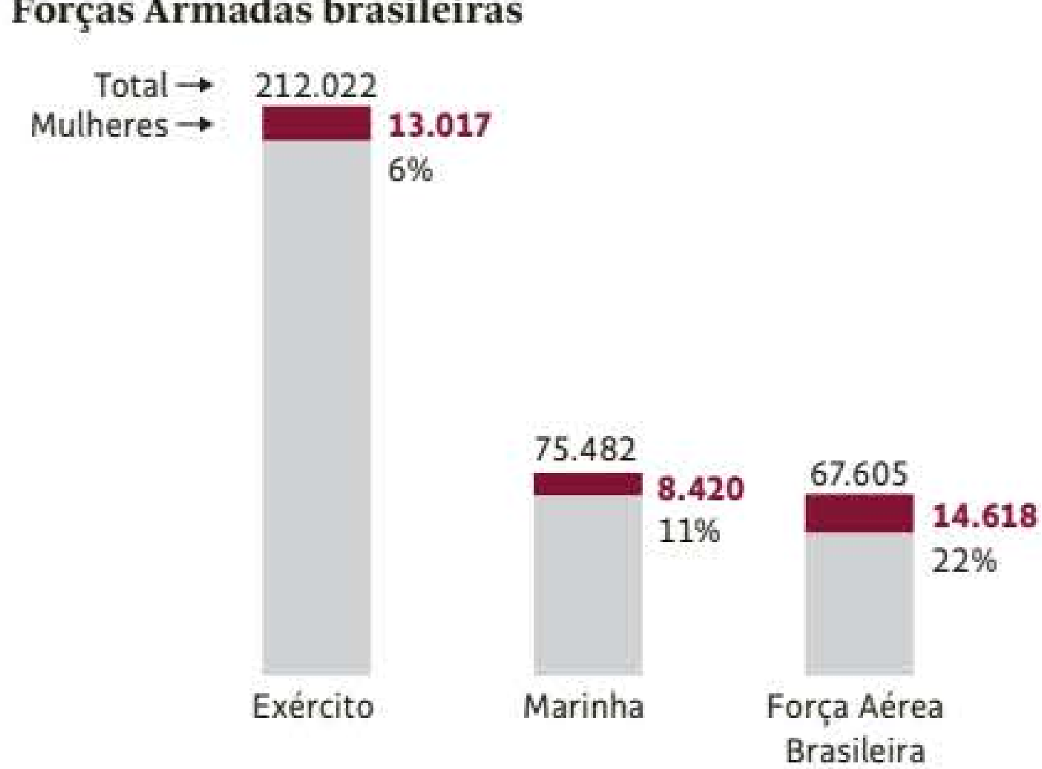
**1.000 a 2.000**

vagas devem ser abertas para mulheres no alistamento militar, segundo sugestão de estudos do Estado-Maior do Exército; número é considerado baixo pelo Ministério da Defesa

**Mulheres nas Forças Armadas brasileiras**




Dados da Otan se referem a 2020; do Brasil, a 2023
Fontes: Otan e Forças Armadas




Fonte: Forças Armadas

*Elio Gaspari*
O colunista está em férias

# O plano fiscal de Tarcísio

## Editoriais mostram governador fazendo o que Haddad já faz

**Celso Rocha de Barros**
Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra) e autor de "PT, uma História"

*Nos últimos dias, os três maiores jornais do país, inclusive esta **Folha** ("Plano de SP prevê o que todos deveriam fazer", dia 24 de maio), O Globo ("São Paulo mostra a Brasília como fazer ajuste de gastos", 27 de maio) e O Estado de S. Paulo ("São Paulo aponta o caminho das pedras", 24 de maio), escreveram editoriais apoiando o plano de ajuste fiscal anunciado pelo governador Tarcísio de Freitas e contrastando-o com um suposto desinteresse do governo Lula pelas contas públicas.*

*Esse contraste é falso.*

*Nesses debates, é sempre bom que as propostas sejam acompanhadas de números e estimativas. Os editoriais da **Folha** e do Globo citam duas estimativas, o dobro do número apresentado no editorial do Estadão.*

*A primeira é um cálculo do que São Paulo economizará com a revisão de benefícios fiscais. É exatamente a mesma coisa que Haddad está fazendo no governo federal, com a diferença de que Tarcísio começou a mexer nisso com um ano e meio de atraso. Acho bom que Tarcísio reveja privilégios fiscais, pelos mesmos motivos que apoio a política econômica de Haddad.*

*Agora, quando Haddad leva essas propostas para o Congresso, os amigos bolsonaristas de Tarcísio votam contra a revisão dos privilégios. Se o que Tarcísio propôs está certo, a bancada bolsonarista vota errado. O governador de São Paulo vai dar a ordem para que votem diferente? Ou nem essa margem de manobra Jair lhe dá?*

*A outra estimativa presente nos editoriais é a redução da dívida por renegociação com o governo federal. Ou seja, parte grande do plano de Tarcísio que os editorialistas defenderam como contraste com a política de Haddad consiste em pedir dinheiro ao Haddad.*

*Talvez faça sentido renegociar a dívida paulista, mas se renegociar dívida conta como rigor fiscal, um monte de gente na esquerda merece pedidos de desculpas do mercado.*

*No que se refere a corte de gastos, não há nada específico no plano de Tarcísio, mas isso é bom. Cortes de gastos, como investimentos, têm que ser bem planejados. Tarcísio anunciou que haverá estudos para saber onde dá para cortar. Está certo.*

*Mas no âmbito do governo federal o ministério de Simone Tebet já vem fazendo isso desde 2023. Se o editorialista do Estadão reclama que Lula não ouve as propostas da ministra sobre desvinculação do piso da Previdência, deveria, ao menos, ouvi-la sobre o trabalho que vem sendo feito.*

*E aí chegamos no ponto principal: os editoriais estão mostrando Tarcísio fazendo, com um ano e meio de atraso, o que Haddad já faz, enfrentando a oposição bolsonarista; e estão usando isso para pedir que Haddad faça coisas incomparavelmente mais difíceis politicamente (e arriscadas), como desvincular o piso da Previdência do salário mínimo ou revisar os pisos de gastos com educação e saúde.*

*A propósito: se Lula fizer, digamos, a desvinculação do piso da Previdência, o que circulará nos grupos de WhatsApp das igrejas que apoiam Tarcísio? "Realmente, o vão está preocupado com as contas públicas"? Ou "Lula mata velhos para implantar comunismo"?*

*Todo mundo tem o direito de apoiar quem quiser para presidente. Mas este governo descrito nos editoriais, que se preocupa mais que Haddad com as contas públicas, não é o governo Tarcísio. É um governo imaginário, que não ganhou eleição em lugar nenhum.*

| DOM. Elio Gaspari, Celso Rocha de Barros | SEG. **Deborah Bizarria**, Camila Rocha | TER. Joel Pinheiro da Fonseca | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Marcos Augusto Gonçalves | SÁB. Demétrio Magnoli



O prefeito da capital, Ricardo Nunes (MDB), e o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) Zanone Fraissat - 28.jan.2024/Folhapress

# Tarcísio afaga Nunes e prepara mergulho na campanha dele

## Governador apoia prefeito de SP, mas quer evitar agressividade contra Boulos

**Ana Luiza Albuquerque**

**SÃO PAULO** Era aniversário da capital paulista, e algumas semanas haviam se passado desde o anúncio de que o ex-presidente Jair Bolsonaro e seu partido, o PL de Valdemar Costa Neto, enfim apoiariam a reeleição do prefeito Ricardo Nunes (MDB). Naquele 25 de janeiro, o emedebista e o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos), que vinha defendendo sua pré-candidatura, participaram lado a lado de agendas para anunciar medidas conjuntas para a cidade.

Os dois trocaram afagos, se chamaram de irmãos e consolidaram o discurso de alinhamento e sinergia entre prefeitura e estado que repetiriam nos meses seguintes, à medida que se aproxima o período eleitoral. "Quem conhecer teu coração vai te admirar cada vez mais, como eu já te admiro", disse Tarcísio ao aliado.

O entorno do governador avalia que ele deve oferecer um apoio firme a Nunes ao longo da campanha —nos limites do que for viável, considerando que Tarcísio tem a máquina estadual para gerir. Alguns aliados apostam que ele deve participar de inserções na televisão e dividir palanque com o prefeito.

Se Guilherme Boulos (PSOL), principal adversário de Nunes e representante do presidente Lula (PT) na disputa, abrir vantagem nas pesquisas, é provável que Tarcísio se engaje ainda mais na campanha.

Pessoas próximas dizem que o governador irá trabalhar para que Boulos não saia vitorioso. A avaliação é que a eleição do deputado federal atrapalharia ações em conjunto com a prefeitura, já que Boulos representa e defende um projeto muito diferente do de Tarcísio.

Aliados afirmam que é importante que a relação com a administração municipal esteja pacificada. Desde janeiro, o governador tem repetido que as duas gestões precisam trabalhar juntas para alcançar sucesso.

"Eu já manifestei meu apoio à pré-candidatura dele", disse Tarcísio na terça-feira (28) ao ser questionado pela **Folha** sobre sua participação na campanha de Nunes. "Tem sido uma pessoa muito fácil de trabalhar, tem ajudado. A gente está caminhando na mesma direção, o diálogo flui. Acho que isso é interessante para a cidade e para o estado de São Paulo."

Por outro lado, aliados dizem que o governador não irá adotar um discurso agressivo contra Boulos. Isso porque, primeiro, Tarcísio deseja manter a imagem de racionalidade e moderação que o elegeu em 2022. Depois porque, se o rival for eleito, o governador precisará recebê-lo no dia a dia e construir uma relação —por isso, é importante evitar traumas ao longo da campanha.

Pessoas que conversam com Nunes e Tarcísio ressaltam que os dois têm feito agendas juntos, se falam com frequência, têm uma boa relação pessoal e estão alinhados.

O entorno do prefeito entende que o governador será um cabo eleitoral fundamental para a transferência de votos e que é importante que os dois continuem a fazer entregas e aparecer juntos.

"O apoio do governador à candidatura é muito importante do ponto de vista eleitoral", diz o secretário municipal Enrico Misasi, presidente do MDB na capital. "Mais do que isso, é a garantia de que o governo e a prefeitura vão continuar trabalhando juntos."

Em abril, um jantar de apoio à reeleição de Nunes reuniu integrantes de 10 partidos, incluindo nomes de peso da política paulistana, como o próprio Tarcísio, o presidente nacional do MDB, Baleia Rossi, o ex-presidente Michel Temer (MDB) e o secretário Gilberto Kassab (PSD).

Aliados de Nunes avaliam que o encontro sinalizou a construção de uma frente ampla de direita, que terá como primeiro teste a eleição em São Paulo. Segundo essa avaliação, o pleito de outubro na cidade será um espelho para o resto do país. Nesse sentido, uma vitória indicaria o fortalecimento do grupo em oposição à gestão Lula, representada por Boulos.

> **Eu já manifestei meu apoio à pré-candidatura dele [Nunes]. Tem sido uma pessoa muito fácil de trabalhar, tem ajudado. A gente está caminhando na mesma direção, o diálogo flui**
>
> **Tarcísio de Freitas (Republicanos)**
> governador de São Paulo

> **O apoio do governador à candidatura é muito importante do ponto de vista eleitoral**
>
> **Enrico Misasi**
> presidente municipal do MDB e secretário da gestão Nunes

**24% e 23%**
são os percentuais de intenções de voto, respectivamente, em Guilherme Boulos (PSOL) e Ricardo Nunes (MDB), segundo pesquisa Datafolha divulgada na quarta-feira (29); os dois estão tecnicamente empatados em primeiro lugar

**24%**
dos entrevistados dizem que não votariam de jeito nenhum em Nunes; Boulos é o pré-candidato com maior rejeição (32%)

**45%**
afirmam que não votariam de jeito nenhum em um candidato a prefeito apoiado por Tarcísio, enquanto 18% respondem que o apoio do governador levaria a escolher com certeza o nome recomendado

O instituto Datafolha ouviu 1.092 eleitores na segunda (27) e na terça (28). A pesquisa, encomendada pela **Folha** e registrada no Tribunal Superior Eleitoral sob o código SP-08145/2024, tem margem de erro de três pontos para mais ou menos

Assim, eles acreditam que Tarcísio também tem interesse direto no sucesso de Nunes e dessa composição, que poderá integrar sua base de apoio em 2026, seja para a reeleição ou para a Presidência. Uma derrota do prefeito sinalizaria o fortalecimento da esquerda em âmbito nacional, o que iria de encontro aos planos e convicções do governador.

Em janeiro, Tarcísio já havia reverberado a ideia da frente ampla, defendida pelo entorno do prefeito.

"A gente está construindo uma frente ampla de aliança, uma frente ampla de apoio ao Ricardo Nunes", disse o governador à época.

Nunes e Tarcísio se conheceram quando o governador era ministro da Infraestrutura de Bolsonaro, e as administrações federal e municipal negociavam a dívida da cidade com a União e o uso do aeroporto Campo de Marte. Os dois se aproximaram, porém, apenas no ano passado, ao longo do primeiro ano de gestão Tarcísio.

O governador, que costuma ser fustigado por bolsonaristas que o acusam de não defender valores ideológicos importantes para o grupo, embarcou na pré-candidatura de Nunes antes de Bolsonaro. Avaliado por pessoas próximas como uma pessoa pragmática, Tarcísio aderiu à tese de que a direita precisaria apoiar um candidato moderado para vencer Boulos na capital, onde Lula obteve 53% dos votos no segundo turno de 2022.

Bolsonaro chegou a sinalizar apoio à pré-candidatura de Ricardo Salles (PL), ex-ministro do Meio Ambiente de sua gestão, mas ele não conseguiu sustentação no partido para se viabilizar. O PL de Valdemar Costa Neto também não permitiu que ele deixasse a legenda para se candidatar por outra sigla, mantendo o mandato na Câmara dos Deputados.

"São Paulo merece realmente um nome de uma pessoa que vá fazer pelo município e não fazer por um partido", afirmou o ex-presidente a jornalistas em dezembro. "Salles prefeito", emendou.

Algumas semanas depois, porém, Tarcísio, Bolsonaro e Valdemar pactuaram o apoio a Nunes, que foi anunciado pelo presidente do PL, com a expectativa de participar da indicação do vice. Segundo o entorno do ex-presidente, inelegível e na mira da Polícia Federal, ele não teve força naquele momento para bancar a pré-candidatura de Salles, o que significaria ir contra o governador e a direção da sigla.

No fim, o ex-ministro desistiu da corrida eleitoral a pedido de Bolsonaro e também porque quis evitar ser responsabilizado por eventual vitória de Boulos, caso conseguisse chegar ao segundo turno e perdesse para o aliado de Lula.

# Mídia tem confiança maior que redes em SP

## Pesquisa Datafolha aponta que, para paulistanos, jornal, TV e rádio são fontes mais seguras sobre notícias de eleição

**Igor Gielow**

SÃO PAULO O morador da cidade de São Paulo confia mais na mídia profissional do que nas redes sociais na hora de se informar sobre a eleição municipal deste ano.

É o que revela pesquisa do Datafolha sobre hábitos de consumo de informação dos paulistanos, feita nos dias 27 e 28 de maio com 1.092 eleitores. A margem de erro é de três pontos percentuais, e o levantamento, contratado pela **Folha**, está registrado no TSE sob o número SP-01845/2024.

Os jornais impressos lideram numericamente esse ranking de confiabilidade, com 49% dos ouvidos relatando confiar na informação por eles publicadas. Já 11% dizem confiar parcialmente e 38% não confiam no que é veiculado.

Na sequência, no mesmo patamar, vêm os programas jornalísticos de rádio (48%, 13% e 36%, respectivamente) e de TV (46%, 15% e 38%).

O X (antigo Twitter) é a rede social mais bem colocada, marcando 31%, 15% e 52%, enquanto as outras citadas ficam em patamar bem mais abaixo, flutuando em torno de 14% de confiabilidade e 70% de desconfiança total.

O WhatsApp, rede campeã de audiência na cidade, com 88% de moradores a utilizando, só é visto como veículo confiável de notícias de política ou eleições por 13%. Outros 14% confiam em parte no que leem e 72%, não confiam.

Este é um cenário que repete o que já foi aferido pelo Datafolha em outras pesquisas nacionais. No Brasil, os disparos em massa associados inicialmente ao bolsonarismo em 2018, eivados de desinformação, viraram tema central do embate entre o STF (Supremo Tribunal Federal) e as big techs, que controlam o negócio digital.

Um contingente de 40% dos usuários de WhatsApp na cidade de São Paulo costuma se informar sobre política e o pleito municipal na rede social. Outros 27% dizem compartilhar notícias sobre o tema nela.

Outras duas redes sociais também se destacam no fluxo de informação política: o Instagram tem índice de 41% de leitura e 18% de compartilhamento, enquanto o Facebook registra 38% e 18%, respectivamente.

Elas são menos usadas, contudo, do que o WhatsApp na cidade: 68% têm conta no Instagram e 65%, no Facebook. Costumam utilizar o YouTube 60% dos consultados, com índice menor de leitura política dos vídeos da rede (30%) e compartilhamento (10%).

Outras redes são menos usadas, vindo a seguir no ranking o TikTok (33% de usuários), o LinkedIn (28%), o Telegram (26%), o X (17%) e o Kwai (5%). O Threads, nascido para ser o "Twitter do Instagram", foi citado por menos de 1%.

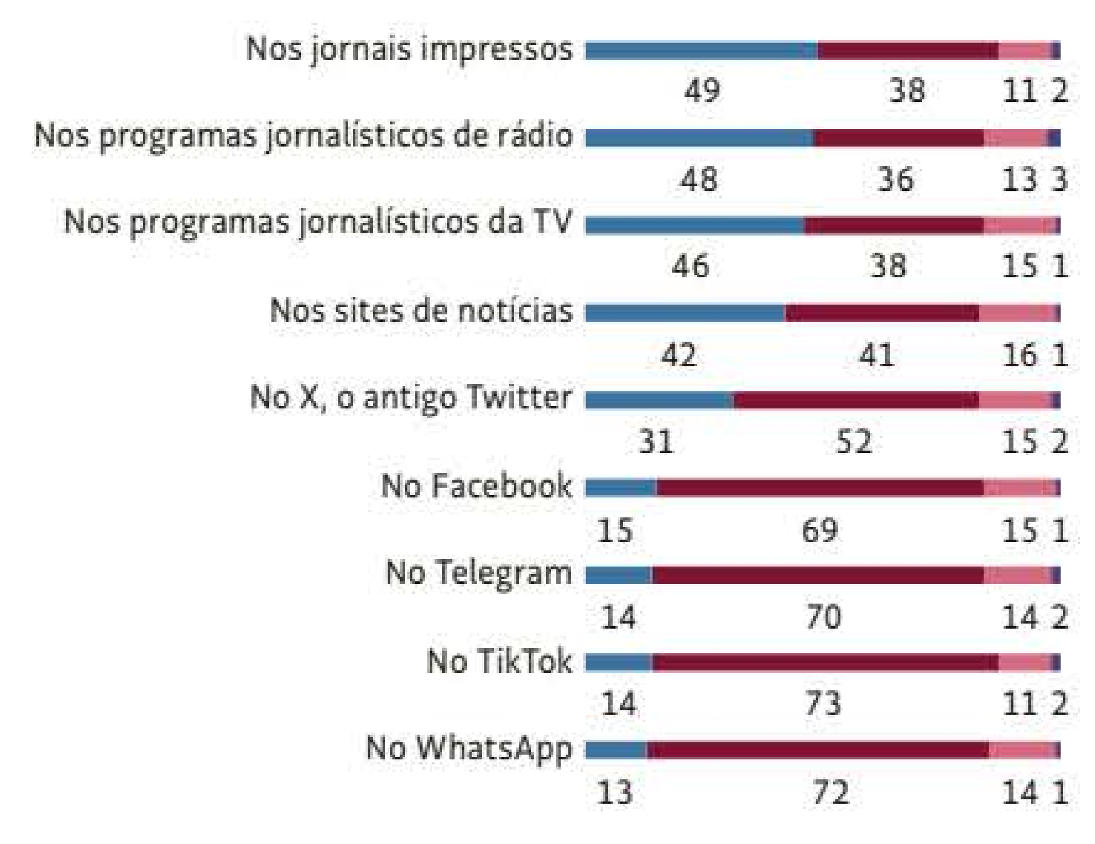
Todas elas têm baixo índice de aplicação quando o assunto é política —todas abaixo de 13% de índice de leitura e de 6% para compartilhamento de notícias da área.

O Datafolha mostra que 89% dos paulistanos têm redes sociais, índice que vai a praticamente 100% nos segmentos mais jovens, mais instruídos e mais ricos. Entre os mais velhos (60 anos ou mais), ele é de 75%; entre os mais pobres (renda mensal de até 2 salários mínimos), 82%; entre os menos instruídos (quem tem ensino fundamental), 68%.

**Pesquisa Datafolha: Opinião sobre Mídia e Política**

**Paulistanos confiam mais no jornalismo profissional do que nas redes sociais**

Resposta estimulada e única, em %




**80% dos paulistanos buscam mais informações quando desconfiam de notícias nas redes sociais ou aplicativos**

Resposta estimulada e única, em %

80 Sim, busca mais informações — 20 Não busca mais informações

**Maioria diz checar se a informação é verdadeira antes de compartilhar**

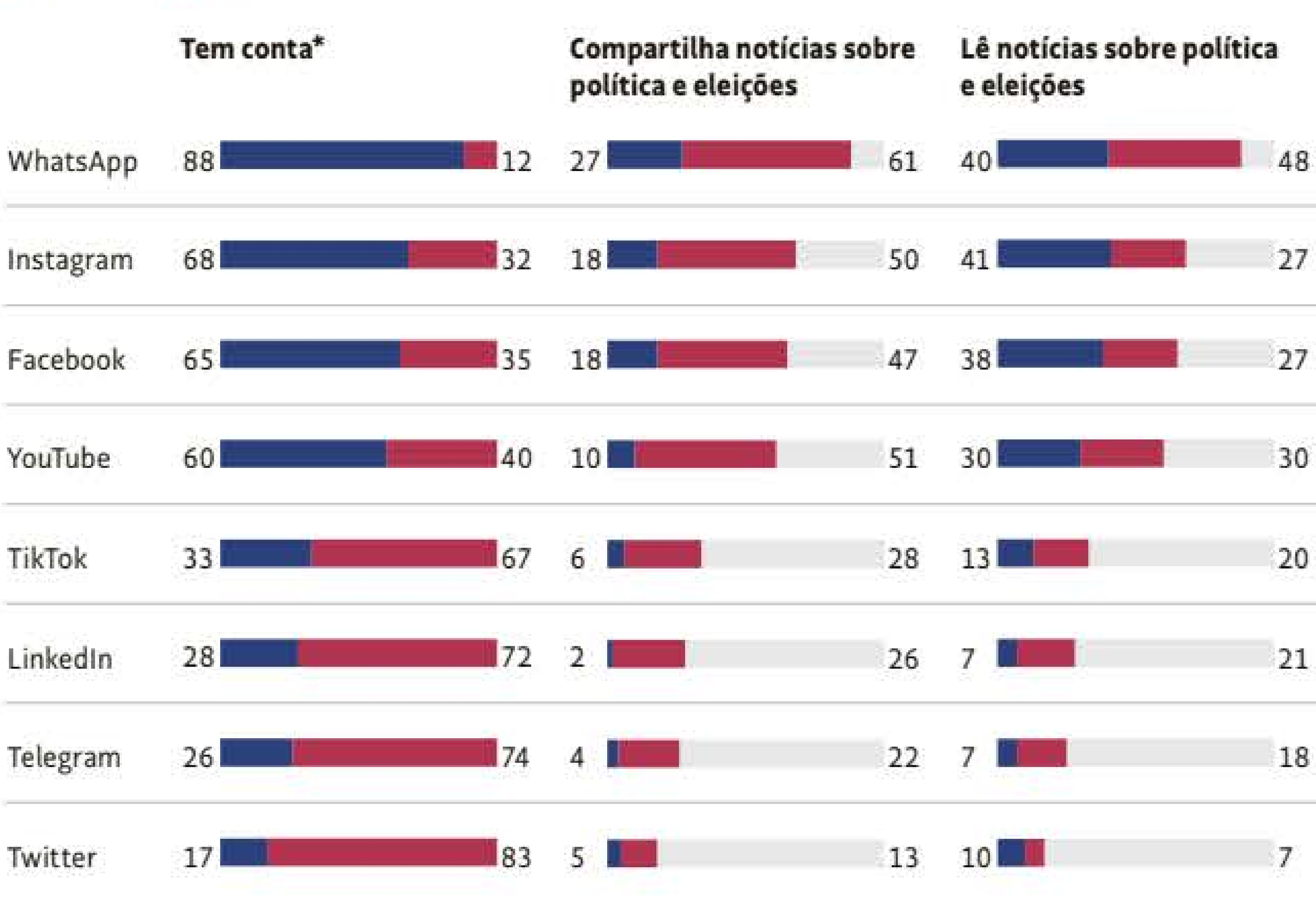
Resposta estimulada e única, em %

83 Sim, costuma checar — 17 Não costuma checar

Fonte: Pesquisa Datafolha realizada presencialmente, com 1.092 pessoas de 16 anos ou mais em São Paulo nos dias 27 e 28 de maio; margem de erro de 3 pontos para mais ou para menos. Registro na Justiça Eleitoral sob o protocolo TRE-SP 08145/2024

**40% leem e 27% compartilham notícias sobre política e eleições no WhatsApp**

Resposta estimulada e única, em %




*5% dos respondentes têm conta no Kwai e menos de 1% no Threads

Fonte: Pesquisa Datafolha realizada presencialmente, com 1.092 pessoas de 16 anos ou mais em São Paulo nos dias 27 e 28 de maio; margem de erro de 3 p.p., para mais ou para menos. Registro na Justiça Eleitoral sob o protocolo TRE-SP 08145/2024

# Sorocaba tem direita dividida para eleição municipal

**Marcelo Toledo**

RIBEIRÃO PRETO O cenário pré-eleitoral em Sorocaba apresenta até aqui seis nomes que poderão participar do pleito à prefeitura em outubro —todos já conhecidos das urnas para os eleitores locais.

A dois meses das convenções partidárias, a direita se dividiu, com o PL lançando pré-candidato —a previsão era que o partido estaria junto ao atual prefeito na disputa.

Dentre os pré-candidatos, anunciados por seus partidos ou por eles próprios, três disputaram o cargo de chefe do Executivo municipal na última eleição, enquanto os outros três já se candidataram a vereador, vice-prefeito ou deputado estadual.

Governada por Rodrigo Manga (Republicanos) desde o início de 2021, Sorocaba terá na disputa da próxima eleição municipal o atual ocupante do cargo, assim como Renan Santos (PDT) e Carlos Peper (Solidariedade), que concorreram ao posto quatro anos atrás.

Na relação de pré-candidatos, estão ainda o deputado estadual Danilo Balas (PL), a ativista Miriam Algarra (Rede) e o sindicalista Paulinho dos Condutores (PT).

Presidente nacional do PL, Valdemar Costa Neto anunciou no fim de abril que Balas era pré-candidato à prefeitura pela legenda.

A expectativa, até então, era a de que o PL estaria entre os partidos que apoiariam Manga na nova disputa eleitoral, inclusive com a expectativa de indicação do vice. Houve, porém, um recuo nas conversas.





A partir da esq., Rodrigo Manga (Republicanos), Danilo Balas (PL), Renan Santos (PDT), Paulinho dos Condutores (PT), Miriam Algarra (Rede) e Carlos Péper (Solidariedade) Reprodução Facebook

O deputado estadual, que está em seu segundo mandato e é agente da Polícia Federal, disse em entrevista a uma rádio local que a intenção inicial era compor com o Republicanos, mas que seu nome foi escolhido por seus aliados após o atual prefeito não ter cumprido um acordo com o grupo.

Já Manga obteve na última semana o apoio de oito partidos: Avante, DC, PSD, Mobiliza, MDB, Podemos, PMB e União Brasil.

O professor universitário Renan Santos, por sua vez, poderá disputar pela segunda vez a prefeitura, novamente pelo PDT. Eleito vereador, exerceu seu mandato entre 2017 e 2020, ano em que buscou o posto de prefeito.

Já Paulinho dos Condutores é membro do sindicato dos rodoviários da região de Sorocaba e tentou ser vice-prefeito na última eleição, na chapa com Raul Marcelo (PSOL), que não chegou ao segundo turno por pouco mais de 3.000 votos.

Miriam Algarra, por sua vez, tentou uma vaga à Câmara municipal na eleição de 2020, quando estava no PT e ficou na suplência. Dois anos depois, tentou sem sucesso ser eleita deputada estadual. Se confirmada sua candidatura, será a primeira disputa dela à prefeitura.

Já Peper, jornalista e radialista, é formado em gestão pública e é atualmente vice-presidente do Solidariedade.

Segunda cidade mais populosa do interior, com 723.682 habitantes, conforme o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), Sorocaba teve uma eleição apertada em 2020, ano em que oito nomes tentaram chegar à prefeitura.

A disputa foi vencida por Manga num segundo turno apertado contra a então prefeita, Jaqueline Coutinho (à época no PSL). Após obter 39,42% dos votos válidos no turno inicial, ante 16,63% da ex-prefeita, no segundo turno o atual chefe do Executivo municipal somou 52,58% dos votos, enquanto Jaqueline obteve 47,42%.

Renan Santos registrou 3,38% dos votos válidos, e Peper, 0,53%.

**+ Pré-candidatos à Prefeitura de Sorocaba**

- Carlos Peper (Solidariedade)
- Danilo Balas (PL)
- Miriam Algarra (Rede)
- Paulinho dos Condutores (PT)
- Renan Santos (PDT)
- Rodrigo Manga (Republicanos)

**CALENDÁRIO ELEITORAL**

**6.abr**
Data-limite para o registro partidário

**20.jul a 5.ago**
Convenções

**15.ago**
Prazo para o registro de candidaturas

**30.ago a 3.out**
Propaganda eleitoral no rádio e na TV

**6.out**
Primeiro turno

**27.out**
Segundo turno

# México vai às urnas para decidir se continua com projeto AMLO

País se prepara para eleger 1ª mulher presidente após campanha violenta

**Mayara Paixão**

CIDADE DO MÉXICO Os números, por si só, já tornariam históricas as eleições deste domingo (2) no México, o segundo país mais populoso e a segunda maior economia da América Latina, atrás só do Brasil.

São mais de 20,7 mil cargos em disputa. Estão em jogo a Presidência, todas as vagas do Congresso e mais milhares de cargos a nível estadual e municipal. São ainda 99 milhões de eleitores em um universo de 129,4 milhões de habitantes. Trata-se da maior eleição da história mexicana.

Aos números vultosos se soma a singularidade da disputa: após seis anos de governo daquele considerado o primeiro presidente à esquerda da história do país, o que está em jogo nos mais de 170 mil centros de votação espalhados pelo território é uma aprovação (ou reprovação) de Andrés Manuel López Obrador, comumente chamado de AMLO.

Das 8h às 18h no horário local (11h às 21h de Brasília) do domingo, os milhões de eleitores de perfil majoritariamente jovem vão preencher uma porção de cédulas eleitorais —uma para cada cargo a ser eleito— para definir quem comanda o próximo sexênio da história mexicana.

A Constituição diz que o voto é obrigatório, mas não há punição para os eleitores que escolherem não votar.

Larga na frente nas pesquisas, com vantagem, a apadrinhada de AMLO, Claudia Sheinbaum, ex-chefe de governo da Cidade do México. Na sequência estão a ex-senadora Xóchitl Gálvez, representante da tríade de partidos tradicionais PRI-PAN-PRD e o azarão Jorge Álvarez Máynez, do partido Movimento Cidadão.

Mas quase em uníssono, analistas ponderam que o que está em jogo transcende esses nomes. A escolha é entre apoiar a continuidade do projeto de AMLO, um político tradicional que guinou ao populismo, ou rechaçá-lo, no que apelidam de "voto de castigo", ou voto de protesto.

Proibido pela Carta Magna de concorrer à reeleição, López Obrador é consideravelmente popular. Em uma pesquisa do jornal El Financiero de abril, ele tinha exatos 60% de apoio. Com um discurso nacionalista, uma personalidade carismática e uma porção de programas sociais, ele aparentemente logrou transferir esse capital político para Claudia Sheinbaum, a preferida à vitória neste pleito.

Acadêmicos são críticos às posturas de AMLO contra instituições fundamentais da democracia. Ele tentou mudar regras do instituto eleitoral e da Suprema Corte e é um dos mais afeitos líderes contra a imprensa independente.

Hoje seu partido, o Morena, possui maioria simples no Congresso Nacional, mas não maioria qualificada —ao menos 2/3 dos votos na Câmara e no Senado—, que permite aprovar essas mudanças.

Há forte expectativa de que neste pleito o Morena a obtenha, junto com o PT e o Partido Verde, da coalizão. Neste cenário, aprovar esse pacotão polêmico seria mais fácil.

"Esse foi um governo que aplicou uma boa quantidade de políticas que a direita faria com gosto em matéria econômica, em especial a austeridade fiscal, mas com a alegação de que era uma política de esquerda", afirma o cientista político Francisco Valdés.

O pesquisador da Unam (Universidade Nacional Autônoma do México) é especialmente crítico ao modelo de assistência social do governo. "Políticas de transferência direta de renda são boas se há apoio complementar, que mude a estrutura. Mas no México a tendência foi derramar dinheiro em busca de criar uma clientela social."

Durante os anos de AMLO no poder, a fatia do orçamento destinada a programas sociais cresceu 197,9%. O principal salto foi na pensão dada a maiores de 65 anos, que teve aumento de 215% em relação a 2019, primeiro ano de fato de seu governo, e este 2024.

Segundo dados oficiais, a parcela em situação de pobreza no México teria diminuído para 36,3% em 2022 contra 41,9% em 2018, ano em que Manuel López Obrador assumiu o governo. Isso ignorando o pandêmico 2020, quando o índice chegou a 43,9%.

Os números são questionados por alguns especialistas. Um dos motivos é o fato de a diminuição substancial ter ocorrido na pobreza moderada (de 34,9% a 29,3%) e não na pobreza extrema, que ficou praticamente estável (de 7% para 7,1%), nesta comparação.

AMLO também operou uma mudança no salário mínimo, com aumento de 110% do montante de 2018 a este 2024.

Sheinbaum promete seguir com o assistencialismo e ampliá-lo. Xóchitl, por sua vez, após inúmeras acusações de AMLO de que pretendia acabar com essas políticas, disse que não o fará, mas que quer torná-las mais eficientes.

Para tamanho investimento social, a pergunta que fica é: de onde sairá o dinheiro? Especialistas dizem que uma reforma fiscal é iminente, ainda que nenhum governo queira colocar o tema em pauta para evitar que a polêmica de aumentar impostos drene sua popularidade.

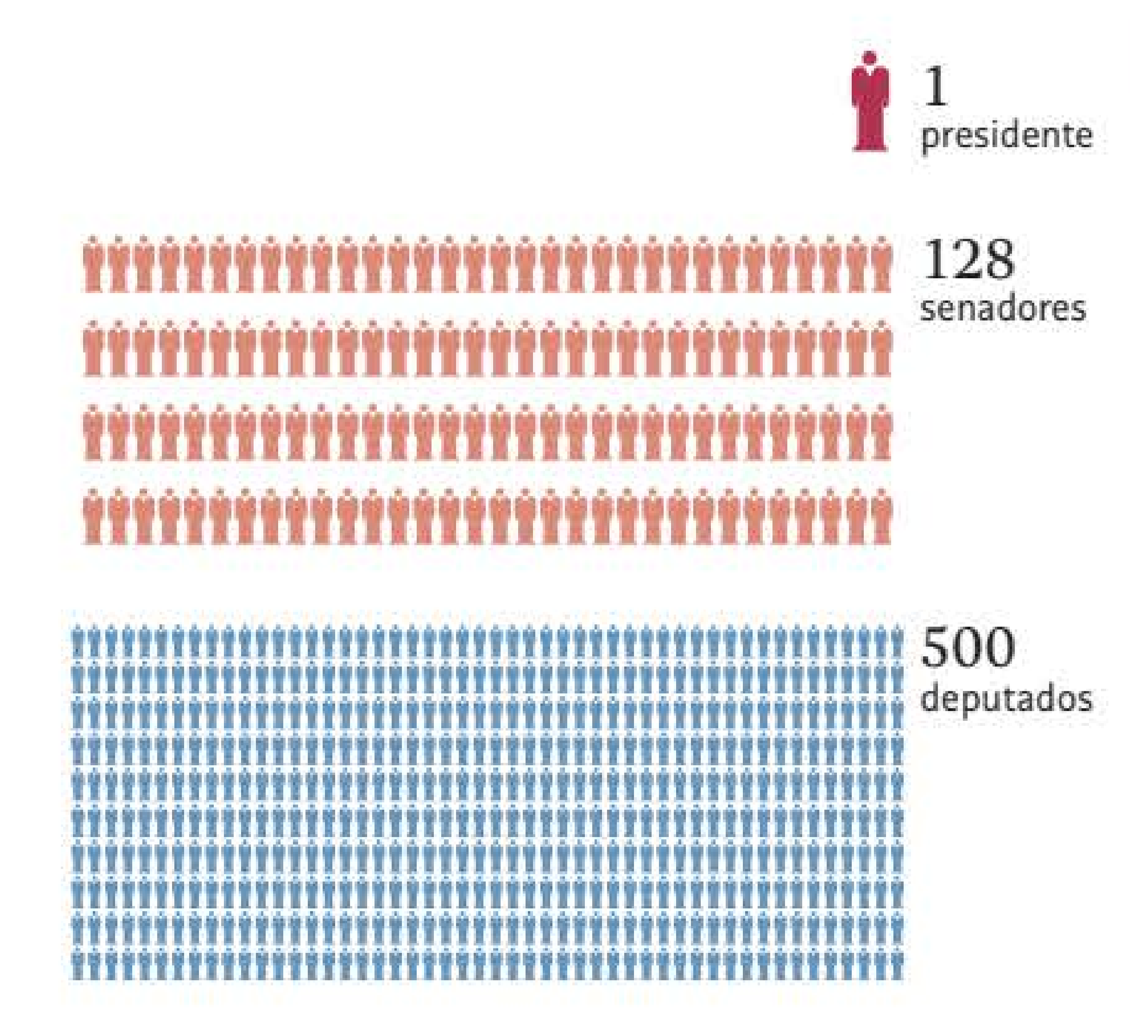
Em comparação com a América Latina, o México é um dos países que menos arrecada impostos. A carga tributária girava em torno de 16,9% do PIB em 2022, cerca de metade da do Brasil, 32,4%.

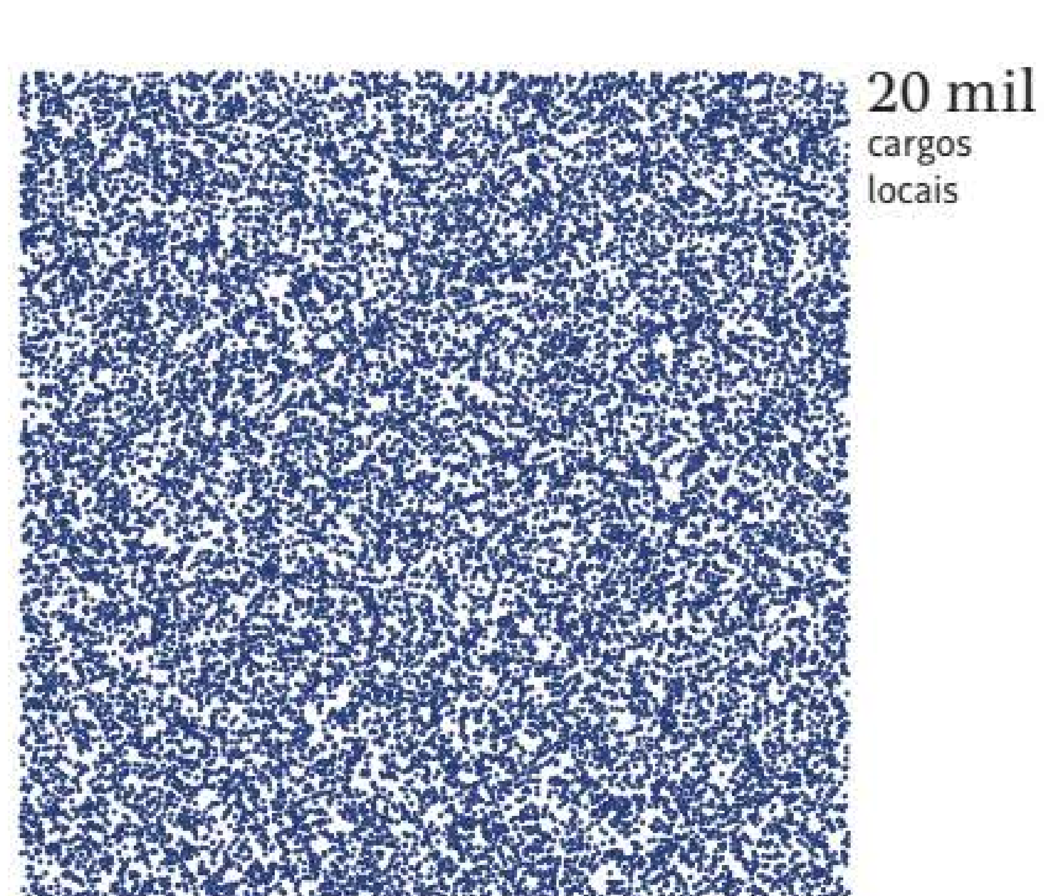
Para além de todos esses desafios, eleitores e candidatos também vão às urnas sob clima de temor em algumas partes do país. Afinal, mais de 30 candidatos foram assassinados nestes meses de campanha eleitoral, e exemplos não param de ser coletados.

Dois dias antes do pleito, na sexta (31), um candidato a vereador pelo Partido Verde foi morto a tiros em Izúcar de Matamoros, no estado de Puebla.

**As maiores eleições da história do México**

**O que está em jogo**
Mais de 20,7 mil cargos federais e locais em disputa




99 milhões
de pessoas inscritas para votar

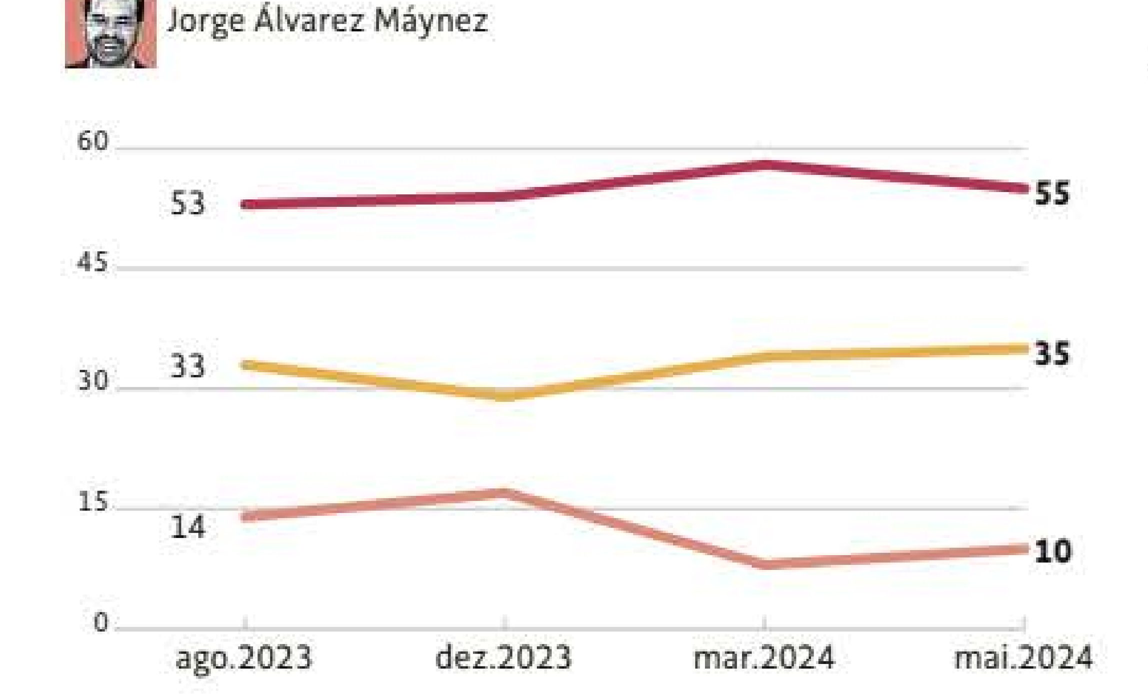
**Candidata governista larga com vantagem na frente**
Intenção de voto para Presidência, em %





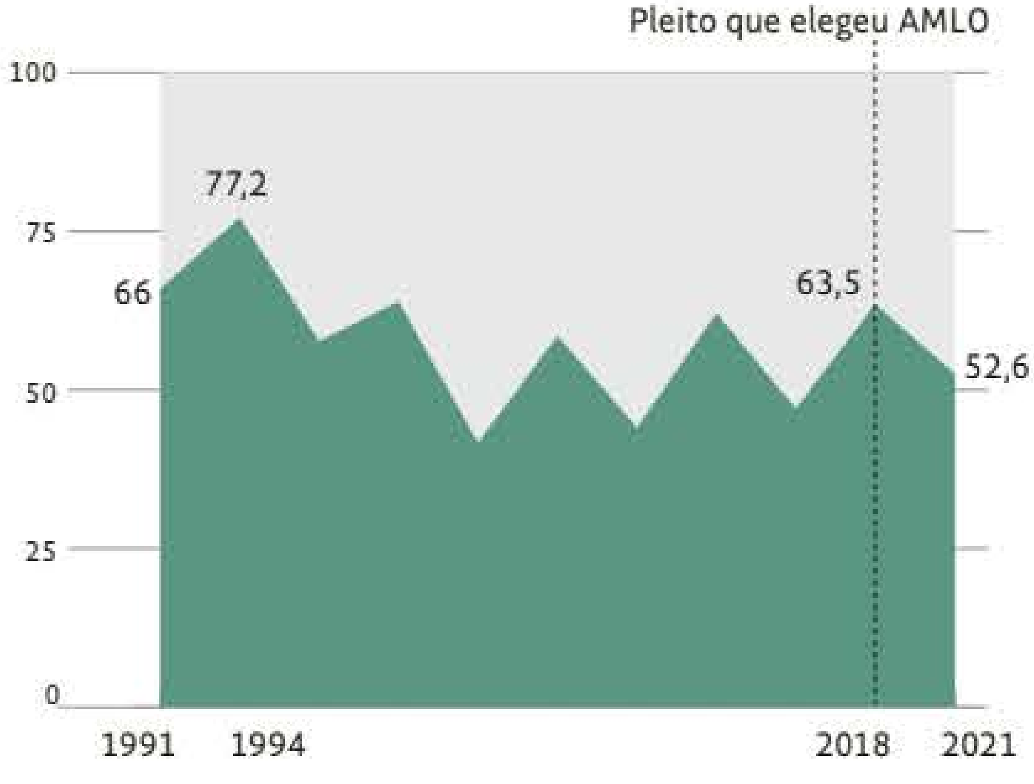


Jorge Álvarez Máynez



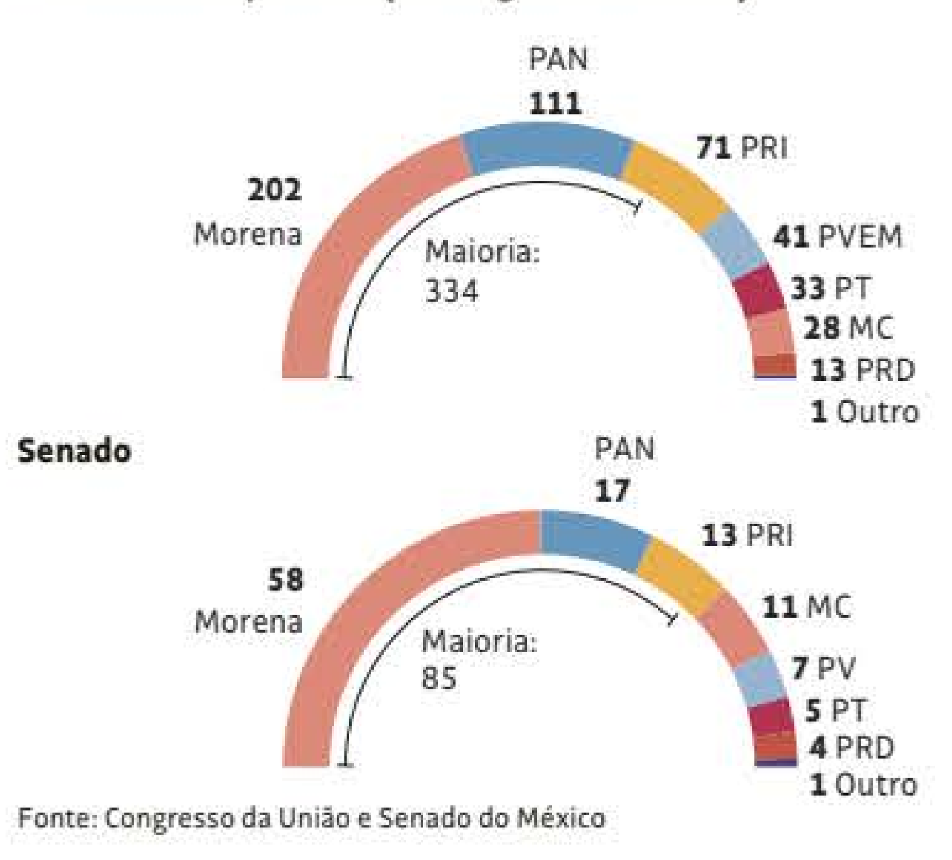

Fonte: Pesquisas do grupo Reforma realizadas a domicílio com mil adultos; margem de erro de 3,9 pontos para mais ou para menos

**Pleito anterior, que elegeu AMLO, teve alta participação**
Participação eleitoral, em % dos inscritos




Fonte: Instituto Nacional Eleitoral do México

**Como está o Congresso mexicano atualmente**




Fonte: Congresso da União e Senado do México

# *López Obrador frustra sonho da chamada 'Quarta Transformação'*

Gestão de líder é regular, não de grandes mudanças como evocou em discurso

**Sylvia Colombo**
Historiadora e jornalista especializada em América Latina, foi correspondente da Folha em em Buenos Aires. É autora de 'O Ano da Cólera'

*Em discurso de campanha, o presidente Andrés Manuel López Obrador, conhecido como AMLO, afirmou que promoveria a "Quarta Transformação" do México.*

*Nos últimos dias, a candidata favorita às eleições do domingo (2), Claudia Sheinbaum, apadrinhada por AMLO, vem afirmando que trabalhará na radicalização desse movimento. De que falam ambos? Os fatos indicam mudança para valer no país?*

*A ver. Quando criou o termo "Quarta Transformação", também chamado de 4T, o presidente se referia a três outros processos marcantes para o país.*

*Primeiro, a independência, um longo conflito armado que ocorreu de 1810 a 1821, ao fim do qual o México deixou de ser uma colônia espanhola para se transformar numa nação.*

*Depois, a reforma, conjunto de guerras entre liberais e conservadores que aconteceu de 1858 a 1861 e que culminou com a separação entre Igreja e Estado. O grande protagonista foi Benito Juárez, primeiro indígena a ser presidente de país latino-americano, responsável por modernizar e fortalecer suas instituições.*

*Por fim, a Revolução Mexicana, conflito armado que durou de 1910 a 1917. A princípio, tinha como objetivo terminar com o regime autoritário de Porfirio Díaz. Depois, devido às iniciativas de distintos líderes regionais, acabou promovendo uma democratização do país, o reconhecimento de diversos direitos sociais e humanos, além de uma reforma agrária. A revolução culminou ainda com a Constituição de 1917, considerada pioneira na região.*

*Como se pode ver, cada momento, de fato, trouxe enorme transformação para o México. Por mais que AMLO tenha tido essa ambição e afirme que se identifica com Benito Juárez, seu governo não pode ser comparado com nenhum desses três acontecimentos anteriores.*

*Quando deixar o posto, em dezembro, López Obrador terá governado boa parte de seu período com alta popularidade. Tão alta que conseguiu deixar sua apadrinhada na boca do gol para a votação deste domingo.*

*Os números da macroeconomia, para tempos pós-pandêmicos, não estão ruins. Além disso, apesar de seu posicionamento ideológico, AMLO se rendeu às exigências americanas para tentar conter as ondas de imigrantes e conseguiu manter o país como importante sócio comercial dos EUA. Também alcançou vitórias sociais ao aumentar o gasto público e promover políticas de distribuição de renda.*

*Pelo lado negativo, centralizou o poder, ameaçou a entidade eleitoral, não combateu a violência a jornalistas e não conteve, como prometeu, a expansão dos cartéis da droga e seu rastro de morte. Ao contrário, eles ficaram ainda mais fortes e internacionais, ameaçando populações de outras fronteiras ao sul do continente.*

*Foi um presidente com política exterior modesta, que praticamente não saiu do México, viajando para os EUA um par de vezes e marcando presença no aniversário de 50 anos do golpe de Estado no Chile, em 2023. Esteve na América Central e na Colômbia em visitas pontuais.*

*Desde o princípio, anunciou que se concentraria nos problemas mexicanos de modo prioritário. Mesmo com o desejo de governos de esquerda sul-americanos de se alinhar com o México de AMLO, este, realista, deixou claro que o foco da política externa de seu país são os EUA.*

*Ou seja, um governo regular, não o de uma transformação como as que evocou em discurso.*

*Inclusive, AMLO perderia mesmo para outros momentos históricos em termos de impacto neste século, como a Revolta de Chiapas (1994), que obrigou os mexicanos a colocar os olhos numa realidade esquecida, ou os governos de Lázaro Cárdenas (1934-1940), que nacionalizou o petróleo, ou do hoje opaco Adolfo López Mateos (1958-1964), que nacionalizou a indústria elétrica e promoveu reformas na educação pública, reforçando seu caráter laico.*

*Antes de se autoposicionar no panteão dos grandes presidentes mexicanos, Andrés Manuel López Obrador deve se medir com antecessores que de fato elevaram o México mundialmente. Quanto a seu sucessor lhe restará enfrentar enormes desafios, como a imigração ilegal e a corrupção, antes de imprimir sua marca.*

# Boca de urna indica vitória folgada de partido de Modi nas eleições da Índia

**Aumento da maioria no Parlamento pode sinalizar apoio de eleitores à agenda hinduísta-social**

Patrícia Campos Mello

GORAKHPUR (ÍNDIA) A aliança encabeçada pelo partido do primeiro-ministro indiano, Narendra Modi, o BJP (Partido do Povo Indiano), deve vencer as eleições com folga e aumentar a maioria na Câmara Baixa da Índia, a Lok Sabha, indicam as principais pesquisas de boca de urna divulgadas neste sábado (1º), após a última fase de votação no país. Os resultados oficiais serão anunciados em 4 de junho.

Em 2019, o BJP conquistou 303 dos 543 assentos no Parlamento indiano —são necessários 272 para a maioria simples. Considerando a NDA (Aliança Democrática Nacional), coalizão liderada pelo BJP, foram 352 votos.

Desta vez, a aliança do premiê pode conquistar de 353 a 401 cadeiras, segundo as pesquisas de boca de urna. O India, bloco da oposição liderado pelo partido do Congresso, conquistou 91 assentos em 2019, e estima-se que terá de 125 a 182 desta vez.

Com isso, Modi, que está no poder desde 2014, conquistaria seu terceiro mandato com endosso enfático dos eleitores a sua agenda que combina nacionalismo hindu e tendências autocráticas com investimento em infraestrutura e ampliação de programas sociais.

"Se o primeiro-ministro Modi ganhar pela terceira vez, como indicam as pesquisas, será um feito sem precedentes", disse à **Folha** o consultor político Apurv Kumar Mishra, que faz parte do Conselho de Assessores Econômicos do primeiro-ministro.

"Ele será o primeiro premiê depois de Nehru [Jawaharlal Nehru, que era primeiro-ministro na declaração de independência do país, em 1947] a ganhar três mandatos consecutivos; seria um apoio claro à estabilidade e daria a ele capital político para implementar sua meta de tornar a Índia um país desenvolvido até 2047."

**de 353 a 401**
são os assentos que o BJP deve conquistar no Parlamento, segundo pesquisas

**352**
foi o número de cadeiras que a coalizão do partido obteve em 2019

A oposição, no entanto, ainda não está pronta para aceitar a provável derrota. O presidente do partido do Congresso, Mallikarjun Kharge, disse que as pesquisas de boca de urna são sempre favoráveis ao BJP e que o bloco India vai obter ao menos 295 assentos, segundo "pesquisas de feedback do povo".

"Seria temerário acreditar nas pesquisas conduzidas pelos canais e TVs mainstreams, já que a maioria deles é capacho do regime Modi e depende dele para seu faturamento. Eles nunca iriam projetar resultados desfavoráveis ao governo", disse Badri Rao, professor de Estudos Asiáticos na Universidade de Kettering.

De fato, pesquisas de boca de urna erraram nos anos de 2019 e de 2014 —nessas duas eleições, o BJP obteve um número muito maior de assentos do que o previsto.

Em declaração, Modi criticou a aliança da oposição, que chamou de oportunista, e afirmou que os eleitores rejeitaram "as políticas retrógradas" da aliança India.

> Se o primeiro-ministro Modi ganhar pela terceira vez, como indicam as pesquisas, será um feito sem precedentes
> **Apurv Kumar Mishra**
> consultor político

As pesquisas indicavam que o BJP perderia alguns assentos nos estados do Norte, mas faria avanços significativos no sul, onde é historicamente mais fraco, e no leste do país.

Rao ainda acha que o BJP não conquistará mais assentos do que em 2019 por causa da alta taxa de desemprego no país (8,1% em abril; entre jovens supera os 40%) e a inflação (que está em 5%, mas a de alimentos supera 8%).

Modi cruzou o país em mais de 200 comícios para fazer campanha por candidatos ao Parlamento em cada distrito. O premiê apostou na retórica hinduísta e fez ataques aos muçulmanos, algo que costumava terceirizar para aliados.

Ele se referiu à minoria muçulmana, que corresponde a 14% da população frente aos 80% de hindus, usando expressões como infiltrados. Em comício, dirigiu-se a hindus dizendo que a oposição queria "reunir a sua riqueza e distribuir entre aqueles que têm mais filhos".

O partido do Congresso criticou a Comissão Eleitoral da Índia, acusando-a de omissão em relação ao uso do discurso de ódio por Modi, que é proibido pelas regras eleitorais.

Legendas da oposição tiveram alguns de seus líderes presos, entre eles Arvind Kejriwal, governador de Déli que é do partido AAP (Partido Aam Aadmi), e o partido do Congresso teve seus fundos bloqueados pelo governo.

Oposicionistas tentaram pintar Modi como protetor das elites —ele é próximo de megaempresários como os Ambani e Adani— e afirmaram que seu partido pretendia mudar a Constituição para reduzir as cotas para as castas mais discriminadas.

O premiê Narendra Modi passou as 45 horas anteriores ao final da votação meditando em um retiro no estado de Tamil Nadu, no sul da Índia.

Se as pesquisas se confirmarem, as críticas não teriam sido suficientes para brecar o avanço do BJP.

Muitos eleitores no estado de Uttar Pradesh dizem que o BJP vai mudar a Constituição e acabar com as cotas. A narrativa ganhou força após viralizar um vídeo editado mostrando, falsamente, o governador do Rajastão, Kirodi Lal Meena, do BJP, dizendo que o partido precisa conquistar 400 assentos na Lok Sabha para fazer isso.

Narendra Modi contra-atacou, dizendo que a oposição é que vai mudar a Constituição —e tirar as cotas das castas mais baixas e dar para os muçulmanos. Isso ocorreu após o presidente do partido do Congresso dizer que deveria haver cotas baseadas também em religião. Em UP, muçulmanos são 20% da população.



Fila no último dia da votação da Índia, no vilarejo de Bhiti Rawat, em Uttar Pradesh Patricia Campos Mello/Folhapress

**Raio-X da Índia**




**Área:** 3,28 milhões de km² (o equivalente a AM, PA e MA)

**População:** 1,4 bilhão (Brasil tem 215 milhões)

**PIB:** US$ 3,41 trilhões (Brasil é US$ 1,92 tri)*

**PIB per capita:** US$ 2,4 mil (Brasil é US$ 8,9 mil)*

**IDH:** 0,644 (134º lugar, Brasil é o 89º)

**Religião:**

**79,8%** Hindu **14,2** Muçulmana Cristã 2,3 Sikh 1,7

* Dados de 2022

Fontes: CIA World Factbook, Banco Mundial e ONU

# Indianos enfrentam calor extremo no último dia do pleito

GORAKHPUR (ÍNDIA) No último dia de votação da maior eleição do mundo, eleitores na Índia enfrentaram uma temperatura de 45ºC que fez muitos desmaiarem em Gorakhpur, no estado de Uttar Pradesh. Mesmo assim, houve quem comemorasse a temperatura, mais baixa do que as registradas em outros dias.

"O tempo está bom. O primeiro-ministro está fazendo meditação e amoleceu a deusa do Sol", disse Ravi Kishan, ator e candidato do BJP (Partido do Povo Indiano, a legenda do premiê) à vaga de membro do Parlamento representando o distrito de Gorakhpur.

"Isso é histórico —no meio desse calor intenso, começou a ventar hoje", afirmou Kishan, reforçando as credenciais celestiais de Modi. O premiê disse recentemente a apoiadores ter sido "escolhido por Deus" para desempenhar sua função.

Para a agricultora Sangeeta Chowhan, as preocupações eram bem mais terrenas. Ela lamentava ter perdido o pagamento por um dia de trabalho na lavoura para votar em uma seção no vilarejo de Bhiti Rawat. Colhendo arroz e trigo, ela ganha 150 rúpias indianas por dia, ou US$ 1,80 (R$ 9), abaixo da linha de pobreza estabelecida pelo Banco Mundial, que é US$ 2,15 (R$ 11) por dia.

UP, como é conhecido, é o estado mais populoso da Índia, com 240 milhões de habitantes. E é também decisivo —escolhe 80 dos 543 deputados da Câmara Baixa, a Lok Sabha. Parte deles foi definida no sábado (1º), a sétima e última fase da eleição indiana, que tem 950 milhões de eleitores registrados e transcorreu ao longo de 43 dias.

A maioria da população de UP é formada por hindus das castas mais baixas —e mais pobres— da Índia. Cerca de 20% são dalits, como a agricultora Sangeeta, e 50% são OBCs (outras castas prejudicadas, em português).

As castas mais baixas tradicionalmente votavam no partido do Congresso e em outras legendas regionais (neste ano, algumas aliadas ao Congresso). Mas desde que Modi assumiu o poder em 2014, uma parcela crescente dos dalits e OBCs em Uttar Pradesh e em outros estados passaram a votar no BJP —entre outros motivos, por causa dos programas sociais do governo, que tiveram enorme expansão.

Em 2024, com o desemprego entre jovens ultrapassando 40% e a inflação de alimentos em alta, a grande questão é: será que os votos das castas mais baixas voltarão à oposição?

Sangeeta não sabe ler nem escrever, assim como 40% das mulheres em Uttar Pradesh. Ela não sabe o nome do candidato em quem votou. "Eu voto na bicicleta", ela contou. A bicicleta é o símbolo do partido Samajwadi, o SP —o do BJP, incumbente no distrito, é o lótus.

"Eu voto em quem nosso líder [o membro do Parlamento estadual] disser para a gente votar, porque ele é quem nos ajuda." Uma das maiores preocupações das castas mais baixas é manter o sistema das cotas no serviço público, educação e promoções.

Outra questão importante é o desemprego, principalmente entre jovens. O agricultor Ram Dhidu votou no BJP na eleição passada. Nesta, ainda não sabe. Ele conta ter investido na educação de seus dois filhos homens —deixou que eles saíssem da lavoura e ficassem na escola. Mas, agora, eles não conseguem emprego.

Já outros veem o copo meio cheio. O autônomo Rahul (que não quis dar seu sobrenome) disse que, em seu vilarejo, três empresas privadas abriram as portas e criaram empregos. Ele apoia o atual membro do Parlamento, Kishan, e o governador do estado —o incendiário Yogi Adityanath, um religioso hindu que é mais radical que Modi e atrai ódio e amor.

Para agradar sua base religiosa, Yogi, como é conhecido, determinou o fechamento da maioria dos abatedouros e frigoríficos do estado em 2017, com o objetivo de evitar a crueldade com as vacas, animais sagrados na religião hindu.

Os primeiros afetados foram os muçulmanos —muitos trabalhavam no negócio e ficaram sem emprego.

Mas hindus também foram prejudicados. Criadores de gado costumavam vender para o abatedouro as vacas idosas e os bezerros. Com a proibição, deixaram de ganhar dinheiro —e precisam alimentar animais que não geram receita.

Como resultado eles passaram a soltar o gado pelas ruas e estradas. E as vacas errantes estão acabando com as plantações. Os abrigos criados pelo governo para acolher esses animais estão sempre cheios.

O agricultor Dhidu gastou 18 mil rúpias (US$ 215) para instalar cerca eletrificada com energia solar em volta das terras que arrenda para plantar pepino, abóbora e berinjela.

"As vacas vinham aqui à noite, comiam e estragavam tudo", disse. "Se a gente não tivesse instalado cercas, ia faltar legume no mercado".

Agora, resta saber qual foi a decisão dos indianos. Caso as pesquisas estejam corretas, isso significa que os dalits e OBCs não abandonaram o BJP e vão garantir uma maioria parlamentar folgada no terceiro mandato para Modi. **PCM**

# Rússia bombardeia toda a Ucrânia após Otan liberar uso de armamentos

Mega-ataque parece resposta à decisão da aliança militar ocidental que desafiou Vladimir Putin

**GUERRA DA UCRÂNIA**

**Igor Gielow**

SÃO PAULO Na primeira noite após os Estados Unidos e aliados ocidentais da Otan liberarem o uso de suas armas pela Ucrânia contra o território da Rússia, as forças do presidente Vladimir Putin promoveram um grande ataque aéreo contra alvos em quase todo o país invadido em 2022.

O recado russo foi duro na noite de sexta (31) e madrugada deste sábado (1º). Foi o maior desde um mega-ataque ocorrido em 22 de março, que havia sido o segundo mais intenso do conflito. Kiev afirma ter derrubado 35 de 53 mísseis e 46 de 47 drones.

Além do grande número de armamentos, chamou atenção o escopo da ofensiva. Foram alvejadas regiões no norte, centro, sul e oeste ucranianos, incluindo perto das fronteiras polonesa e húngara. Houve explosões relatadas em pelo menos nove cidades, incluindo a capital Kiev e Lviv (oeste), e alarmes soaram em praticamente todo o país.

O foco foi, novamente, o sistema de energia ucraniano. Cinco regiões foram afetadas com blecautes, e houve danos mais severos na região de Vinnitsia (centro). Duas centrais termoelétricas foram atingidas, e pelo menos quatro pessoas foram feridas.

Também houve diferentes modelos de armas empregados. Foram lançados drones de origem iraniana Shahed-136 nas ondas iniciais para atrair a defesa aérea. Depois vieram mísseis de cruzeiro supersônicos Kh-101 e ao menos seis bombardeiros estratégicos Tu-95, que decolaram de Olenia e Engels, na Rússia.

Houve ao menos duas ondas dessas, levando à loucura quem acompanhou os sistemas de alerta em canais ucranianos do aplicativo Telegram.

Também foram relatados disparos de dez mísseis de cruzeiro subsônicos Kalibr de navios, algo que não ocorria havia tempo devido à destruição de embarcações da Frota do Mar Negro russa. Segundo registros de Kiev, os disparos ocorreram perto da costa da Crimeia anexada, e quatro dos artefatos foram abatidos.

Ainda foram lançados quatro mísseis balísticos Iskander-M, que atingiram seus alvos. Por fim, caças MiG-31K levantaram voo, mas acabaram não lançando os modelos hipersônicos Kinjal.

Do lado russo, o governo da região ocupada de Donetsk afirmou que ao menos cinco pessoas foram feridas com o bombardeio promovido pelos ucranianos na sexta-feira (31). No sábado, um novo ataque com míssil russo contra Kharkiv deixou 13 feridos.

Autoridades de Estados Unidos e Alemanha confirmaram na sexta ter concedido permissão ao governo de Volodimir Zelenski para que os ucranianos usem armas ocidentais contra alvos militares dentro da Rússia pela primeira vez.

Tanto o escritório do premiê Olaf Scholz, quanto o secretário de Estado americano, Antony Blinken, disseram que as ações terão de se limitar ao sul russo, perto da fronteira da região ucraniana de Kharkiv. Desde 10 de maio, a área é objeto de uma nova frente aberta por Putin.

As forças russas fizeram lá os maiores avanços desde os primeiros dias da guerra. As linhas parecem estabilizadas, mas ao custo de muitas reservas ucranianas que estavam em outros pontos da frente de batalha. Com isso, houve ganhos de Moscou no leste e no sul do país invadido também.

A dramaticidade da situação fez acordar o Ocidente, após quase seis meses de letargia devido à protelação americana em aprovar novas ajudas a Kiev, um subproduto da briga no Congresso entre republicanos de Donald Trump e os democratas de Joe Biden, o presidente que enfrentará o antecessor em novembro.

Nas últimas semanas, a França sugeriu o envio de tropas para a Ucrânia e diversos países começaram a liberar o emprego de suas armas contra a Rússia em si, não só as áreas ocupadas. A região de Belgorodo virou um teatro da guerra, com ataques diários até aqui com armas ucranianas.

Vladimir Putin reagiu com exercícios nucleares, renovando esse tipo de ameaça aos rivais, e falou sobre uma guerra global à espreita. Prometeu atacar alvos britânicos se mísseis de Londres disparados pelos ucranianos atingirem bases na Rússia.

Na quinta (30), uma reunião dos chanceleres da Otan em Praga discutiu o assunto. A Dinamarca anunciou, no mesmo dia, que permitira o emprego dos 19 caças F-16 que irá fornecer futuramente a Kiev contra alvos na Rússia.

Na sequência vieram os relatos anônimos da autorização americana, a mais importante sem dúvida, dado o peso dos Estados Unidos no apoio bélico a Kiev, e a confirmação nesta sexta. Os limites apresentados por Washington e Berlim são um teste de temperatura de água: visam medir a reação russa, como já ocorreu com outras linhas vermelhas no passado.

É preciso, claro, ver de fato o que irá acontecer na prática, como o próprio Zelenski disse. Por ora, o padrão do Kremlin de um grande ataque após uma má notícia política se manteve, mas é incerto o que ocorrerá quando houver algum dano significativo dentro da Rússia causado por armas ocidentais.

Neste sábado, o presidente voltou a apelar por mais ajuda, em postagem no Telegram. "Os parceiros sabem exatamente do que é preciso. [Baterias antiaéreas] Patriot adicionais, e outros sistemas de defesa aérea modernos. Acelerar e expandir a entrega de F-16 para a Ucrânia. Prover nossos soldados com todas as capacidades necessárias", afirmou.



Bombeiros trabalham em prédio atingido por mega-ataque da Rússia na cidade ucraniana de Kharkiv Serguei Bobok/AFP




## Ofensiva das forças de Moscou mal perturba cotidiano de moradores na capital Kiev

**GUERRA DA UCRÂNIA**

**Clara Balbi**

KIEV É uma tarde de sol em Kiev. Uma menininha de vestido e sapatos cor-de-rosa pula e dança ao som de uma banda de jazz que toca no parque. Patinetes circulam pelas ruas, e pessoas vendem flores em balcões improvisados nas calçadas. Pré-adolescentes se enfileiram na porta de uma matinê esperando a sua vez para entrar.

Nem parecia que, na madrugada deste sábado (1º), a cidade tinha sido alvo de uma onda de ataques aéreos que atingiu todo o território, na maior ofensiva do tipo desde o final de março — ao que tudo indica, uma reação da Rússia ao aval que Estados Unidos e Alemanha deram à Ucrânia para usar armas ocidentais contra alvos militares dentro do território russo.

A sensação de que a guerra é algo distante é comum na capital ucraniana, onde o sinal mais palpável de que o país vive um conflito são os incessantes blecautes, consequência da destruição da infraestrutura energética pelo Exército de Vladimir Putin.

Os habitantes de Kiev, que conta com um sistema de defesa aérea mais avançado do que os da maioria das principais cidades do país, praticamente não se mexem quando ouvem alarmes sonoros — nas três noites que os profissionais da delegação de jornalistas da América Latina da qual a **Folha** fazia parte passaram no abrigo antibombas do hotel, tiveram pouca ou nenhuma companhia dos demais hóspedes.

"Acontece praticamente todo dia. Infelizmente, nos acostumamos", diz Elisa, 26, em uma rua na região central de Kiev. Ela tinha acabado de se casar e entrava no carro para ir à festa de casamento com o marido, jogador do time de futebol Obolon. Os ataques da madrugada nunca a fizeram pensar em remarcar a celebração.

Para a vendedora Alicia, 22, o conflito com a Rússia dá em certa medida um senso de urgência para a população, que passa a tentar viver ao máximo a vida. Ela, que trabalha em uma das muitas lojas de vestidos de noiva daquela região, conta que várias de suas clientes afirmam querer "se casar o mais rápido possível" após tomarem a decisão.

"Viver é perigoso para a gente hoje. Ninguém sabe o que vai acontecer amanhã." Alguma versão dessa frase se repete na boca de quase todo ucraniano com quem se fala.

Nascido e criado em Kiev, o ator e músico Sasha, 20, conta que passou a conviver melhor com a guerra depois que amigos seus que moram no Donbass, região leste da Ucrânia reivindicada pela Rússia, compartilharam suas experiências com ele. As áreas estão sob disputa desde 2014, quando separatistas pró-Moscou tomaram partes de Donetsk e Lugansk e as declararam repúblicas independentes.

Esse histórico, aliás, ajuda a contextualizar o que talvez parecesse de outra maneira uma certa alienação dos moradores de Kiev em relação à Guerra da Ucrânia.

É consenso entre os ucranianos que o conflito atual não começou, como noticiado pelos jornais, em 24 de fevereiro de 2022 — data à qual eles se referem como a "invasão em grande escala da Rússia" —, mas muito antes, após a anexação da Crimeia pelo governo de Vladimir Putin. Por esse raciocínio, eles consideram que já vivem em guerra há uma década.

No mais, a guerra se faz presente nos detalhes em Kiev. Bandeiras ucranianas que enfeitam janelas e varandas dos edifícios no centro da cidade e se multiplicam em lugares públicos como a Praça da Independência. Foi lá que protestos contra a decisão do então presidente Viktor Ianukovitch de não assinar um acordo de cooperação com a União Europeia em prol de uma aproximação com a Rússia terminaram com a morte de 108 manifestantes em confrontos com as forças de segurança.

Além disso, quase todos os ucranianos têm um conhecido lutando ou vivendo em territórios ocupados. E muitos têm alguma história sobre como o conflito de alguma forma impactou suas vidas.

A jornalista viajou a convite do Ministério das Relações Exteriores da Ucrânia

## Brasileira e filhos ficam feridos em ataque aéreo no Líbano

SÃO PAULO Uma brasileira e dois de seus quatro filhos ficaram feridos em um ataque aéreo no sul do Líbano neste sábado (1º). O caso mais crítico é o de Fatima Boustani, 30, que, segundo familiares, foi atingida de forma grave na cabeça. Ela passou por uma cirurgia e está internada na UTI (Unidade de Terapia Intensiva) de um hospital na cidade de Tiro.

Segundo Jihad Azzam, o tio de Fatima, a filha dela de 10 anos teve um ferimento na perna e também foi submetida a cirurgia. Ela está na UTI da mesma unidade de saúde.

O filho de 9 anos é considerado o caso menos grave, embora ele também tenha ficado ferido e esteja internado no hospital. "Os médicos nos tranquilizaram sobre a condição dele, mas a situação da mãe ainda é crítica no momento", disse Jihad Azzam à coluna Mônica Bergamo.

Segundo ele, a casa da família, localizada na cidade de Saddikine (a cerca de 100 quilômetros de Beirute), teria sido atingida por um ataque aéreo israelense, que ocorreu no início da tarde deste sábado, no horário local ( ainda manhã no Brasil).

Procurado pela coluna, o Itamaraty confirmou que três brasileiros ficaram feridos, mas afirmou que ainda não é possível dizer se o ataque partiu das forças israelenses.

O governo brasileiro diz que a embaixada está em contato com a família para prestar todo o apoio necessário.

Desde que a guerra Israel-Hamas teve início, em 7 de outubro do ano passado, cresceram também os ataques mútuos na fronteira israelense com o Líbano.

O grupo islâmico libanês Hezbollah é aliado do grupo terrorista Hamas e recebe apoio logístico e militar do regime xiita que controla o Irã.

De acordo com Jihad Azzam, os outros dois filhos de Fatima não estavam na casa no momento do ocorrido.

Nascida no Líbano, ela morou no Brasil por muitos anos e tem nacionalidade brasileira. Há pouco mais de um mês, Fatima e os filhos voltaram a residir no Líbano.

Ainda neste sábado, o premiê de Israel, Binyamin Netanyahu, afirmou que não se comprometeria com um cessar-fogo antes da destruição das "capacidades militares" do Hamas. **Mônica Bergamo e Karina Matias**

# Em 11 anos, 94 pessoas morrem em treinamentos militares no Brasil

Exército, com 82 óbitos, diz que atividade tem risco inerente a sua especificidade bélica




Margareth dos Santos Lima, 52, e Carlos Henrique Lima Pinto, 54, perderam o filho de 18 anos, que morreu no 1º dia de treinamento Eduardo Anizelli/Folhapress

**Bruna Fantti**

RIO DE JANEIRO "Vá para o hospital do Exército, seu filho está morto." Essa foi a frase que o professor aposentado Carlos Henrique Lima Pinto, 54, disse ter ouvido ao atender o telefonema de um militar, em sua casa, 24 horas após deixar o filho de 18 anos para o treinamento em um quartel da instituição no Rio de Janeiro.

"Achei que fosse uma brincadeira de mau gosto. Fui dirigindo, com a minha esposa no carro, até o hospital. Ao chegar ao estacionamento, um sargento foi na nossa direção. Olhou para ela e disse: 'Seu filho morreu, lamento'. Ela desmaiou", disse Carlos Henrique, emocionado.

O soldado Gabriel Henrique dos Santos, 18, apresentou edema cerebral, infiltração pulmonar difusa, sangramento pulmonar bilateral, distensão de alças abdominais e febre de 43ºC após ser obrigado a realizar intensa atividade física, de acordo com testemunhas, em março de 2023. Ele morreu no primeiro dia de treinamento.

Em investigação interna, o Exército não apontou culpados. Por nota, disse que "todos os fatos ocorridos durante o evento que causou a morte do soldado Gabriel Henrique dos Santos Lima foram exauridos no Inquérito Policial Militar (IPM), o qual foi finalizado, é sigiloso e encontra-se com o Ministério Público Militar".

No Brasil, entre janeiro de 2013 e dezembro de 2023, 94 pessoas morreram em treinamentos do Exército, Marinha e Aeronáutica. Os dados foram obtidos pela Folha com as próprias corporações. A maioria dos óbitos em treinamentos (82) ocorreu no Exército. Procurada, a força afirmou que "a atividade militar possui um risco inerente a sua especificidade bélica".

O número de mortos em treinamentos no período supera o total de mortes de brasileiros em missões de paz desde 1956, quando teve início o envio de militares para participar dessas ações. Foram 42 pessoas, de acordo com dados divulgados no próprio portal do Ministério da Defesa.

Segundo o ministério, a primeira atuação brasileira ocorreu quando o Brasil participou sob a Força de Emergência das Nações Unidas para enfrentar a crise do canal de Suez, no Egito. Desde então, o país enviou cerca de 57,7 mil militares em um total de 60 ações de missões de paz.

Em uma resposta a um requerimento de informação formulado pelo deputado federal Tarcísio Motta (PSOL-RJ), as Forças Armadas detalharam as causas das mortes.

Entre os óbitos desde 2013 no Exército, 28 ocorreram em acidentes com viaturas; 21, durante atividades físicas; 13, com armamentos; 8, em atividade de afogamento. Também há na lista mortes por queda de árvore (1); choque elétrico (1); paraquedismo (1); e outras 9 não foram devidamente especificadas.

A partir do ano de 2020, o Exército passou a descrever, no documento, a graduação, idade e local do óbito do militar. Das 39 mortes ocorridas em treinamento, no Exército, entre os anos de 2020 a 2023, 19 foram de soldados cumpriam o serviço militar obrigatório e tinham entre 18 e 19 anos.

A morte de Gabriel dos Santos está nessa categoria e teve como causa descrita "distúrbio térmico". Segundo o sistema Alerta Rio, da prefeitura, a máxima registrada no dia em que ele foi submetido a treinamento foi de 41,3ºC.

"Testemunhas afirmam que meu filho foi obrigado a fazer atividade física com casaco, estava um calor insuportável naquele dia. Ele entrou bem, passou na avaliação física, não tinha doenças. Era doador de órgãos, mas 24 horas depois seus órgãos estavam totalmente cozidos. Não teve como fazer nenhuma doação", disse Carlos Henrique, pai do jovem.

A reportagem teve acesso ao inquérito militar do caso e a testemunhas do caso. No relatório militar que terminou sem apontar responsáveis, o tenente-médico Luis Gustavo Dantas Pagliarini afirma que atendeu o soldado na tarde de sua morte.

Em seu depoimento, ele disse que Gabriel apresentava um quadro de cansaço, pressão arterial elevada e temperatura corporal dentro da normalidade —a ficha médica, assinada pelo próprio médico, afirmar que Gabriel já apresentava 38,7ºC.

O médico do Exército disse que foi Gabriel quem solicitou retornos às atividades depois de apresentar melhora.

O relato é diferente do de outro soldado que acompanhava o jovem na enfermaria e também passava mal. Ele contou à reportagem que o médico os xingou, disse que Gabriel parecia um nerd e determinou que ambos retornassem à atividade.

Em seguida, durante a aula de moral e cívica, um sargento obrigou os alunos a realizarem seguidos exercícios, ocasião em que Gabriel passou a alucinar e desmaiou. Ele foi levado de ambulância ao Hospital Central do Exército. No caminho sofreu uma parada cardíaca e morreu na unidade.

O testemunho do militar que procurou ajuda médica ao lado de Gabriel não consta no relatório do Exército, mas ele já prestou depoimento à Justiça Militar. Ele solicitou à reportagem que fosse identificado, apesar de já ter saído da corporação. Procurado por intermédio da assessoria do Exército, o médico não quis se posicionar.

Para o defensor público da União, Thales Arcoverde Treiger, responsável por acompanhar o caso de Gabriel na Justiça, os números de mortes em treinamentos "impressionam na medida em que as Forças Armadas precisam pensar na manutenção e na preservação da vida das pessoas, sejam militares ou não".

"O resultado das apurações internas (sobre o caso de Gabriel) não chega a surpreender. Em casos de violência institucional existem parâmetros para uma correta apuração que incluem a apuração por órgão distinto daquele em que os potenciais acusados atuem", disse.

Ainda sobre o número alto de mortes em treinamentos, o Exército afirmou que "a perda irreparável de companheiros de farda é sempre recebida com grande consternação na Força, que se solidariza e presta todo apoio físico, legal e espiritual às famílias enlutadas. Salienta-se, também, que os óbitos são apurados por meio de Inquéritos Policiais Militares e caso sejam apuradas incidência de crimes de natureza dolosa ou culposa, os autores são responsabilizados perante a Justiça Militar".

O Exército também acrescentou que "a prevenção de acidentes é regulada pelo Manual Técnico de Prevenção de Acidentes nas Atividades Militares (EB70-MT-11.418). Este manual sistematiza procedimentos, responsabilidades e atribuições para a execução de ações relacionadas à prevenção de acidentes nas atividades militares, a finalidade de identificar, analisar, formular e implementar medidas de mitigação para os riscos encontrados, tornando as atividades executáveis com a classificação de risco mais baixa possível, de modo a se evitar acidentes, principalmente os fatais".

**Mortes em treinamentos nas Forças Armadas**
Entre 2003 e 2013

**94**
Militares morreram durante treinos do Exército, Marinha e Aeronáutica no Brasil




**Em quais situações ocorreram**
Entre 2003 e 2013




Fontes: Exército, Aeronáutica e Marinha

# Exército vai alterar portaria de armas após pressão

BRASÍLIA O Exército vai alterar uma portaria publicada há duas semanas para aumentar de dois para quatro o número de armas que policiais e bombeiros militares inativos podem ter.

A mudança foi acertada após deputados da bancada da bala levarem o pedido ao ministro da Defesa, José Múcio Monteiro, e ao comandante do Exército, general Tomás Paiva.

Os congressistas reclamam que a portaria recente do Exército é muito restritiva aos PMs aposentados ao permitir a posse de duas armas e vetar acesso a armamentos de uso restrito.

A nova regra deve equiparar os policiais da ativa e os aposentados. Cada um terá direito a possuir quatro armas, sendo duas de uso restrito e duas de uso permitido.

As demandas da bancada da bala foram apresentadas em duas reuniões com Múcio e o secretário-executivo do Ministério da Justiça, Manoel Carlos de Almeida Neto.

Após o primeiro encontro, na última semana, o Exército fez um estudo para ver se poderia atender à demanda dos deputados, segundo militares. Múcio e o ministro da Justiça e Segurança Pública, Ricardo Lewandowski, também se encontraram para debater o tema.

Na última terça (28), o ministro da Defesa marcou nova reunião com os deputados da bancada da bala para anunciar a decisão de alterar a portaria.

O deputado Coronel Ulysses (União Brasil-AC) comemorou: "Aquela portaria que prejudicava os policiais, especialmente os inativos, vai ser suspensa e nos próximos dias será editada a nova portaria. A nossa luta valeu a pena".

No governo Lula (PT), o entendimento é que a lei Orgânica da PM já prevê a paridade entre policiais ativos e inativos. Assim, a demanda da bancada da bala poderia ser atendida.

Entretanto, os policiais inativos só poderão ter duas armas de porte, ou seja, não poderão adquirir fuzil. Já os policiais da ativa podem ter até um fuzil.

Em nota, o Exército disse que realizou "reunião com integrantes do Executivo, do Legislativo e do Judiciário, no intuito de aperfeiçoar a norma" e que "uma nova portaria será publicada oportunamente".

A reivindicação dos policiais, levada pela bancada da bala, é de que eles precisavam ter uma garantia de que poderiam permanecer com as armas que já tinham. Geralmente, esse grupo possui .40 e 9mm, que são de uso restrito.

A arma de uso restrito é autorizada exclusivamente para as Forças Armadas, instituições de segurança pública e pessoas físicas e jurídicas devidamente autorizadas pelo Exército, como os CACs (colecionadores, atiradores desportivos e caçadores).

A portaria já sofreu diversas mudanças desde o início do governo Lula (PT). Em janeiro, o Exército emitiu uma portaria que permitia a agentes de segurança a adquirir até cinco armas de uso restrito, incluindo fuzis, para uso pessoal em todo o país. A portaria foi suspensa dias depois.

Em maio, o Exército revisou a portaria, reduzindo o limite de cinco para duas armas de uso restrito, podendo obter apenas um fuzil.

Com a nova norma, poderão ser adquiridas até quatro armas de fogo, das quais até duas poderão ser de uso restrito.

Além disso, o governo Lula (PT) liberou a compra de insumos para recarga como uma alternativa à compra de munição, o que continua suspenso nessa nova norma. **Raquel Lopes e Cézar Feitoza**

**+ Principais mudanças em acervo pessoal**

**Armas**

Antes do governo Bolsonaro: oito armas, sendo seis de uso permitido (duas em cada categoria) e duas de uso restrito

Governo Bolsonaro: oito armas, sendo seis de uso permitido (sem restrição de categoria) e duas de uso restrito

Governo Lula: quatro armas, sendo até duas de uso restrito

**Recarga de munição**

Gestão Lula, que liberou a compra de insumos para recarga como uma alternativa à aquisição de munição, suspendeu esse trecho na nova portaria



Luciene Mendes, 58, na sede da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, na República, região central Adriano Vizoni/Folhapress

# De verde e amarelo, mães defendem família LGBTQIA+

Elas vão à Paulista neste domingo contra violência sofrida por filhos e filhas

**Roberto de Oliveira**

SÃO PAULO Inspirados no show de Madonna com Pabllo Vittar que sacudiu o Brasil no começo de maio, quando as divas usaram camisas da seleção brasileira, manifestantes devem pintar a Paulista não só com as cores do arco-íris, símbolo do movimento gay, como também de verde e amarelo.

Ninguém deve entoar o Hino Nacional, porém um trecho do canto vai embalar parte da marcha. Sob o verso "Verás que tua mãe não foge à luta", um grupo de mulheres defende outra bandeira apropriada pela ala conservadora: a família —mas com uma visão muito mais ampla do conceito.

"Família tradicional é uma falácia", afirma Luciene Mendes, procuradora de Justiça aposentada, integrante da associação Mães pela Diversidade. "Vamos mostrar na avenida que nossas famílias existem e que nossos filhos não estão sozinhos."

Neste domingo (2), a partir das 10h, famílias de diferentes formatos vão estar na Paulista vestidas de abadás verde e amarelo, é claro, e muitas delas vão carregar a bandeira do Brasil. Ao todo, cerca de 300 Mães pela Diversidade devem participar da marcha deste ano, que tem como tema Basta de Negligência e Retrocesso no Legislativo.

Criada em 2014, a associação materna é uma organização não governamental que reúne mães e pais de crianças, adolescentes e adultos LGBTQIA+, preocupados com a violência e o preconceito contra seus filhos e suas filhas lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Hoje, o grupo agrega aproximadamente 2.000 mães, presentes em 24 estados brasileiros.

Como em toda sociedade, as famílias aqui são múltiplas. São formadas por mães que se tornaram solo após romperem casamentos por defender seus filhos, por mães que conscientizaram maridos, familiares e parentes contra a intolerância, por mães de crianças com variabilidade de gênero e de adolescentes trans que, nas palavras de Mendes, "precisam lutar para provar a própria existência".

A ativista lembra que após saber que era mãe de um filho biológico gay, o caçula Rodrigo, 28, e de uma filha afetiva, a enteada Luana, 31, lésbica, percebeu que precisava buscar informação.

"Até então, só tinha internalizado estereótipos negativos", ela conta. "Cresci num ambiente em que homossexualidade era tratada como doença." Recorda-se de dois primos que tiraram a própria vida por pressões homofóbicas e de um outro que morreu, vítima de complicações da Aids, o que só aumentou o estigma e a discriminação em relação aos gays.

"Nesse processo de negação, estava tão carregada de medo, preconceito e ignorância, que não me atinei aos sinais que meus filhos deram durante toda a adolescência", lembra. Tanto o garoto quanto a garota se assumiram perante a família. "A vida foi me preparando para me descobrir mãe de um rapaz gay e de uma filha lésbica."

Quando fake news em torno do chamado "kit gay", que marcaram a eleição presidencial de 2018 e tiveram origem em um material de combate à homofobia, bombardearam as redes sociais e outros canais de comunicação entre as famílias, a procuradora aposentada decidiu que era hora de fazer alguma coisa.

"Descobri que o foco da ONG é o acolhimento das mães para criação de uma rede de apoio e fortalecimento de cada uma", explica. A associação também atua na sensibilização de agentes de saúde, do Judiciário e do Legislativo. Mendes, por exemplo, produz conteúdo Jurídico voltado à questão da LGBTQIA+fobia.

"Hoje, estou resolvida, fora do armário, porque fui buscar informações no grupo", afirma Mendes, 58. "Somente por meio do contato com outras mães que conheci os desafios que pessoas trans enfrentam."

O Brasil é um dos países que mais matam transexuais e travestis no mundo. Uma morte da população LGBTQIA+ foi registrada a cada 38 horas no ano passado.

A integrante da associação explica ainda que as Mães pela Diversidade estarão neste domingo na avenida Paulista também por medo. "Pelo pavor de ver nossos filhos serem assassinados e de que, talvez juntas, a gente consiga reduzir o risco de eles sofrerem discriminação", afirma. "Nos últimos anos, parece que ser racista, fascista, homofóbico, intolerante virou um troféu no Brasil."

Em um momento em que temos um Congresso muito conservador e retrógrado, continua a ativista das Mães pela Diversidade, que age à mercê de religiões fundamentalistas, "precisamos resgatar a laicidade do Estado".

Portanto, o objetivo das mães em torno de um Estado laico segue em sintonia com a proposta da Parada do Orgulho de São Paulo deste ano. Nela, os organizadores fazem um convite aos participantes para que reflitam a respeito da importância do voto consciente por direitos da população LGBT+.

"As crenças dos parlamentares não podem interferir nas leis do país", afirma Mendes. "Nosso papel como mães de família é como qualquer outro: tradicional no cuidado, tradicional no afeto, com uma dose extra de amparo. Aqui o apoio tem que ser incondicional."

> "Família tradicional é uma falácia. Vamos mostrar na avenida que nossas famílias existem e que nossos filhos não estão sozinhos
>
> **Luciene Mendes**
> procuradora de Justiça aposentada e integrante da associação Mães pela Diversidade

## Devido a obras, parada ocupa pela primeira vez o lado ímpar da av. Paulista

SÃO PAULO A 28ª Parada do Orgulho LGBT+ de São Paulo ocorre neste domingo (2), na avenida Paulista, cartão-postal da cidade, a partir das 10h. Para esta edição, os organizadores apostam no tema Basta de Negligência e Retrocesso no Legislativo, convidando o público refletir sobre a importância do "voto consciente" e representativo.

Os participantes foram incentivados a vestir trajes em verde e amarelo. A ideia é retomar o uso das cores da bandeira do Brasil, associadas à direita nos últimos anos.

"Somos seres políticos. Por isso, nesta edição, escolhemos um tema que vai além da festa. Um tema que convoca cada um a refletir", disse o presidente da Parada, Nelson Matias. "Mais do que um voto consciente, precisamos ter um voto crítico para mudar a realidade de retrocessos."

Entre as atrações anunciadas para animar a festa estão Pabllo Vittar, Banda Uó, Sandra de Sá, Tiago Abravanel, Glória Groove, Ludmilla Anjos e Filipe Catto —que estarão espalhadas pelos 16 trios elétricos do evento junto a artistas e influencers.

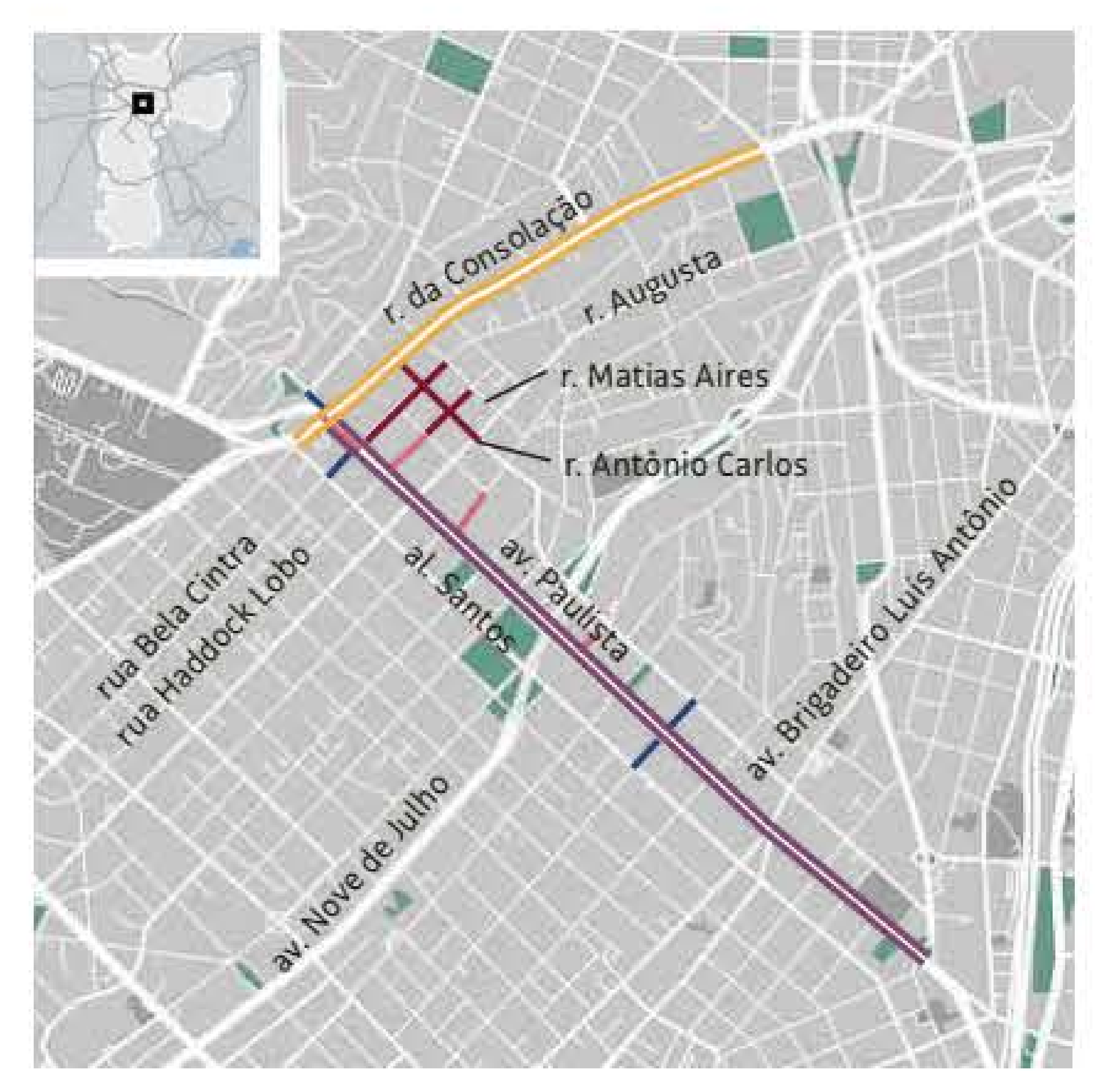
Devido a obras do metrô na Paulista, a Parada ocorre no lado ímpar da via pela primeira vez na história. Os acessos estarão disponíveis pelas ruas Haddock Lobo e Bela Cintra, bloqueadas para veículos.

O evento ainda causará interdições em outros endereços. Segundo a CET (Companhia Estadual de Trânsito), bloqueios serão feitos nas ruas Padre João Manuel, Peixoto Gomide, Itapeva, Prof. Otávio Mendes, Plínio Figueiredo, Frei Caneca e Antônio Carlos. Além disso, serão fechados o túnel José Fanganiello Melhem e a alameda Campinas.

Convidados, o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), e o prefeito Ricardo Nunes (MDB) não devem comparecer —ambos estiveram na Marcha Para Jesus na última quinta-feira (30). Os candidatos à prefeitura da capital Guilherme Boulos (Psol) e Tabata Amaral (PSB) confirmaram presença.

O evento, considerado uma das maiores paradas LGTB+ do mundo, é organizado pela APOLGBT-SP (Associação da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo). A primeira edição foi realizada em 1997.

**Parada LGBT+ causa interdições neste domingo (2)**




**A partir da 0h**
- Avenida Paulista, entre a rua da Consolação e a avenida Angélica
- Rua Bela Cintra, entre a avenida Paulista e a alameda Santos
- Alameda Campinas, entre a avenida Paulista e a alameda Santos
- Alameda Campinas, entre a avenida Paulista e a rua São Carlos do Pinhal

**A partir das 4h**
- Complexo Viário Paulista (túnel José Fanganiello Melhem) nos dois sentidos
- Rua Itapeva, entre a avenida Paulista e rua Carlos Comenale
- Ruas Frei Caneca e Haddock Lobo, entre a avenida Paulista e rua Luís Coelho

**A partir das 8h**
- Avenida Paulista: entre a praça Oswaldo Cruz e a rua da Consolação, em ambos os sentidos

**A partir das 11h**
- Rua Haddock Lobo, entre a rua Matias Aires e a avenida Paulista
- Rua Antônio Carlos, entre as ruas Augusta e da Consolação
- Rua Bela Cintra, entre a avenida Paulista e a rua Matias Aires

**A partir das 12h**
- Rua da Consolação: nos dois sentidos, entre a Alameda Santos e a Rua Caio Prado

Fonte: CET

# MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

## Preferia uma reunião política a uma festa

**ANTONIO MENTOR DE MELLO SOBRINHO (1950 - 2024)**

**Leonardo Fuhrmann**

SÃO PAULO A atuação dos irmãos advogados Angélica e José nos movimentos pela redemocratização do país serviram de incentivo para Antonio Mentor de Mello Sobrinho dar seus primeiros passos no movimento estudantil. Os dois também atuavam na defesa de presos políticos.

Apesar da influência dos irmãos, seu destino no campo dos estudos tomou outra direção: ciências sociais na Unesp (Universidade Estadual Paulista), em Rio Claro. Mas a atividade política seguiu próxima à dos irmãos ao longo da vida, sobretudo à de José, que, assim como ele, foi um dos fundadores do PT.

Antonio não terminou o curso e se tornou empresário. A faculdade, porém, deixou marcas pessoais em sua vida, além da militância política. Foi lá que conheceu a primeira esposa, Regina Elisabeth, com quem teve três filhos.

Os dois moraram em São Paulo durante os anos 1970. Mas decidiram sair da capital na virada da década seguinte e ir morar em Americana, terra natal dela. Uma das motivações de Antonio era construir o PT na cidade junto com o então cunhado Raul Brisolla.

Trabalhou na formação e consolidação do diretório municipal do partido. Isso até 1988, quando deixou os bastidores petistas quase na marra. Com perfil discreto, ele não tinha até então desejo de entrar em disputas eleitorais.

No meio da campanha daquele ano, o amigo Theodomiro Jordão abandonou a candidatura a vereador e pediu a Antonio que o substituísse. Assim, aquele homem que preferia reuniões políticas a festas iniciava sua carreira legislativa.

Mesmo fazendo campanha por metade do período eleitoral da época, acabou eleito. Em Americana, foi vereador por três mandatos seguidos e chegou a ocupar a Secretaria de Governo na gestão do prefeito Waldemar Tebaldi.

Em 1998, com o apoio do irmão, que havia se destacado como advogado de movimentos populares de moradia na zona sul paulistana e vereador na cidade, tornou-se deputado estadual.

Nas três eleições seguintes, Antonio se elegeu deputado estadual e colaborou nas campanhas eleitorais do irmão a deputado federal. Chegou a ser o candidato mais votado na região metropolitana de Campinas em 2002 e foi líder do PT na Assembleia Legislativa de São Paulo. Em três oportunidades, foi candidato a prefeito de Americana.

Morreu na noite de 7 de maio, no hospital Sancta Maggiore, após sofrer uma parada cardiorrespiratória. Ele estava internado para o tratamento de um câncer. Deixou a esposa Cleonice Coelho, os filhos Stephania, Nathalia e Diogo e os netos Theo, Thomas e Thiago.

# Nosso Katrina e outras turbulências adiante

Só um furacão nas urnas preparará o Brasil para enfrentar a mudança do clima

**Marcelo Leite**
Jornalista de ciência e ambiente, autor de "Psiconautas - Viagens com a Ciência Psicodélica Brasileira" (ed. Fósforo)

*Circulam pela internet comparações entre as enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul e o furacão Katrina, que afogou Nova Orleans em 2005. São difíceis de aquilatar, porque os dados variam, mas não resta dúvida de que a tragédia gaúcha deixará marca similar no imaginário brasileiro.*

*Na Louisiana morreram de 1.300 a 1.800 pessoas, dependendo da fonte. No RS a contagem estava em 171 neste sábado (1º). Mesmo que ultrapasse duas centenas, o que parece provável diante de 43 ainda desaparecidos, as cifras são incomparáveis.*

*No que respeita à área inundada, a proporção se inverte. Com 80% de Nova Orleans debaixo d'água, o alagamento correspondeu a 725 km2. No RS, imagens de satélite analisadas pelo Instituto de Pesquisas Hidráulicas da UFRGS indicaram mais de 4.600 km2.*

*A profusão de imagens de casas submergidas, com pessoas e animais resgatados de telhados por barco ou helicóptero, é chocante nos dois casos. Dezenas de milhares de desabrigados, centenas de milhares desalojados, milhões de impactados... pouco importa o número preciso para dar conta da enormidade.*

*A inundação de Nova Orleans demorou a se dissipar. As enchentes do Guaíba, do Taquari, da lagoa dos Patos e outras bacias gaúchas, por sua vez, vão e voltam com a repetição de chuvas torrenciais que já dura um mês. Um padrão cruel de flagelo, capaz de abater até o mais resiliente dos povos.*

*Não será surpresa se, após perder a casa ou todos os eletrodomésticos, móveis e recordações pela segunda vez em pouco tempo, ou ainda ter de tirar a lama do chão de novo e no frio, alguns habitantes decidirem deixar de vez Porto Alegre, Eldorado do Sul e outras cidades nos próximos meses. É mais que humano.*

*Nova Orleans até hoje não se recuperou por completo do Katrina. Cinco anos antes da inundação, a capital do blues contava 485 mil habitantes. Em 2006 a população tinha caído mais da metade, para 230 mil. Em 2002, ainda estava em 370 mil.*

*Embora na Louisiana pobres, negros e velhos também tenham sido os mais afetados pela hecatombe climática, como no Rio Grande, não se deve esquecer que os Estados Unidos são bem mais ricos que o Brasil. Muita gente lá tem seguro residencial, coisa que aqui, hoje, nem a classe média consegue pagar.*

*Os desafios do governo gaúcho e federal, nesse sentido, é bem maior que nos EUA. Fala-se muito em reconstrução após o salvamento, e também seria preciso falar em adaptação urbana e campestre ao novo anormal da mudança climática, mas antes será preciso criar maneiras de não deixar que as vítimas sucumbam ao desespero.*

*Solidariedade tem limite e prazo de validade, é horrível dizer. Passado o choque, doações recuarão, atingidos se acomodarão na penúria agravada, e a política retornará aos negócios usuais. Business as usual. Aliás, já retornou de onde nunca saiu, como se pode ver pela exploração do infortúnio nas redes antissociais.*

*Poucos conseguirão exceder em indignidade o senador pelo RS Hamilton Mourão (PR). Alegando ser septuagenário, o general golpista escudeiro de Jair Bolsonaro, qualificou seu eventual e sonegado engajamento na emergência como desvio de função —mesmo sendo especialista na atividade.*

*Parlamentares como ele, no Centrão bolsonarista, ruralista, armamentista e vigarista, avançam sem vergonha seus projetos de legislação antiambiental no conforto de Brasília. Só viajam aos pampas, de avião ou helicóptero, para simular operações de socorro e fazer fotos ou vídeos para postar.*

*Pensem bem antes de reelegê-los, gaúchos e demais brasileiros. Caso insistam em fazer do voto uma arminha, de novo, as vítimas poderão ser vocês.*

*Só lhes restará então torcer pela vingança poética de ver os voos deles ameaçados, como o da Singapore Airlines, por turbulências titânicas –outro tipo de evento extremo agravado pelo aquecimento global. Apertem os cintos.*

| DOM. Reinaldo José Lopes, Marcelo Leite

# Cidades no exterior enfrentam enchentes com canais e diques

Projetos antigos nos Estados Unidos passaram por ampliações recentes

**Leonardo Fuhrmann**

SÃO PAULO Quando perguntados sobre como evitar novas enchentes como a que atingiu Porto Alegre, especialistas são quase unânimes em dois pontos: prevenção é mais eficiente que a mais complexa e cara das obras de engenharia, mas, se a intervenção é inevitável, o Brasil dispõe de tecnologia e conhecimento suficiente para as obras necessárias.

Presidente da DTA Engenharia, João Acácio Gomes de Oliveira Neto diz que as soluções para enchentes são obras tradicionais de engenharia e o país, segundo ele, tem experiência para realizá-las.

Daniel Alassia, coordenador do programa de pós-graduação em engenharia civil da UFSM (Universidade Federal de Santa Maria), e Mário Mendiondo, coordenador científico do Centro de Estudos e Pesquisas em Desastres (CEPED) da USP, também afirmam que o país conhece e aplica a tecnologia necessária.

Os três apontam que grandes projetos exigem tempo, custos elevados e estudos aprofundados de viabilidade, capacidade e impactos socioambientais. Por isso, ações preventivas são a melhor alternativa sempre que possível.

Especialista em hidráulica e engenharia ambiental, o engenheiro Rodrigo Freire de Macedo fez carreira internacional com obras de usinas hidrelétricas e hoje vive em Montreal, no Canadá. Atuou em obras de contenção de enchentes no Brasil e na América do Norte.

O engenheiro alerta para as dificuldades para o planejamento de grandes obras de engenharia e destaca as mudanças do clima como um ingrediente a mais de dificuldade, por tornarem mais complexa a elaboração de projeções.

Sobre a capacidade tecnológica, ele cita obras em São Paulo como tão eficientes quanto as construídas nos EUA. As barragens e reservatórios —como a barragem e eclusa da Penha, na zona leste da capital paulista—, os reservatórios de retenção, como os piscinões, e a canalização para aumentar a capacidade e a velocidade de escoamento de rios são alguns exemplos.

Construída em 2013, a barragem torna o rio Tietê navegável em sua área urbana por controlar o fluxo de água. A construção faz parte de um projeto que tornaria a região metropolitana da capital paulista interligada por hidrovias. Os piscinões e diferentes tipos de canalização de rios se tornaram obras comuns e são alvo de críticas pelos seus altos impactos urbano e ambiental.

Macedo evita comparar as obras necessárias para a realidade gaúcha com o exemplo mais comum de controle das águas, a Holanda. No caso europeu, o risco de inundação vem do fato de as cidades estarem abaixo do nível do mar. No caso gaúcho, é provocado pelo excesso de chuvas, com sobrecarga nos rios.

Em Nova Jersey, o furacão Sandy, em 2012, levou as autoridades a criarem um novo sistema de proteção ao longo do rio Hackensack. A alternativa inclui a instalação de bombas de alta potência, além do aprimoramento de canais de escoamento.

O mesmo furacão levou a um plano em Nova Jersey e Nova York, com barreiras, diques, aterros e portões. O projeto precisou de US$ 52,6 bilhões. Norfolk, na Virgínia, está investindo US$ 2,6 bilhões em portões de maré, diques, e estações de bombeamento.

Após o furacão Katrina, em 2005, Nova Orleans foi obrigada a aprimorar o seu sistema de proteção, com bombas, comportas e uma muralha. Assim como em Porto Alegre, a cidade tinha um sistema contra as enchentes do rio Mississippi com quase um século de criação.

Na costa oeste, Sacramento, da Califórnia, conta com um conjunto histórico de contenção das cheias. Com as primeiras obras no século 19, o projeto passou por atualizações no século 20. A última grande obra é de 2020. O sistema é formado por canais de desvio, que criam afluentes e açudes para controlar o volume de água do rio.

**Engenharia contra enchentes**

Quais são as soluções mais comuns de mitigação e proteção contra inundações

**Diques**

rio
Dique

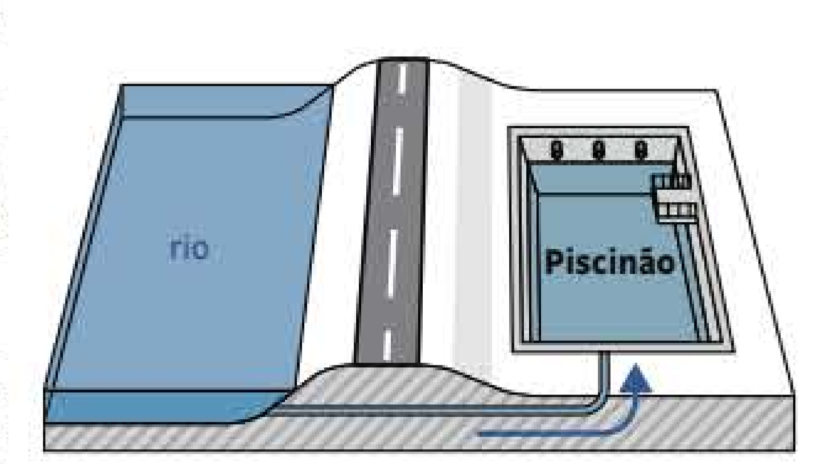
Barreiras de contenção evitam que grandes áreas sejam invadidas pela água
**Desvantagem:** em alguns casos, podem reduzir a margem dos rios e agravar alagamentos

**Canais de desvio**

rio
Canal

Similar a um 'ladrão' hidráulico, serve de passagem de água após um rio ultrapassar certo limite de altura
**Desvantagem:** é necessário inutilizar grandes terrenos, deixando-os livres para a passagem da água

**Reservatórios**




Os famosos 'piscinões' armazenam água durante a cheia para aliviar os rios
**Desvantagem:** na estação seca, podem tornar-se vetores de animais peçonhentos e pragas, como terrenos baldios

**Estações de bombeamento**




Usadas principalmente para superar um desnível e escoar água para local mais alto
**Desvantagem:** solução cara, não se aplica a todo tipo de inundação

Infografia Luciano Veronezi



Cais do Porto Mauá, em Porto Alegre; nível do lago está abaixo da cota de inundação Donaldo Hadlich/Código 19/Agência O Globo

# Guaíba fica abaixo da cota de inundação pela 1ª vez em um mês

CAMPINAS O nível do lago Guaíba continua em redução e ficou abaixo da cota de inundação entre sexta-feira (31) e sábado (1º). A medição apontou 3,57 metros, às 6h30, na Usina do Gasômetro, na região central de Porto Alegre. Às 8h15, estava em 3,55 m.

Esta é a primeira vez que isso ocorre em um mês —desde 2 de maio não era registrada a situação. A cota de inundação neste ponto de medição é de 3,6 metros. A cota de alerta no local é de 3,15 metros.

Por estar abaixo da cota de inundação, o Guaíba não transborda neste momento.

O nível na região do Gasômetro se tornou, na última semana, a nova referência para acompanhar a água do lago, antes aferida no cais Mauá (onde a cota de inundação era de 3 metros, e o de alerta, 2,55 metros). O novo parâmetro foi estabelecido pela ANA (Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico).

"A diferença de níveis de referência para inundação se dá porque as estações telemétricas encontram-se em locais diferentes da orla e com diferentes relevos", disse a secretária estadual do Meio Ambiente e Infraestrutura, Marjorie Kauffmann.

"Os níveis históricos seguem os mesmos, o que foi restabelecida é a referência do nível de alerta e de inundação", completou.

O número de mortos em decorrência das chuvas no Rio Grande do Sul chegou a 171 na manhã deste sábado.

Ainda havia 43 desaparecidos, e mais de 617 mil pessoas continuavam fora de suas casas —cerca de 13 mil a menos do que o registrado no início da semana passada.

O recuo da água do lago tem sido de cerca de 0,7 centímetro por dia.

A cheia atual foi a maior do Guaíba na série histórica. Chegou a 5,35 metros no dia 5 de maio, superando os 4,74 metros registrados em 1941, que à época, sem comportas ou drenagem, deixou a capital debaixo d'água.


Adams Carvalho

# Racismo estrutural

Ao ouvir a frase em um hotel, 150 anos passaram diante dos meus olhos

**Antonio Prata**
Escritor e roteirista, autor de "Por Quem as Panelas Batem"

*Só um negacionista climático, um terraplanista hidrófobo ou outra besta do tipo é capaz de afirmar que não existe racismo no Brasil. A construção "existe racismo no Brasil" é até meio descabida. Se a escravidão foi a base da nossa economia por três séculos, se é o fundamento do nosso edifício social e a principal razão das nossas desigualdades, seria mais correto inverter a ordem dos fatores (sem, infelizmente, alterar o produto) e afirmar que o Brasil é que existe no racismo.*

*Cheguei do almoço e tinha que pegar a chave na recepção do hotel, em Ribeirão Preto. Três homens faziam o check-in: jovens, pardos, correntes douradas, bonés, tênis chamativos. Os tipos que a PM pararia para revistar, logo pensei. Não sei bem por que, imaginei que fossem roadies de uma banda. Talvez seguranças de algum famoso, ainda sem os ternos que inexplicavelmente os seguranças usam. Os três riam e conversavam alto, despreocupados. O cara da recepção me entregou a chave. O elevador chegou, entrei.*

*Dentro estava uma funcionária do hotel, uns 65 anos, segurando uma pilha de toalhas brancas como ela —e eu. Entrei, a senhora olhou os caras por cima do meu ombro e resmungou "ai, meu Deus, tomara que não estejam indo pro meu andar...".*

*Ao ouvir a frase, 150 anos passaram diante dos meus olhos. Vi ali a imigração europeia chegando ao interior paulista na virada do século 19 pro 20 com o intuito de "embranquecer" o país. Vi o esforço dos descendentes daqueles europeus brancos e pobres em se distanciar dos pretos, durante todo o século 20, agarrando-se à branquitude, adotando os hábitos das elites, falando frases como a daquela senhora, no elevador.*

*Lembrei do bandeiroso bordão dos ricos patrícios no início dos anos Lula, com a ascensão da classe C: "esse aeroporto tá parecendo uma rodoviária". Era um eufemismo pra "tá cheio de preto no aeroporto". Ou: "tá cheio de pobre no avião". É uma elite para quem a desigualdade não é um problema, é um conforto, uma marca de distinção. Somos um país em que a palavra "exclusivo" deveria causar vergonha, mas é usada para valorizar produtos, lugares, eventos. Um país em que estar na ala VIP talvez importe menos por aproximar os supostos "very important" do que por afastá-los da escumalha.*

*Um detalhe que me incomodou ainda mais na situação foi a tranquilidade com que a senhora havia me dito "ai, meu Deus, tomara que não estejam indo pro meu andar...". Quer dizer, ela não só parecia assumir seu racismo sem qualquer receio, mas supunha que eu também compartilhasse dele. Pensei no quanto aquilo dizia sobre São Paulo e seu riquíssimo interior, sobre suas cidades do agro e do sertanejo que se enxergam mais próximas do Texas do que da Bahia.*

*Não quis deixar barato. Respondi, um tanto ríspido: "por que a senhora não quer que eles vão para o seu andar? Você conhece eles? Eles já vieram pro hotel? Causaram algum problema?". Queria que ela lesse, nas entrelinhas, que, se não os conhecia, se era a primeira vez deles ali, só podia estar sendo preconceituosa. A senhora me encarou meio sem entender, por trás da pilha de toalhas brancas: "Não, não faço ideia de quem são, é que todos os quartos já tão arrumados, só faltam três pra mim no oitavo andar".*

*Impressionante o Brasil. O racismo vem de onde a gente menos espera.*

| DOM. Antonio Prata | SEG. **Marcia Castro,** Giovana Madalosso | TER. Vera Iaconelli | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

# Chefs trazem herança cultural a aulas do festival Taste em São Paulo

**COMIDA**

**Matheus Ferreira**

SÃO PAULO Além do sol com temperatura amena, que contrastou com os dias gelados da semana passada, o festival Taste SP do último sábado trouxe como novidade aulas de chefs dedicadas à herança cultural de cada um e restaurantes que ainda não haviam entrado no circuito do evento.

A chef pernambucana Dona Carmem Virgínia, do Altar Cozinha Ancestral, abriu a sessão, às 13h30, no espaço dedicado a pratos preparados na brasa. Pela primeira vez no festival, ela ensinou arroz de polvo.

O prato foi o primeiro que Virgínia preparou em seu programa "Uma Senhora Panela", no canal GNT. A receita trazida para São Paulo foi similar à da TV, com a diferença da panela. Aqui usou uma de ferro; no Recife, onde grava o programa, costuma usar uma de barro.

Enquanto fritava alho, cebola e arroz, a chef explicou por que chama o seu restaurante de Cozinha Ancestral. O termo, que passou por um imbróglio de uso de marca, aparece no nome do Altar na matriz no Nordeste, aberta há dez anos, e na filial paulista, que fez um ano neste ano.

É uma forma de destacar a herança africana, disse aos alunos. Muito do que ela prepara em seus pratos vem do que aprendeu da avó.

Na panela do Taste, a chef misturou vinho tinto, tomate pelado e caldo com temperos próprios. O polvo, cozido na pressão com especiarias como louro e canela, foi à brasa antes de ser cortado em pequenas fatias e colocado sobre o arroz.

Outra sessão concorrida foi a do chef Rodrigo Oliveira, do Mocotó. Ele foi escalado para ensinar sobre tapioca e cocada às 18h. Cinco horas antes, o público já perguntava à organização se já era possível deixar o nome da lista —só era permitido agendar a aula meia hora antes do seu início.

Além das lições ao ar livre, também aconteceram demonstrações de gastronomia. Na tenda do restaurante japonês Aizomê, adornado com balões vermelhos e camisetas com desenhos de peixes, a chef Telma Shiraishi comandou a cerimônia de abertura de um atum de 70 quilos, usado como ingrediente neste fim de semana no Taste.

Foram necessárias três pessoas para carregar o maguro, nome japonês desse tipo de peixe. "É uma tradição do Japão cortar o atum inteiro na frente de uma plateia como forma de abrir os eventos", diz a chef, enquanto sua equipe utilizava diferentes facas e um martelo para fatiar o peixe, capturado na costa do Rio Grande do Norte.

O atum foi usado para preparar o tekkadon (R$ 55), um arroz com algas e ovas e o chumaki (R$ 55), um combinado de sushi recheados com atum, pepino e nabo em conserva. Outras partes, como a cabeça, não são descartadas, mas viram ingrediente de sopas ou são preparadas na grelha.

Uma das novidades do dia foi o Mapu, restaurante de comida taiwanesa dos mesmos donos do Aiô, que entrou na seleção oficial de restaurantes publicada pelo guia "Michelin" no final de maio.

Sucesso de vendas, o minibao de bolo de nabo (R$ 45 duas unidades), um pãozinho feito no vapor, levava recheio do vegetal com molho de ostra e maionese. Pelo mesmo preço, saía outra versão do prato, com carne de porco desfiada e farofa de amendoim.

Para o Taste, o Mapu trouxe um prato exclusivo, o ji rou fan (R$ 30). É um arroz coberto por frango desfiado, cebola, picles de pepino e coentro.

O evento continua neste domingo e na próxima semana. A **Folha**, parceira da organização, dá aos seus assinantes 20% de desconto no ingresso. O jornal também tem um estande de atividades e brindes.

# China faz 2º pouso no lado afastado da Lua na história

## Missão lançada no dia 3 de maio deve voltar para a Terra com 2 kg de rochas lunares no fim deste mês

**Salvador Nogueira**

são paulo A missão chinesa Chang'e 6 realizou com sucesso na noite deste sábado (1º) sua alunissagem na cratera Apollo, tornando-se a segunda espaçonave a pousar no hemisfério afastado da Lua.

A primeira foi a também chinesa Chang'e 4, que em 2018 inaugurou a exploração in situ da face lunar que jamais é vista da superfície terrestre. Mas a nova missão se assemelha mais à Chang'e 5, que em 2020 realizou o primeiro retorno robótico de amostras lunares do século 21.

A Chang'e 6 é praticamente uma réplica de sua predecessora imediata, porém voltada à exploração do lado afastado do lunar. Sua operação é mais complexa, porque não há linha de contato direto com a Terra, tornando necessário um satélite de retransmissão.

O pouso ocorreu cerca de 40 minutos antes do esperado, às 20h23 (de Brasília), e iniciou a fase mais ativa da missão, que envolverá cerca de 48 horas para checagem de equipamento e o uso de um braço robótico e uma perfuratriz para extrair cerca de dois quilos de rochas lunares que serão então carregados no veículo de ascensão, que os levará à órbita lunar, onde ele se encontrará com uma nave-mãe, responsável por trazer as amostras de volta à Terra.

Caso tudo dê certo, os cientistas chineses devem ter as amostras de volta em 25 de junho. E eles estão ansiosos por estudá-las, a fim de desvendar o que faz o lado afastado lunar ser tão diferente da face que fica sempre voltada para a Terra.

Igualmente ansiosos estarão os parceiros internacionais que se envolveram na missão. Além dos experimentos chineses embarcados, há um medidor de íons desenvolvido na Suécia e um detector de radônio fornecido pela França que devem operar na superfície lunar. Um retrorrefletor italiano —instrumento passivo que ajuda a medir a distância entre espaçonaves e a superfície lunar— completa o pacote de cargas úteis estrangeiras.

Um quarto país também participa da missão, o Paquistão, mas apenas a partir da órbita —um pequeno satélite universitário chamado Icube-Q foi colocado para girar ao redor da Lua junto com o orbitador da Chang'e 6, apenas quatro dias após o lançamento da missão, em 3 de maio, e cumpriu todos os objetivos previstos, que envolviam fotografar a Chang'e 6, a Terra e a Lua, além de colher dados de magnetismo lunar.

A cooperação internacional prosseguirá após o fim da missão. Num primeiro momento, amostras colhidas pela Chang'e 6 serão disponibilizadas para estudo por instituições chinesas, mas depois elas serão também disponibilizadas a cientistas de outros países. Até mesmo a Nasa terá uma chance, a julgar pelo que aconteceu com as amostras colhidas pela Chang'e 5.

A despeito de haver uma lei imposta pelo Congresso dos EUA que proíbe cooperação bilateral com a China em assuntos espaciais, o governo americano abriu exceção e autorizou pesquisadores da agência a solicitarem amostras.

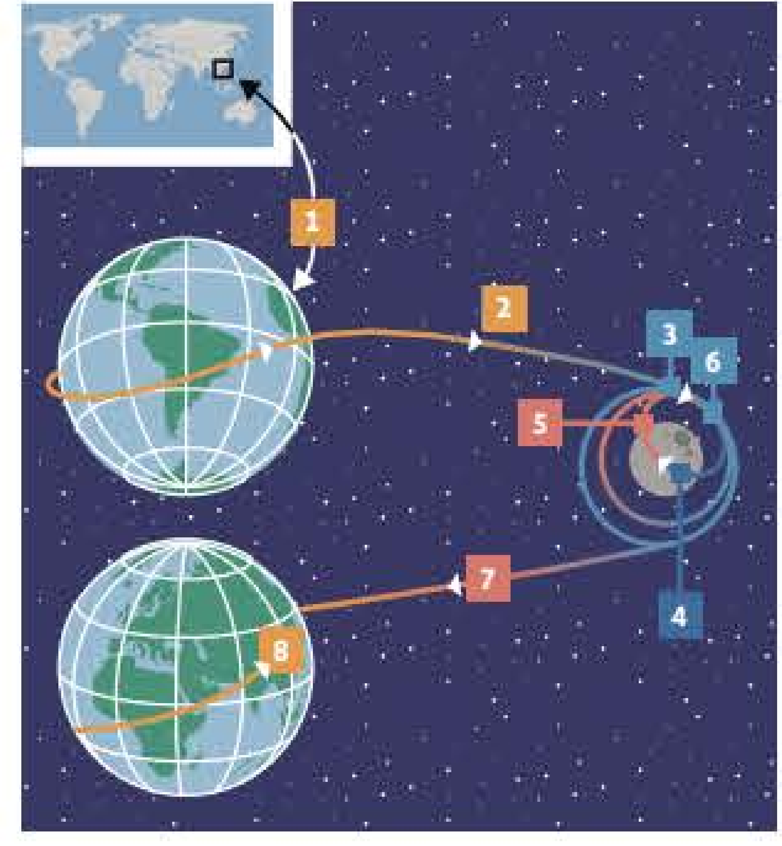
Os dois países estão numa corrida para retomar a exploração lunar tripulada, com objetivos de estabelecerem uma base no polo sul.

Ambos trabalham no momento com missões robóticas, os chineses concentrados no tradicional modelo de voos conduzidos por uma agência espacial estatal, e a Nasa buscando parceiros na iniciativa privada para fornecer serviço de transporte de cargas úteis até a Lua.

A primeira missão comercial de pouso lunar da história, por sinal, aconteceu em fevereiro deste ano, conduzida pela empresa Intuitive Machines, de Houston. Pelo menos mais duas devem acontecer ainda em 2024.

**Missão chinesa Chang'e 6 rumo ao lado afastado da Lua**

Viagem deve durar 53 dias e será a primeira a colher amostras no hemisfério oculto lunar




1. Lançamento (3.mai), a partir da ilha de Hainan (China)
2. Injeção translunar
3. Inserção em órbita lunar
4. Pouso suave
5. Módulo de ascensão parte da Lua
6. Acoplagem em órbita lunar e transferência das amostras para cápsula
7. Retorno à Terra
8. Reentrada e pouso da cápsula

Fontes: ESA e Planetary Science



Sonda da missão Chang'e 6 com minirrover de quatro rodas preso na lateral do módulo de pouso CNSA




Os astronautas Sunita Williams e Barry Wilmore no Centro Espacial Kennedy, em Cabo Canaveral, neste sábado Joe Skipper/Reuters

# Boeing suspende voo tripulado da cápsula Starliner a quatro minutos do lançamento

cabo canaveral (eua) | afp A Boeing não conseguiu lançar neste sábado (1º) sua espaçonave Starliner, em mais um revés para o conturbado programa espacial da empresa, que vem enfrentando anos de atrasos e adversidades relacionadas à segurança.

As equipes de controle em terra cancelaram o lançamento quando faltavam pouco menos de quatro minutos para o fim da contagem regressiva —os motivos ainda não foram revelados.

O foguete da United Launch Alliance (ULA), a joint venture entre Boeing e Lockheed Martin, deveria ter decolado às 12h25, horário local (13h25 em Brasília), da Estação da Força Espacial de Cabo Canaveral, no estado da Flórida, no sudeste dos Estados Unidos.

Mas, no último minuto, um sistema de emergência foi ativado automaticamente, segundo a Nasa.

Como resultado, as equipes da ULA, da Boeing e da Nasa começaram a colocar o foguete em uma configuração segura para que os dois astronautas pudessem sair.

Foi descartada a possibilidade de uma nova tentativa neste domingo (2). As datas alternativas possíveis para a decolagem são a próxima quarta (12) ou quinta-feira (13), porém os técnicos precisam determinar primeiro os ajustes necessários.

Os astronautas da Nasa Barry Eugene Wilmore e Sunita Williams são ex-pilotos de teste da Marinha com dois voos espaciais no currículo.

Eles fizeram sinal de positivo e acenaram para suas famílias ao saírem do histórico Edifício de Operações Neil A. Armstrong na manhã deste sábado.

Vestidos com trajes azuis, eles embarcaram na van que os levou para a plataforma de lançamento, onde assistiram a trechos do filme "Top Gun: Maverick" como incentivo à missão que tinham pela frente.

A Nasa está tentando certificar a Boeing como uma segunda operadora comercial para transportar suas tripulações para a ISS, algo que a SpaceX, empresa do magnata Elon Musk, vem fazendo nos últimos quatro anos.

Ambas as empresas receberam contratos de vários bilhões de dólares em 2014 para desenvolver suas cápsulas tripuladas e pilotadas de forma autônoma, depois que o programa do ônibus espacial chegou ao fim em 2011, o que deixou os Estados Unidos temporariamente dependentes dos foguetes da Rússia para suas viagens.

A Boeing, com seus cem anos de história, foi fortemente favorecida em relação à sua concorrente então iniciante. No entanto, seu programa sofreu anos de atrasos e temores em relação a questões de segurança que refletem os vários problemas que afligem sua divisão de linhas aéreas comerciais.

No começo de maio, Wilmore e Williams estavam prontos para a decolagem quando do defeitos em uma válvula do foguete Atlas 5, que deveria impulsionar a cápsula da Starliner em órbita, forçaram as equipes de terra a cancelar o lançamento.

Desde então, um pequeno vazamento de hélio localizado em um dos propulsores da espaçonave veio à tona, mas, em vez de trocar sua vedação, o que exigiria a desmontagem da Starliner na fábrica, os funcionários da Nasa e da Boeing consideraram-na segura o suficiente para voar como está.

Os testes pré-lançamento realizados pelas equipes de solo neste sábado confirmaram que o vazamento não havia se expandido ainda mais.

Uma vez no espaço, os astronautas colocarão a Starliner à prova, incluindo o controle manual da espaçonave.

Um voo bem-sucedido ajudaria a Boeing a dissipar alguns dos danos à sua reputação sofridos por sucessivos fracassos ao longo dos anos, desde um erro de software que colocou a espaçonave em uma trajetória ruim em seu primeiro teste não tripulado até a descoberta de que a cabine estava cheia de fita isolante elétrica inflamável após o segundo.

Outra preocupação constante foi que o equipamento de processamento de urina na ISS, que recicla a água da urina dos astronautas, sofreu uma falha nesta semana e sua bomba precisou ser substituída, segundo Dana Weigel, gerente do programa ISS da Nasa.

A missão tem a tarefa de transportar equipamentos sobressalentes, que pesam cerca de 70 quilos. Para abrir caminho para ele, as malas dos dois astronautas tiveram que ser removidas, o que significa que eles dependerão de suprimentos de reserva armazenados na estação.

A Starliner está prestes a se tornar o sexto tipo de espaçonave construída nos Estados Unidos a transportar astronautas da Nasa, seguindo os programas Mercury, Gemini e Apollo nas décadas de 1960 e 1970, o ônibus espacial de 1981 a 2011 e a Crew Dragon da SpaceX a partir de 2020.

## Bilionário cancela missão turística ao redor da Lua

são paulo | afp e reuters O bilionário japonês Yusaku Maezawa anunciou neste sábado (1º) o cancelamento da missão anunciada como a primeira particular ao redor da Lua, a bordo do foguete Starship da SpaceX, empresa de Elon Musk.

O projeto foi anunciado em 2018, e a partida estava prevista para o fim de 2023. "Neste momento, não há uma perspectiva clara de quando poderemos decolar", escreveu Maezawa neste sábado na rede social X.

A razão para o cancelamento não foi detalhada em nota oficial publicada no site do projeto, chamado dearMoon. Apenas foi informado que o lançamento se tornou inviável em 2023 e que não há perspectivas de quando poderá ocorrer. "Decidi cancelar após pensar muito", escreveu Maezawa neste sábado.

Outro comunicado no site oficial mencionou dúvidas em relação ao desenvolvimento do projeto. Em novembro do ano passado, a missão já havia sido adiada também sem explicações.

O Starship é o maior e mais poderoso foguete já construído na história. O veículo é projetado para levar humanos à Lua e a Marte.

Fundador da Zozotown, a maior plataforma de comércio online de roupas do Japão, o empresário tem uma fortuna estimada em US$ 2 bilhões.

Em 2021, Maezawa comprou todos os lugares da expedição a bordo do Starship e organizou uma competição para selecionar artistas que o acompanhariam na missão. Foram selecionados um famoso DJ de K-pop, dois fotógrafos e um ator, todos de nacionalidades diferentes. O empresário também é um dos maiores colecionadores de arte do seu país.

Para se preparar para a missão de cinco dias ao redor da Lua, ele embarcou para a ISS (Estação Espacial Internacional) a bordo do foguete russo Soyuz, onde ficou por 12 dias, em 2021.



Caio Revela e Alexandra Gurgel são do movimento 'body positive' e foram acusados de emagrecer e trair os seus seguidores Gabriel Cabral/Folhapress

# Influenciadores gordos emagrecem e recebem críticas nas redes sociais

Movimento body positive alcançou o ápice em 2019; desde então, marcas e anunciantes deixaram o tema de lado

**Bruno Xavier e Diego Alejandro**

SÃO PAULO Influenciadores brasileiros do movimento "body positive", que promove a aceitação do próprio corpo, enfrentam uma onda de críticas após anunciarem que emagreceram.

O fenômeno se repete em alguns países. Nos EUA, Thubten Donme, que compartilhava experiências enquanto mulher gorda e postava mensagens motivadoras para seguidores, surpreendeu a todos quando anunciou seu emagrecimento. Alguns de seus fãs a acusaram de traição. Para eles, ver a mulher que os incentivava a amar os próprios corpos mudar o corpo dela dessa forma era como perceber uma mentira.

O termo "body positive" cresceu e atingiu o ápice de procura em meados de 2021, de acordo com o Google Trends. Desde então, só caiu. O grupo prega o respeito a silhuetas magras, com cicatrizes, enrugadas ou gordas — com foco na nesta. A luta contra a gordofobia, ou romantização da obesidade para os críticos, é a principal bandeira. Tanto por ser a pauta com a qual seus seguidores mais se identificam quanto pela atenção que atrai.

O post em que Caio Revela, voz ativa do "body positive", anuciou a perda de pesonão foi bem aceito. "As pessoas que te seguem não têm dinheiro para tomar Ozempic nem fazer bariátrica. Não é justo vocês ficarem mudando de opinião o tempo todo", disse um dos comentários mais curtidos na publicação.

Caio conta que o emagrecimento não foi por estética. "Na pandemia, tinha muito medo de morrer. Criaram até fake news noticiando minha morte. Estava com depressão e descontava na comida. Preso no meu apartamento, não conseguia me exercitar, o que sempre fiz", diz. "Na reabertura, percebi quanta qualidade de vida havia perdido. Meu peso me impossibilitava de fazer muitas coisas. E ainda desenvolvi uma hérnia."

"É muito cruel. Me tratam melhor, sou mais ouvido. Agora caibo nas cadeiras. Por outro lado, dizem que traí o movimento. As pessoas têm que entender que continuo gordo. Só quero tornar minha vida um pouco mais fácil", afirma.

No mesmo contexto se encontra Alexandra Gurgel, 35, fundadora do movimento Corpo Livre. "É um resgate do nosso corpo. Quando lancei o canal, em 2015, parei de fazer dieta e ganhei mais de 20 quilos. Depois, fui emagrecendo naturalmente. Descobri que gostava de exercícios. Quando tirei a pressão de ser perfeita, pela primeira vez pensei na minha saúde."

Alexandra foi a primeira a se envolver na polêmica de perda de peso. Em 2021, ela postou uma montagem com duas fotos: uma antes e uma depois de emagrecer. O formato, segundo críticos, dá a entender que o corpo gordo seria o "errado" —avaliação já incentivada por Gurgel e outros membros do Corpo Livre. O post foi excluído.

No início deste ano, ela fez outro post no Instagram anunciando que perdeu 15 quilos. Mas devido a um tratamento de endometriose, com dieta restritiva.

"Minha vida está na internet. Com certeza fui incoerente, como todo mundo é. Mas, sendo influencer, quando você erra, é visto de outra maneira", comenta Gurgel. "A gente não é mais ativista militante como antes. Concordo com tudo que falava, mas às vezes chamava mais atenção para mim do que o assunto."

E, de fato, há rixas. Apesar de discutir gordofobia nas redes sociais, Ellen Valias, conhecida como Atleta de Peso, rejeita ser associada ao "body positive". "Essa luta não inclui pessoas gordas maiores." O termo, na militância, refere-se a pessoas que perdem acessos básicos, como ao transporte público ou ao atendimento médico, devido ao peso. E pouco se faz para mudar isso e outros problemas estruturais, segundo Valias, limitando o body positive a um aspecto estético.

Aliana Aires, professora da UFPI (Universidade Federal do Piauí) e autora do livro "De gorda a plus size: A moda do tamanho grande", concorda. "O 'body positive' fica no nível estético de aceitação. Já o ativismo tem uma característica política, de querer mudar um sistema", afirma.

**+ FOLHA LANÇA BLOG SOBRE TRANSTORNO ALIMENTAR**

• Neste domingo (2), Dia Mundial de Conscientização dos Transtornos Alimentares, a **Folha** lança o blog Não Tem Cabimento. A partir de relatos pessoais, experiências de negação, compreensão e formas de encarar transtornos como anorexia e bulimia, Joana e Ana Carolina, pseudônimos das autoras, dividem processos com os quais lidam desde os anos 2000. "Queremos desmistificar o tema, que ainda é um tabu", diz Ana. O blog fica no endereço www.folha.uol.com.br/blogs/nao-tem-cabimento/



# Vinicius Jr. escancara a masculinidade negra e jovem numa partida

Sociedade da branquitude não suporta o gozo dessa masculinidade e a sua pulsão de uma vida em êxtase

**OPINIÃO**

**Daniel Bento Teixeira**
Advogado, diretor do Ceert Equidade Racial e de Gênero

SÃO PAULO Mesmo quem passou a vida inteira negando ou chamando de mimimi a discriminação racial parece concordar que o que acontece com o jogador Vini Jr. é realmente racismo.

As manifestações racistas já eram irrefutáveis em 2017 contra o então jogador do Flamengo, mas atingiram estágio mais crítico com sua chegada ao Real Madrid, o que provocou posicionamentos das autoridades do Brasil e da Espanha e campanhas contra o racismo no futebol.

É essencial ver mais de perto para entender por que o racismo surgiu de forma tão virulenta neste caso.

O ódio das arquibancadas contrasta com a alegria com que Vini Jr. joga e comemora seus gols. E é esta a chave para as reações violentas.

Vini expressa a corporeidade de alegre de quem comemora sorrindo. É um jovem negro retinto que encarna o jogo bonito e alegre, somado à irreverência que contesta a sisudez de quem esperaria dele expressão contida. Ante o racismo, ele comete o crime que vai além daquele descrito pelo escritor congolês JJ Bola: o involuntário ato de respirar.

A morte violenta de jovens negros, sobretudo por instituições policiais, é a materialização desse desejo de constrição e de brutalização de corpos negros masculinos.

Um reflexo da afronta que certa masculinidade branca sente quando o jovem negro transborda presença, impõe seu ritmo e brinca. A sociedade da branquitude não suporta o gozo da masculinidade negra, sua pulsão de vida em êxtase. É preciso reprimir. É preciso prender. É preciso nos matar.

Felizmente, a história de Vinicius Junior aponta para outra narrativa. O caminho da liberdade e do crescimento sem amarras do ser humano que é ainda maior do que o jogador.

É esse espírito da juventude negra brasileira que tem feito o país mudar naquilo que ainda pode gerar esperança. Nossa luta é para que instituições de todas as partes do mundo, erguidas historicamente com a argamassa do racismo, possam se beneficiar da generosidade de muitos Vinicius que vêm contribuindo para a evolução social.

E que fiquem para trás as que promovem pulsão de morte violenta, afogadas em sua própria agressividade.

Neste sábado (1º), na final da Liga dos Campeões, no estádio de Wembley (Londres), vimos um Vini Jr. vibrante.

Logo em seu primeiro lance na partida, chamou para si a torcida, que respondeu com o mesmo entusiasmo. Depois de um jogo difícil para o Real Madrid, foi a partir de uma falha do adversário que Vinicius foi certeiro.

Além do gol, veio o título de campeão e a expectativa de que possa ganhar a Bola de Ouro, mesmo já sendo considerado um dos melhores jogadores do mundo.

Esta é uma vitória não apenas esportiva, pela qual também vibrei, mas a vitória da pulsão de vida desse jovem que, como masculinidade negra que se pretende livre, é também minha, do meu pai, do meu filho.

# *Real Madrid, novamente campeão da Europa*

E, por aqui, continuamos acomodados e acostumados às tragédias; fala-se muito, mas muito pouco se faz

***Tostão***
Cronista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

*A história se repete. Até o Real fazer o primeiro gol, já com mais de 70 minutos, o Borussia Dortmund jogava melhor, tinha tido quatro chances de gol contra uma do Real, que atuava mal. Mas quem venceu, mais uma vez a Liga dos Campeões foi o time espanhol.*

*O Real fez um gol em escanteio, com uma improvável cabeçada do lateral Carvajal, e depois um com Vinicius Junior, o melhor do mundo, em passe de Bellingham, que recebeu um presente do jogador alemão. A partir daí o Real reinou e quase fez o terceiro.*

*O Real, mesmo na adversidade de um jogo, passa a impressão de que sabe profundamente o que ocorre e o que vai acontecer, sabedoria que vai além do conhecimento de um megacomputador com IA. De repente, ganha a partida que parecia perdida. Isso se tornou comum.*

**Acomodados**

*Além da tragédia do Rio Grande do Sul, convivemos diariamente no futebol e no país com problemas permanentes, algumas tragédias, que assolam o Brasil. Fala-se muito sobre o assunto e muito pouco se faz para resolvê-los. Passam a ser curiosidades e até atrações turísticas.*

*Acostumamo-nos e acomodamo-nos a problemas frequentes, crônicos no futebol, e nada é mudado: como o péssimo calendário, os gramados ruins, o excesso de faltas, o tumulto durante as partidas, os muitos erros dos árbitros, a demora do VAR para tomar decisões, o comportamento raivoso de alguns treinadores durante os jogos. Discute-se muito sobre tudo isso e nada é mudado. A tão esperada liga dos clubes nunca chega.*

*Acostumamo-nos e acomodamo-nos à miséria e à desigualdade social, com o vergonhoso número de residências sem saneamento básico e sem água potável. Fala-se muito sobre isso, mas os progressos são muito pequenos. Há dinheiro para outras coisas, como para as enormes emendas parlamentares, mas não há para resolver a falta de esgoto.*

*Acostumamo-nos e acomodamo-nos a algumas ultrapassadas maneiras de jogar que ainda existem no futebol brasileiro. O fantasma do 7 x 1 completará dez anos em 8 de julho e ainda continua vivo. Repito, não foi por acaso. Enquanto o Brasil enchia o ataque de jogadores, deixando um enorme vazio no meio campo, os alemães colocaram mais meio-campistas para ter o domínio da bola, do jogo, envolver o time brasileiro com troca de passes e fazer os sete gols. Continuamos desvalorizando o meio campo.*

*Acostumamo-nos e acomodamo-nos à absurda violência, que aumenta a cada dia. As milícias e o crime organizado que dominam o Rio de Janeiro se espalharam pelo Brasil. Ainda não vi um forte planejamento para diminuir o problema.*

*Acostumamo-nos e acomodamo-nos às mentiras. Todos criticam as redes sociais e quase todos as procuram. Para muitos é a única fonte de informação. As redes sociais passaram a ser formadoras de opiniões.*

*Acostumamo-nos e acomodamo-nos à medíocre e ultrapassada discussão sobre o que é mais importante, o resultado ou a qualidade e a beleza do jogo. O Manchester City, dirigido por Guardiola, melhor técnico do mundo, joga bem, bonito e quase sempre vence.*

*Guardiola é bastante pragmático e acredita que para vencer é preciso ter a bola, o domínio do jogo, trocar muitos passes e esperar o momento de envolver o adversário e fazer o gol.*

*Precisamos nos desacomodar e nos desacostumar às palavras e às ações que se repetem. Necessitamos ser mais criativos, solidários, sem perder a disciplina, a estratégia e o planejamento.*

| DOM. Tostão e Juca Kfouri | **SEG. Juca Kfouri** | TER. Sandro Macedo
| QUA. Tostão | QUI. Juca Kfouri | SÁB. Marina Izidro

**ESPORTE AO VIVO** 16h Atlético-MG x Bahia Brasileiro, GLOBO | 18h30 Fortaleza x Athletico Brasileiro, SPORTV E PREMIERE | 18h30 São Paulo x Cruzeiro Brasileiro, PREMIERE

# Vini marca, Real confirma mística na Champions e amplia sua hegemonia

Time espanhol sofre ao longo de boa parte do jogo, mas reage no fim e conquista a 15ª taça

**REAL MADRID 2**
**BORUSSIA DORTMUND 0**

Luciano Trindade

SÃO PAULO "Não é uma casualidade, sei que existe alguma coisa importante e não sei de onde vem". As palavras são de Carlo Ancelotti, um dos técnicos mais vitoriosos da história do futebol, mas que se diz incapaz de explicar o que acontece com o Real Madrid na Champions League.

Na ausência de definições mais objetivas, ele também adere à resposta mística.

"Só sei que não tem fim", diz.

Azar do Borussia Dortmund, que neste sábado (1º) se tornou mais uma vítima do gigante espanhol na final da edição deste ano, em Wembley, na Inglaterra, onde o Real Madrid conquistou sua 15ª Champions.

Contrariando a expectativa de antes do jogo, o time alemão dominou o duelo, criou mais chances, teve uma bola na trave, mas não fez o que só o Real Madrid conseguiu: gols.

Além do poste, Thibaut Courtois voltou à meta madrilenha inspirado. Sem ter entrado em campo na competição por causa de uma lesão, ele fez sua estreia justamente na decisão e, com pelo menos quatro grandes defesas, foi peça fundamental para ajudar o Real a suportar a pressão do Dortmund.

Nos primeiros 45 minutos, só deu o time alemão. Fechado atrás, organizado no meio de campo e veloz no ataque, parecia questão de tempo para abrir o placar.

Duas chances quase tiraram o fôlego da torcida alemã, em maioria na Inglaterra. Primeiro, aos 20 minutos, Adeyemi recebeu a bola nas costas da defesa, saiu cara a cara com Courtois, mas ficou sem ângulo depois de driblar o goleiro.

Aos 22, Füllkrug também saiu de frente com o goleiro e acertou a bola na trave. Ele estava em posição irregular, mas o lance não foi revisado porque não terminou em gol.

Do outro lado, porém, apesar de acuado, o time espanhol não se desesperava.

Paciência é algo que sobra para o Real na Champions. No segundo tempo, o time voltou com mais ímpeto até conseguir, enfim, cavar espaços no campo de ataque.

O lance que definiu o rumo da partida saiu após cobrança de escanteio de Toni Kroos, que serviu a bola como um garçom para Dani Carvajal balançar a rede aos 29 minutos do segundo tempo.

A cobrança do alemão já deixa saudade na torcida madrilenha, que viu o último jogo do meia com a camisa merengue.

Além dele, Modric é outro que pode estar de saída. Antes disso, ele atingiu uma importante marca, com o seu 26º troféu pelo time. Ao lado de Nacho Fernández, é o maior vencedor da história do clube.

Com 1 a 0, o Real Madrid assumiu o controle do jogo e fez o que está acostumado. Saiu de uma situação difícil para festejar uma grande vitória, sacramentada com um gol de Vinicius Jr., aos 38 minutos. Um 2 a 0 ao melhor estilo Real Madrid imortal.

Vini repetiu na Inglaterra o que já havia feito em sua primeira experiência em decisão de Champions. Foi do brasileiro o gol da conquista contra o Liverpool, há dois anos, em Paris. Ao marcar novamente, ele alcança uma marca raríssima no maior torneio de clubes do mundo.

O único jogador a fazer gol em duas finais de Champions antes de completar 24 anos foi Lionel Messi. O argentino balançou as redes em 2009 e 2011, ambas contra o Manchester United, e ajudou o Barcelona a levantar o troféu.

A fase de Vini é iluminada. Foram seis gols na atual edição do torneio, quatro deles no mata-mata. O gol na final coroa uma temporada que o credencia a ser eleito pela primeira vez o melhor do mundo.

"Amo esse clube. Sou muito grato a todas as pessoas que acreditaram em mim. Eles me contrataram quando eu era muito novo, ainda no Brasil, e pagaram muito caro por mim", declarou Vini Jr. "É incrível. Estou muito feliz. É um sonho que estou vivendo neste momento", ele acrescentou.

Nenhum time tem mais títulos do que a equipe de Madri no principal torneio de clubes. O segundo maior não tem nem sequer a metade dos troféus que os merengues ostentam. São 15 do Real ante 7 do Milan.

O feito que o Dortmund buscava era algo raro na história do torneio. Nenhum dos jogadores que estiveram em campo eram nascidos quando o Real foi vice pela última vez.

Isso aconteceu na temporada 1980/81, quando o Liverpool levou a melhor. Antes disso, só dois clubes conseguiram superar o Real Madrid em uma decisão: o Benfica, em 1961/62, e a Inter de Milão, em 1963/64.

Agora, com 18 finais disputadas, o time espanhol tem um impressionante aproveitamento de 83,3% em decisões.

A 15ª taça ainda teve um sabor a mais, com uma conquista invicta: foram nove vitórias e quatro empates no torneio.



Jogadores do Real Madrid comemoram a conquista da Champions League com o técnico italiano Carlo Ancelotti Lee Smith/Reuters

## Real vence 'aconteça o que acontecer', festejam os espanhóis

Marina Izidro

LONDRES Rodrigo Molina chegou ao estádio de Wembley segurando uma réplica da taça da Liga dos Campeões em papelão. Estava entre os milhares de espanhóis que vieram de Madri para a final. Tinha a certeza de que o título viria.

Entre torcedores, parece existir a percepção de que o time sempre consegue vencer, quase como um predestinado a ser campeão. Como entender o domínio na Champions?

"Não dá para explicar. Está no DNA do clube. Aconteça o que acontecer, vencemos, mesmo contra rivais que parecem melhores. Ter tantos títulos da Champions impõe respeito", disse Rodrigo à **Folha**.

"Há uma magia, há fé", afirmou a espanhola Celia Poeolanc. "Acredito sim nessa mística do Real Madrid".

O favoritismo era tanto que até torcedores do Borussia Dortmund estavam pessimistas. "Estou feliz de pelo menos não jogarmos contra o Bayern de Munique. Seria uma derrota mais dura", disse o alemão Tessilo Ehrenfried, que esteve na última final que o Dortmund disputou, em Wembley, em 2013, quando perdeu para o grande rival.

Para José Félix Díaz Fernández, jornalista do diário Marca, um ponto forte do Real Madrid é manter a calma para sair de situações difíceis. Os nervos foram colocados à prova contra a postura ofensiva do Borussia Dortmund até o gol de Carvajal, aos 29 minutos do segundo tempo. Vinícius Júnior fez 2 a 0 e selou a vitória.

"Fala-se muito da camisa, do DNA, e também há qualidade e confiança. Sem isso, não se ganha. Os rivais sabem que, em qualquer circunstância, o Real pode mudar a partida".

Fernández lembra o confronto de ida das quartas de final contra o Manchester City, em que a equipe de Pep Guardiola marcou com menos de dois minutos de jogo. A partida terminou 3 a 3. "Outra equipe teria desmoronado, o Madrid se recuperou. Sinal de que os jogadores têm a cabeça forte".

Ter um técnico acostumado a vencer o torneio ajuda. Carlo Ancelotti agora tem sete títulos: três pelo Real Madrid e dois pelo Milan como treinador, e dois como jogador pelo clube italiano. Nesta semana, brincou que os deuses estariam ao lado dos espanhóis.

"Dizem que no (Santiago) Bernabéu há um Deus e ele veste branco. Talvez seja verdade, mas acho que Deus pune os erros. Se você erra, o Deus vestido de branco te pune", afirmou em entrevista ao jornal britânico The Times. Católico, disse, quando treinava o Chelsea, que não rezava para que o time ganhasse porque "Deus tem mais com o que se preocupar".

A partida deste sábado foi a última de Toni Kroos com a camisa do Real Madrid depois de dez anos na equipe. Aos 34 anos, o alemão se aposenta depois da Eurocopa. Renovação não é problema para um dos clubes mais ricos do mundo.

Entre os jovens talentos, estão Vini Jr. e Rodrygo, de 23 anos, e o inglês Jude Bellingham, de 20, que supriu a falta de Karim Benzema.

É parte da estratégia do presidente do clube, Florentino Pérez, que se elegeu pela primeira vez em 2000, ficou até 2006 e retornou em 2009. Na primeira gestão, formou os "galácticos", com Ronaldo, Beckham, Zidane e cia.

"Até 2006, a estratégia era diferente. Especialmente nos últimos sete, oito anos, ele tem apostado em jogadores jovens. Está demonstrando ser um bom plano", disse Fernández.

"O Real Madrid procura, analisa, pensa em quem quer. Não contrata por contratar. Nessa gama de jovens está o Endrick", afirmou, sobre a chegada do brasileiro de 17 anos. Segundo a imprensa francesa, o artilheiro da Copa de 2022, Kylian Mbappé, pode ser anunciado na segunda-feira (3).

Um clube que é o sonho de qualquer jogador. Mais um segredo para seguir conquistando troféus.

# *Este insuportável Real Madrid!*

Borussia Dortmund teve como vencer, mas vacilou quando criou suas chances

*Juca Kfouri*

Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

*Se os alemães do Borussia Dortmund Niclas Füllkrug e Karim Adeyemi fossem os brasileiros Rodrygo e Vinicius Junior do Real Madrid, muito provavelmente o resultado do primeiro tempo não teria ficado em injusto o a o no santuário de Wembley, na decisão da Liga dos Campeões da Europa.*

*Vini teria cortado para o lado certo uma vez sem adiantar a bola e em outra não teria aberto tanto o ângulo para tentar superar o extraordinário goleiro Courtois. E Rodrygo bateria no gol em vez de na trave como fez Füllkrug.*

*De fato, 2 a 0 seria o placar que a superioridade germânica deveria ter determinado sobre o surpreendentemente acuado esquadrão espanhol. O segundo tempo foi o oposto.*

*Cansados de dar chances aos rivais, os madridistas equilibraram as iniciativas, fizeram 1 a 0 e massacraram até Vini fazer o 2 a 0 definitivo, quando os germânicos já estavam grogues, como se tivessem tomado um porre de cerveja no intervalo. Ou de desperdícios fatais.*

*A verdade é que o Real Madrid é insuperável e insuportável, algo nunca visto num clube de futebol.*

***Libertadores***

*E os sete brasileiros passaram para as oitavas de final.*

*Atlético-MG, Fluminense, Palmeiras e São Paulo nos primeiros lugares, o time alviverde, invicto, assim como o tricolor carioca.*

*O segundo lugar do Flamengo foi decepcionante e o do Botafogo, pela reação, digno de ser comemorado.*

*Com dois jogos a disputar, o Grêmio tem tudo para também ficar com o primeiro lugar em seu grupo.*

*A liderança do River Plate na classificação geral não era esperada por Flamengo e Palmeiras e o time portenho tem a chance de jogar todas as partidas decisivas no rejuvenescido Monumental de Núñez, palco do jogo único na finalíssima.*

***Sul-Americana***

*Na chamada Série B continental, também nenhum brasileiro eliminado, embora três dos sete tenham de se submeter à indesejada repescagem. Corinthians, o invicto Cruzeiro e o Fortaleza ficaram com os primeiros lugares dos grupos.*

*O alvinegro, segundo na classificação geral, só não fará os jogos de volta em casa se tiver que enfrentar o argentino Racing nas quartas ou semifinais.*

*O Fortaleza deixou o Boca Juniors em segundo lugar.*

*O Inter ainda tem dois jogos para tentar chegar à repescagem, onde já estão o Athletico-PR, o Bragantino, que enfrentará o equatoriano Barcelona, e o invicto Cuiabá.*

*Por ironia, o Furacão, ao perder para o Sportivo Ameliano, sétimo colocado no Campeonato Paraguaio, terá de jogar com o líder Cerro Porteño, que vem da Libertadores.*

*Os três brasileiros farão o segundo jogo em casa.*

*Somadas e subtraídas as campanhas nacionais nos dois torneios continentais, dá para sonhar com os 14 atingindo as quartas de final, o que seria formidável.*

*Mas todos, sem exceção, terão de melhorar, e muito, os seus desempenhos, porque nenhum deles até agora convenceu 100%.*

***Obrigado, Neymar!***

*A ganância desmedida de Neymar alertou a opinião pública brasileira para a monstruosidade da PEC relatada pelo senador Flávio Bolsonaro que abre as comportas para eventual privatização das praias brasileiras.*

*Ao apoiá-la publicamente, e se envolver em discussão digna de sua nenhuma educação com a atriz Luana Piovani, o ex-craque santista despertou a justa indignação de quem nem sabia da PEC.*

*Neymar afogou-se no raso.*



Justin Lane/AFP

## IMAGEM DA SEMANA

**Donald Trump se tornou o primeiro ex-presidente dos EUA considerado culpado pela Justiça em uma ação criminal.** A decisão foi divulgada nesta quinta (30).

O júri de 12 pessoas considerou Trump culpado pelas 34 acusações de fraudar documentos para encobrir pagamentos à atriz pornô Stormy Daniels.

Cada acusação trata da falsificação de um documento diferente. O republicado deve recorrer da decisão e ainda poderá concorrer à Casa Branca.

## MARATONAR

*Beatriz Izumino*
newsletter.folha.com/maratonar

# Seis estreias para ver nas plataformas de streaming

**SÃO PAULO** Com a semana mais curta por causa do feriadão de Corpus Christi, destaco alguns filmes e séries recém-chegados e algumas estreias aguardadas dos próximos dias.

*

**"Entrevista com o Vampiro"**
Nova adaptação do livro de Anne Rice, desta vez em forma de série e ambientada em 2022. Com Jacob Anderson ("Game of Thrones") como Louis de Pointe du Lac e Sam Reid ("The Newsreader") como o vampiro Lestat. A segunda temporada estreou recentemente nos EUA.
"Interview with the Vampire". Prime Video, uma temporada, sete episódios.

**"Gasoline Rainbow"**
"Road movie" da geração Z, com atores estreantes e cenas improvisadas, bem à moda de Bill Ross IV e Turner Ross. O filme é também a estreia na ficção (declarada) dos irmãos diretores documentaristas, e o primeiro trabalho da dupla desde "Bloody Nose, Empty Pockets", uma mistura de não ficção e encenação improvisada que passou na Mostra Internacional de Cinema de São Paulo uns anos atrás.
Mubi, 110 min.

**"Biônicos"**
Num futuro meio cyberpunk em que as próteses biônicas se tornam comuns, a atleta do salto em distância Maria (Jessica Córes) se ressente da nova popularidade de sua irmã mais nova, Gabi (Gabz), que usa os acessórios tecnológicos para competir no mesmo esporte.
Netflix, 110 min.

**"Eric"**
Benedict Cumberbatch interpreta um marionetista decidido a tornar uma criatura desenhada pelo filho pequeno em personagem de um programa infantil de televisão, para que o menino, desaparecido, retorne. Soa mais deprê que todos os filmes da lista da semana passada, Dez filmes deprimentes para continuar no clima de "Bebê Rena".
Netflix, seis episódios.

**"Star Wars: The Acolyte"**
Prequel do prequel de "Star Wars", a nova série se passa durante a Alta República, cerca de cem anos antes dos acontecimentos de "Star Wars Episódio 1: A Ameaça Fantasma". Lee Jung-Jae ("Round 6") é um mestre jedi encarregado de investigar um crime que pode envolver uma misteriosa guerreira de seu passado, Mae (Amandla Stenberg).
Estreia na próxima terça (4) com dois episódios, na Disney+. Os seis seguintes serão disponibilizados semanalmente, às terças-feiras.

**"Sob as Águas do Sena"**
A estreia mais aguardada do meu grupo de WhatsApp: pouco antes de um mundial de triatlo em Paris, uma ativista ambiental se une a uma cientista e um policial para caçar um tubarão que ronda as águas do rio Sena e evitar um banho de sangue. Com a indicada ao Oscar Bérénice Bejo.
"Under Paris". Estreia na quarta-feira (5), na Netflix. 101 min.

**VEJA ANTES QUE SEJA TARDE**
*Dicas de filmes ou séries que sairão em breve das plataformas de streaming*

**"Tempo"**
A Netflix avisa que há só mais alguns dias para você visitar a praia envelhecedora de M. Night Shyamalan. Com Vicki Krieps, Gael García Bernal e Aaron Pierre como um rapper chamado Mid-Size Sedan.
"Old". Na Netflix até o dia 10.jun. 108 min.



Cena da primeira temporada da série 'Entrevista com o Vampiro' Divulgação

## FRASES DA SEMANA



**Há apenas uma forma de manter Donald Trump fora do Salão Oval: nas urnas**

**Joe Biden**
presidente dos EUA, na quinta (31), após julgamento de Trump



**Isso foi feito pelo governo Biden para atingir ou prejudicar um oponente político**

**Donald Trump**
ex-presidente dos EUA, após o anúncio da decisão que o condenou, na quinta (30)



**Temos que tomar muito cuidado com a reposição das reservas, a menos que a gente queira aceitar o fato de que podemos voltar a ser importadores, o que para mim está fora de cogitação [...] O esforço exploratório dessa empresa tem que ser mantido, tem que ser acelerado**

**Magda Chambriard**
presidente da Petrobras, na segunda (27), em sua primeira entrevista após assumir cargo na estatal



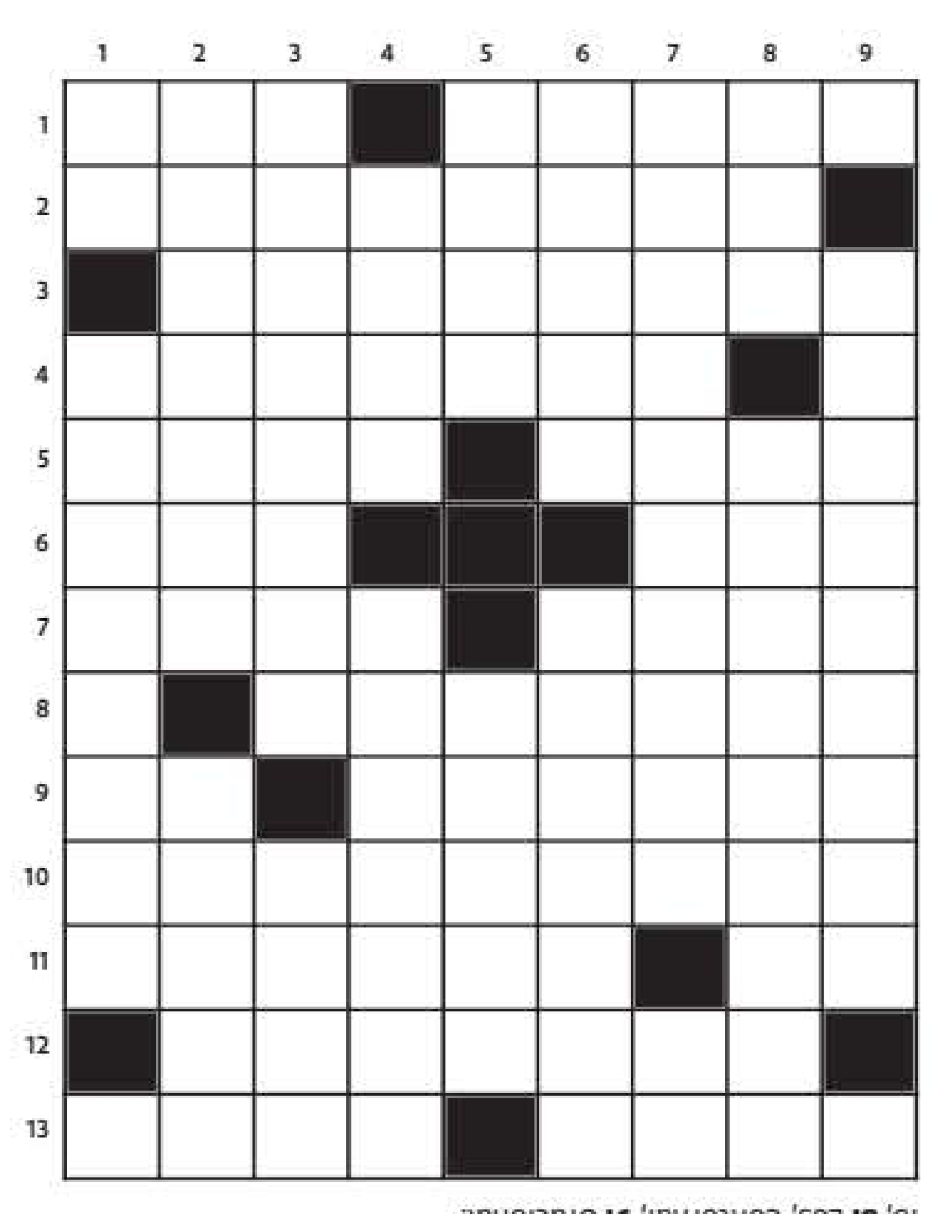
**Por acaso o Brasil está mais alinhado com a Rússia do que com a Ucrânia? A Rússia nos atacou. O Brasil tem que estar do nosso lado e dar um ultimato ao agressor, em nome do resto do mundo. Uma amizade com alguém que tem uma ideologia e uma visão fascistas não pode trazer benefícios**

**Volodimir Zelenski**
presidente da Ucrânia, na quinta (30), sobre posicionamento do Brasil

## CRUZADAS

**HORIZONTAIS**
**1.** O que muda de sono para soprano / Pedido de ajuda **2.** Caminho determinado **3.** (Med.) Abaixamento (de um órgão) **4.** Distinguido dentre muitos **5.** Manifestação de bom humor / Baleia encontrada em águas frias por todo o mundo **6.** Tecla muito usada pelos digitadores / Som de uma batida à porta **7.** Comer refeição noturna / O oposto de máxi **8.** Refeição lauta e festiva **9.** Odair José, cantor / Pertencente à seita religiosa fundada por Joseph Smith no ano de 1827 **10.** Religiosa que dirige um convento ou mosteiro **11.** O estado considerado "a última fronteira", nos EUA / Negra Li, cantora **12.** Loucura, demência **13.** A fêmea de um grande felino selvagem / O resultado de um trabalho.

**VERTICAIS**
**1.** (Mús.) Abreviatura de pianíssimo (muito suave) / De grande qualidade (fem.) **2.** Reapresentação de um filme / A atriz Andrews, de "Vitor ou Vitória" **3.** Aventurar / Qualquer pedaço de tecido **4.** Advérbio interrogativo-exclamativo que aparece em reações de surpresa / Partida de mercadorias **5.** Lição dada por professor / A peça escavada em espiral onde se introduz o parafuso **6.** Formação herbácea contínua e desprovida de árvores / O poeta Olegário (1889-1958), de "Últimas Cigarras" **7.** Gosto pelo exercício físico, por divertimento ou com finalidade educativa / Abreviatura de ibidem (no mesmo lugar) **8.** (Hermanos) Uma banda de pop rock nacional / Estender-se em volta de **9.** Em gramática, que diz respeito à frase.



**HORIZONTAIS: 1.** Pra, Apelo, **2.** Percurso, **3.** Prolapso, **4.** Primado, **5.** Riso, Orca, **6.** Esc, TOC, **7.** Cear, Mini, **8.** Repasto, **9.** OJ, Mórmon, **10.** Superiora, **11.** Alasca, NL, **12.** Insânia, **13.** Leoa, Obra.
**VERTICAIS: 1.** PP, Preciosa, **2.** Reprise, Julie, **3.** Arriscar, Pano, **4.** Como, Remessa, **5.** Aula, Porca, **6.** Prado, Mariano, **7.** Esportismo, Ib, **8.** Los, Contornar, **9.** Oracional.

## SUDOKU

texto.art.br/fsp

**DIFÍCIL**

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | | 6 | 9 |
| 4 | 5 | | | | | | 7 | |
| 1 | 6 | | 9 | | 3 | | | |
| 5 | | | | | | 8 | | |
| | | | 6 | 1 | 7 | 5 | | |
| | | | | | 2 | | 1 | |
| 3 | | | | | 4 | | | |
| 6 | | | | | | | 8 | |
| | 4 | 8 | 2 | | | | | |

O **Sudoku** é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 2 | 8 | 3 | 7 | 4 | 5 | 1 | 6 | 9 |
| 4 | 5 | 9 | 1 | 6 | 8 | 3 | 7 | 2 |
| 1 | 6 | 7 | 9 | 2 | 3 | 4 | 5 | 8 |
| 5 | 1 | 6 | 4 | 3 | 9 | 8 | 2 | 7 |
| 8 | 9 | 2 | 6 | 1 | 7 | 5 | 4 | 3 |
| 7 | 3 | 4 | 5 | 8 | 2 | 9 | 1 | 6 |
| 3 | 2 | 1 | 8 | 7 | 4 | 6 | 9 | 5 |
| 6 | 7 | 5 | 3 | 9 | 1 | 2 | 8 | 4 |
| 9 | 4 | 8 | 2 | 5 | 6 | 7 | 3 | 1 |

## ACERVO FOLHA

**Há 100 anos** **2.jun.1924**

# Caso do boxeador Benedicto dos Santos gera debate médico

Notáveis nomes da ciência paulista analisarão e debaterão na Sociedade de Medicina o caso do pugilista brasileiro Benedicto dos Santos. O boxeador continua em recuperação após ter recebido duros golpes na cabeça durante a luta contra o italiano Erminio Spalla, disputada em São Paulo, em 11 de maio.

Depois do combate, Benedicto precisou ser internado em um hospital, e o tamanho da gravidade da situação dividiu opiniões.

Segundo um clínico paraguaio, o pugilista brasileiro necessitava passar por intervenção cirúrgica.

**LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br**



Folha da Noite

PELA POLITICA

MÔNICA BERGAMO | monica.bergamo@grupofolha.com.br

# Djavan
# Descobriram que o negro é capaz, talentoso e bonito

[RESUMO] Cantor revela sondagem para ser ministro da Cultura no governo de Jair Bolsonaro (PL), celebra disco e audiovisual da turnê "D", relembra juventude em Maceió e afirma que, aos 75 anos, tem muito o que aprender com novos artistas da música brasileira

Por ***Bianka Vieira***

Era um dia de descanso em São Miguel dos Milagres. Djavan estava sentado na porta de sua casa no litoral alagoano, contemplando o movimento do mar e das pessoas, quando foi surpreendido por um homem montado em uma bicicleta. O emissário trazia um recado: em Brasília, a quase 2.000 quilômetros dali, cogitavam o seu nome para chefiar o Ministério da Cultura no futuro governo de Jair Bolsonaro (PL).

*

Tratava-se de Gilson Machado, sanfoneiro que presidiria a Embratur (Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo) e comandaria o Ministério do Turismo durante o mandato do agora ex-presidente. Naquele dia, conta Djavan, o aliado de Bolsonaro queria saber o que o cantor achava da ideia de ser promovido a ministro.

*

"Eu acho péssimo. Eu não quero ser ministro de nada", afirma o artista à coluna, relembrando a resposta que deu ao sanfoneiro quando o episódio ocorreu, no final de 2018. "Trocamos mais quatro ou cinco palavras, e ele foi embora um pouco decepcionado. Nunca mais me voltou o assunto. E nunca mais o vi por ali."

*

Passados mais de cinco anos desde o convite, o artista ainda guarda vivas memórias do governo pregresso. Por vezes, ele se refere ao período como um momento de "obscurantismo" que o motivou a compor a música "Iluminado". "Eu queria uma letra simples para que todos pudessem cantar a esperança", explicou em um dos shows de sua atual turnê "D".

*

Sobre os palcos, o cantor de 75 anos parece um menino. Djavan se move por toda a superfície com a facilidade de quem dá um passo para o lado. Ele dança, brinca com a plateia e até faz um certo charme ao se desfazer de uma capa e de um par de óculos escuros —tudo isso enquanto a cenografia, assinada por Gringo Cardia e composta por obras de artistas indígenas e periféricos, muda a cada bloco de músicas.

*

O artista lançou recentemente o álbum "D — Ao Vivo em Maceió", que traz a gravação do show inaugural da atual turnê. "A repercussão está sendo absurdamente maravilhosa. Achei que ia me surpreender muito mal quando fosse mexer nisso, eu temia que nós não tivéssemos cantado e tocado bem, mas foi o contrário", conta ele, animado. Um registro audiovisual da apresentação também está previsto para vir a público em breve.

*

Acostumado a afirmar que sua obra alcança ouvintes de diferentes gerações e classes sociais porque congrega diversos gêneros musicais, Djavan diz seguir atento às novidades do mercado fonográfico e reverenciar novos nomes da música brasileira, a exemplo de Emicida e Djonga. Em outras palavras, ele diz estar "numa fase" de escutar a mesma coisa que seus filhos adolescentes.

*

"Eu tenho muito o que aprender com essa turma que está vindo, seja do rap e até da MPB. Escuto tudo porque preciso, antes de mais nada. Preciso saber o que está acontecendo, por que está acontecendo, como é que eles fazem isso."

Djavan resgata memórias de sua juventude em Maceió ao revisitar as influências musicais que diz terem moldado a sua arte. Aos 13 anos, conta, passou a frequentar a discoteca particular de um médico que vivia na cidade e reunia desde vinis de jazz a álbuns flamencos, africanos e italianos.

*

Mas não foi só o vasto acervo do doutor que semeou no menino a devoção pela música. Sua mãe, que ganhava o sustento como lavadeira, botava o filho para ouvir Ângela Maria e Dalva de Oliveira. "O meu canto foi moldado por elas", afirma o artista.

*

Quem ouve Djavan cantar e falar custa a acreditar que ele um dia foi uma criança briguenta. Mas ele garante que sim. "Todos os dias eu saía de casa todo bonitinho, com a camisa branca passadinha, engomadinha, a bermuda azul-marinho. Era o meu uniforme da época. E tinha um menino chamado João Neguinho que bastava eu olhar para ele para ficar enlouquecido."

*

A música, afirma o cantor, foi o que curou um pouco de sua braveza —mas não toda ela, alerta. "Ainda hoje sei que tenho um gênio forte. É óbvio que, como me tornei um homem mais consciente de tudo, eu não vou sair brigando com ninguém. Mas eu espero que ninguém me chame para brigar", brinca, gargalhando.

*

Criado numa casa com dois irmãos e dois primos mais velhos, Djavan diz ter sido o temporão que ninguém esperava nem queria. Seu pai, um "descendente de holandês, louro, dos olhos azuis", era um caixeiro-viajante que o abandonou aos três anos de idade. Apesar da ausência e de todas as adversidades impostas pela pobreza, é com admiração e graça que ele lembra do tempo em que viveu no bairro do Farol.

*

"Minha irmã ficou muito chateada quando eu nasci porque sabia que era ela que ia ajudar a me criar", diz, rindo. "Mas ela era uma pessoa incrível. Quando eu nasci e ela viu aquele pretinho fofinho, gordinho, bonitinho, ficou apaixonada."

Fotos Lucas Seixas/Folhapress







*

"Minha mãe só tinha o primário, mas era uma mulher muito sábia. Me ensinou muito. E tinha uma firmeza de caráter admirável. Querer exigir que as pessoas mais pobres tenham consciência política quando elas estão ali sem saber o que dar para os filhos para comer... Isso é muito difícil. Mas nunca vi a minha mãe fraquejar quando se tratava de firmeza de caráter. Nunca vi. Ela era uma grande mulher."

*

Djavan se diz satisfeito com a Presidência de Lula (PT), embora reconheça que a relação do governo com o Congresso Nacional não seja das mais amistosas. "Não é fácil conviver com um Congresso como o nosso, com interesses múltiplos e quase sempre passando ao largo do interesse do povo."

*

Sob Bolsonaro, ele diz ter temido a possibilidade de um retrocesso antidemocrático se concretizar. "Eu sentia muito medo com relação a tudo isso. Mas, graças a Deus, conseguimos nos livrar dessa ideia louca que alguns tinham. Por mais dificuldade que o Brasil tenha hoje, ele é uma democracia. E só numa democracia você pode vencer as dificuldades inerentes a um Estado democrático. Quando você vive na ditadura, a dificuldade é a própria vida."

*

Para além da divergência política, o governo anterior trouxe para o cantor o dissabor de se ver no epicentro de boatos que o descreviam como um apoiador de Bolsonaro. "Aquilo foi terrível. E aí eu descobri também coisas importantes: desmentir, na internet, não existe. Quanto mais você desmente, mais aquilo ganha força. O que vale para as pessoas é questionar alguém que não tem culpa no cartório."

*

Djavan se diz otimista ao olhar para o Brasil de antes e o de agora e perceber o que chama de avanços em relação à pauta racial. E afirma se alegrar ao pensar que contribuiu para que artistas negros pudessem ocupar espaços de prestígio, como os que o consagraram.

*

"Hoje, quando eu vejo a televisão coberta de atores negros, sinto uma alegria tão grande. Isso é a refundação de valores", afirma. "A televisão descobriu o negro. Quando isso começou, uns cinco anos atrás, eu ficava torcendo para que não fosse um modismo. Pelo quanto isso se manteve, estou vendo que não. Descobriram agora que o negro é capaz, é talentoso e é bonito."

*

Com uma agenda repleta de shows, Djavan afirma não ter qualquer pretensão de parar. Ele, tampouco, quer se aventurar em imaginar as possibilidades que tecnologias como a inteligência artificial podem criar para sua obra no futuro, , como ocorreu no caso dos Beatles, que lançaram uma música inédita a partir do recurso.

*

"Eu não penso nisso porque não penso em morrer, digamos assim", afirma ele, rindo. "Mas espero que as pessoas não tenham necessidade de fazer isso, porque o meu legado não é pequeno, a minha obra não é pequena. Vou continuar trabalhando até o fim. O que vai acontecer depois já não me interessa."

# Obrigado, Pai, por seres mau pai

O esportista acha que Deus tem tempo e paciência para acompanhar a série D

**Ricardo Araújo Pereira**
Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

*Acontece muitas vezes. No fim de uma competição desportiva, o vencedor agradece a Deus. Isso é verdadeira fé. O desportista não se limita a acreditar em Deus.*

*Ele acredita que Deus todo-poderoso, criador de todas as coisas finitas e infinitas, nos intervalos de governar o universo, tem tempo e paciência para acompanhar a série D —e, após análise cuidada do jogo, interferir no sentido de o Sergipe-Petrolina terminar com a vitória dos forasteiros por 1 a 0.*

*Bem sei, bem sei: até os cabelos da nossa cabeça estão todos contados. Ainda assim, talvez seja cômico imaginar que Deus —que, às vezes, por distração ou inabilidade, permite que um tsunami destrua cidades inteiras— não se esqueça de premiar Mailson Souza Duarte Júnior com a autoria do gol do Petrolina em casa do Sergipe.*

*O fenômeno é ainda mais engraçado quando ocorre no mundo dos desportos de combate. Tenho visto muitos praticantes de artes marciais a agradecer ao Pai do céu o fato de lhes ter permitido espancar o seu adversário até ele ficar inanimado.*

*No entanto, ao que me dizem, o adversário é filho do mesmo Pai. Ou seja, o lutador agradece que o Pai tenha um filho preferido —que, no caso, é ele.*

*Vamos supor que as minhas filhas decidem lutar numa jaula. E eu, além de não as tentar impedir, em vez de ser um árbitro imparcial, ajudo uma delas a nocautear a outra. Em princípio, alguém chamará a Comissão para a Proteção de Menores.*

*É provável que investiguem que raio de educação tenho eu dado às meninas. Talvez queiram saber a razão pela qual eu fiz questão de que uma delas sofresse uma concussão, para glória da outra.*

*Também devem estar interessados em descobrir porque é que a minha filha predileta não tem vergonha de me agradecer em público o fato de eu a preferir, nem de revelar que contribuí para a sua vitória. E eu, como creio que sabem, nem sequer sou onipotente.*

*Esse é outro problema. O atleta crente revela que deve a sua vitória ao fato de ter uma entidade todo-poderosa do seu lado. Ora, assim também eu ganho. É dopagem metafísica.*

*O desportista mais admirável, nesse caso, é o derrotado. Sobretudo quando, mesmo enfrentando Deus, só perde de 1 a 0, como o Sergipe. Glória ao Sergipe.*


Luiza Pannunzio

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | **SEG. Bia Braune** | TER. Manuela Cantuária | QUA. Hmmfalemais | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

# É HOJE

**Jacqueline Cantore**
cantorejac@gmail.com (interina)

## 'Ghostbusters' faz 40 anos com filme que recoloca Bill Murray no elenco

**Ghostbusters: Apocalipse de Gelo**
Para compra ou aluguel em lojas digitais, 12 anos
A família Spengler retorna para onde tudo começou —a estação de bombeiros em Nova York— para unir forças com os caça-fantasmas originais, lutar contra o maléfico Garraka e salvar o mundo de uma segunda Era do Gelo. A franquia completa 40 anos e traz Bill Murray e Dan Aykroyd de volta ao elenco.

**Por Amor e Vida: Uma Campanha Especial**
Prime Video, 14 anos
Brian Wallach e Sandra Abrevaya se conheceram na campanha presidencial de Barack Obama, se casaram, tiveram filhos e, aos 37 anos, Brian recebeu um diagnóstico de esclerose lateral amiotrófica. O documentário mostra a vida deles depois disso, liderando um movimento para mudar um sistema de saúde falido.

**A Vida que Você Queria**
Netflix, 16 anos
Gloria leva uma vida tranquila em Lecce, no sul da Itália. Tudo muda com a chegada de Marina, uma amiga que não via havia 15 anos, que aparece grávida e com dois filhos de três pais diferentes —sendo que um deles é Gloria, antes da transição. Minissérie italiana em seis episódios.

**Um Lugar Só Nosso: Espaços Queer no Cinema**
Mubi, 16 anos
A plataforma homenageia o irreverente cinema queer com uma coleção de seis filmes, dos clássicos "Querelle", de Rainer Werner Fassbinder, e "Shakedown", de Leilah Weinraub, até o inovador "Paris Is Burning", de Jennie Livingston.

**Religare Queer**
GNT, 23h, 14 anos
Série documental retratando dez personagens LGBTQIA+ e suas relações com a fé. Em cada episódio, duas mulheres abordam suas comunidades religiosas, do judaísmo à pajelança. Animações em 2D feitas pela cartunista Laerte.

**Canal Livre**
Band, 11h30, livre
O entrevistado é o diplomata Rubens Ricupero, que lança seu livro de memórias. Além de embaixador do Brasil em Washington, foi assessor internacional de Tancredo Neves, conselheiro de José Sarney e ministro de Itamar Franco.

# QUADRÃO | *Angeli*

MEMORABILIA **MISTER VUDOO** ANGELI












































| DOM. Jan Limpens, João Montanaro, Ricardo Coimbra, Angeli, **Laerte**

## Peça de Tony Ramos com Denise Fraga é substituída por solo

**SÃO PAULO** As sessões da peça "O que Só Sabemos Juntos", com Tony Ramos, vão continuar canceladas até a recuperação do ator, que acaba de passar por duas cirurgias no cérebro. De acordo com o teatro Tuca, a peça "Eu de Você", da atriz Denise Fraga, que contracena com Tony Ramos na outra peça, vai entrar em cartaz e ocupar as sessões de sexta a domingo durante o mês de junho.

As sessões de "O Que Só Sabemos Juntos" foram canceladas no último dia 16, após o ator Tony Ramos precisar ser internado para retirar um coágulo do cérebro. Quem adquiriu ingresso para sessões de junho da peça poderá assistir a "Eu de Você" nas mesmas datas ou pedir reembolso.

## Masp vai hastear bandeira LGBT na fachada na Parada

**SÃO PAULO** O Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, o Masp, estenderá uma bandeira LGBTQIA+ sobre a fachada de seu prédio desenhado por Lina Bo Bardi durante a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, neste domingo. A ação foi organizada pela Castro Festival.

Com 70 metros de largura por 14 metros de altura, a faixa vai ocupar toda a parte da frente do museu. De acordo com o Masp, foi preciso conseguir o aval dos órgãos do patrimônio histórico municipal, estadual e federal, responsáveis pelo tombamento do museu, para realizar essa ação.

A decisão vem no ano em que o Masp faz uma programação que destaca artistas ligados ao mundo LGBT. **Diogo Bachega**

## Joseca Mokahesi Yanomami entra para a galeria Millan

**SÃO PAULO** O artista Joseca Mokahesi Yanomami é agora representado pela galeria Millan, em São Paulo, em parceria com a Hutukara Associação Yanomami. O pintor, que participa agora da 60ª Bienal de Veneza, em cartaz, tem como ponto central em sua obra o universo yanomami.

Ele fez sua primeira exposição em 2003, a "L'Esprit de la Forêt", na Fondation Cartier, de Paris. Em 2022, realizou sua primeira individual, "Kami Yamaki Urihipë" (Nossa TerraFloresta), no Masp.

Joseca foi responsável, na década de 1990, pela fundação da primeira escola yanomami na comunidade onde vive, incentivando ali a alfabetização na língua yanomami.



Amanda Perobelli-11.mai.24/Reuters

# Um clima mais pesado

[RESUMO] Tempestades severas, como a que atingiu o Rio Grande do Sul, se tornarão mais frequentes com o aquecimento global, o que torna imprescindível a adaptação aos novos padrões climáticos. Essa tarefa é necessariamente coletiva e, para alcançar seus objetivos, deve ser guiada por informações científicas de qualidade, ter uma governança que garanta o cumprimento de suas metas e, ainda mais importante, resultar de um engajamento profundo da sociedade

Por ***Natalie Unterstell***
Mestre em administração pública pela Universidade Harvard e presidente do Instituto Talanoa, think tank dedicado à política climática

Você pode ser liberal ou conservador, ambientalista ou terraplanista, ter votado em Bolsonaro, Lula ou nulo no segundo turno das eleições de 2022. Para a mudança do clima, não importa.

Você habita um planeta que tem esquentado devido à queima de petróleo, gás e carvão e ao desmatamento. Você fez parte da humanidade que usufruiu do privilégio de um clima estável desde o início do Holoceno e que agora —acredite, goste, queira ou não— tem de enfrentar toda sorte de instabilidades.

Isso é um problema porque a velocidade da mudança global do clima já excede a capacidade de adaptação dos nossos sistemas naturais e humanos. Se pudéssemos rapidamente mudar de lugar toda a gente, a fauna e a flora e viver igualmente bem em terra ou mar, talvez não fosse uma grande ameaça. Na realidade, nossos sistemas não mudam a um clique, não são instantâneos.

Mas eles se transformam, primeiro de forma lenta e depois rapidamente. Um desses sinais apareceu na pesquisa Quaest que entrevistou brasileiros sobre o desastre em curso no Sul do país. Para 99% dos entrevistados, as enchentes no Rio Grande do Sul estão, em alguma medida, associadas à mudança do clima. Ou seja, praticamente nenhum brasileiro mais precisa ser convencido da ligação entre o problema global e o impacto local.

Todos precisam se proteger e ser protegidos. Mesmo antes da mudança do clima induzida pelo homem, havia eventos extremos de tempos em tempos. No entanto, o que está mudando agora é sua frequência e intensidade, muitas vezes ultrapassando as expectativas históricas.

Houve uma cheia similar à atual em Porto Alegre em 1941. O que é diferente agora? Uma enchente como a de 1941 era esperada, segundo dados oficiais, em 370 anos, não em 83. O tempo de recorrência achatou. Como nos ensinam climatologistas, quanto mais quente a atmosfera se torna, maior sua capacidade de reter umidade —e o vapor d'água vira combustível para tempestades severas e concentradas. Portanto, não é exagero dizer que o clima está mais pesado.

A aceleração dos impactos torna imprescindível a tarefa de adaptação. Mas o que é isso? Como se faz?

Em 2021, o jornalista David Pogue escreveu um manual de sobrevivência para a mudança do clima. Ainda não publicado em português, o livro tem mais de 600 páginas e contém recomendações práticas, que podem ajudar na tomada de decisão individual, construídas com 50 especialistas sobre onde viver, como construir, o que plantar, onde investir, como comprar seguros, proteger suas crianças e se preparar para vários tipos de desastres.

Guardo esse livro na estante desde que foi lançado. Lembrei-me dele nas últimas semanas, quando amigos gaúchos começaram a me acionar com perguntas difíceis e de cunho pessoal. Deveriam se preparar para migrar? Se sim, quando e para onde? Quem deveria ser responsabilizado pelo desastre? O que cobrar das autoridades públicas e a quem?

**É preciso um engajamento público profundo e a emergência de novas instituições e compromissos para que as políticas climáticas transcendam o papel e se convertam em transformações tão velozes quanto a mudança do clima**

Trabalho com políticas climáticas há anos, mas nunca imaginei que seria confrontada com perguntas tão diretas quanto essas, especialmente porque ações individuais são o que nos resta em eventos tão traumáticos.

Do livro de Pogue, extraí algumas respostas. Por exemplo, como fazer sistemas de backup de água e energia. Outras questões, porém, não são tão simples: nenhum lugar do mundo está imune nem se tornará um novo paraíso neste planeta mais quente. Logo, migrar não é exatamente uma solução.

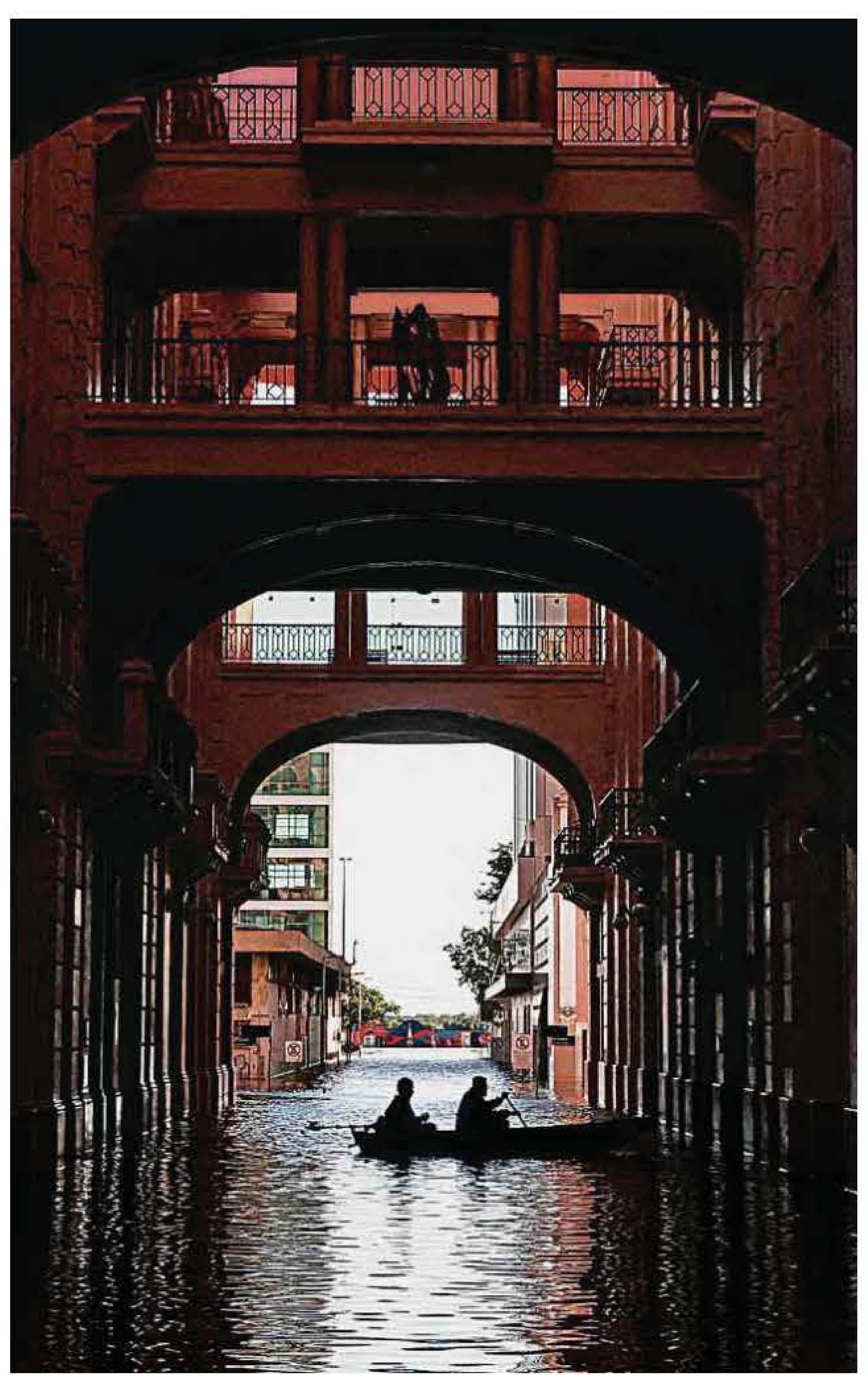
Mas medidas de proteção, quando tomadas em nível de empresas, bairros e comunidades podem ter grande valor. Por exemplo, tomei conhecimento de um polo industrial que, elevado, não foi atingido pela enchente no Rio Grande do Sul. Por outro lado, os trabalhadores não puderam trocar de turno nem continuar a trabalhar e nenhum caminhão conseguia entrar ou sair.

Logo, a autoproteção ajuda, mas não impede a chuva nem a inundação forte e tampouco ergue as barreiras físicas necessárias contra enchentes. A adaptação é necessariamente uma ação coletiva de ajuste aos impactos da mudança do clima atuais ou esperados, de modo a reduzir danos ou aproveitar oportunidades. Já a resiliência é a capacidade de comunidades, ambientes e economias de enfrentar um evento perigoso, mantendo suas funções e estrutura essenciais. No evento extremo no Rio Grande do Sul, notamos a falta de adaptação e a baixa resiliência.

Projeções e simulações sobre os riscos da mudança do clima à população gaúcha existiam antes desse desastre. Cientistas e especialistas apresentaram informações de alta qualidade para os tomadores de decisão. Por que ninguém ouviu? A existência da informação não garante impacto político. Vemos agora o valor de se implementar uma política climática.

Um falso senso de segurança, desencadeado pela ausência de enchentes mais severas que a de 1941, parecia predominar.

Continua na pág. C5



Diego Vara-15.mai.24/Reuters

**Boneca coberta de lama (à esq.) em casa alagada em Eldorado do Sul, no Rio Grande do Sul, após enchentes que devastaram o estado; na imagem ao lado, voluntários em barco durante serviço de resgate na Casa de Cultura Mario Quintana, no centro de Porto Alegre**

# Vida submersa

**[RESUMO]** Autores comentam aspectos climáticos, políticos e sociais que levaram à tragédia ambiental

Por ***Anthony Ling e Roberta Inglês***
Ling é Urbanista e editor do Caos Planejado, plataforma digital sobre cidades.
Inglês é urbanista e editora de urbanismo do Caos Planejado

Quem não mantém laços com o Rio Grande do Sul talvez nunca entenda a magnitude do impacto do desastre climático em curso. Até 27 de maio, devido às enchentes que assolam o estado, havia 169 mortes confirmadas, 581 mil pessoas desalojadas e a cheia havia atingido mais da metade dos bairros de Porto Alegre.

O estado levará décadas para se reerguer da catástrofe ambiental de maior impacto que o país já sofreu. Como isso pôde acontecer?

Porto Alegre possui uma topografia de morros que rodeiam áreas planas junto ao lago Guaíba, muitas abaixo da cota de 3 m acima do nível do mar, considerada a "cota de inundação" do cais Mauá, no centro histórico da cidade. Cinco rios do interior do estado deságuam no Guaíba, que banha a capital e boa parte da sua região metropolitana.

A água do Guaíba segue para a lagoa dos Patos, único caminho para chegar ao mar. Porém, esse escoamento é difícil, pois a abertura no porto de Rio Grande é estreita. Além disso, ao longo dos anos, Porto Alegre avançou sobre o Guaíba com a construção de aterros em níveis suscetíveis a alagamentos. Há também o aumento da urbanização às margens dos rios, que tende a provocar a impermeabilização do solo.

Em 1941, houve a maior enchente na história de Porto Alegre até então. O nível do Guaíba chegou a 4,75 m, 1,75 m acima da cota de inundação, e 70 mil pessoas ficaram desabrigadas. Na década de 1970 foi construído um sistema de proteção que consistia em diques, comportas, casas de bombas e uma cortina de concreto que hoje conhecemos como muro da Mauá, barreira que atinge 6 m acima do nível do mar, ou 3 m acima da cota de inundação.

O muro deu continuidade aos diques na altura do centro histórico, devido à falta de espaço na área já urbanizada. Por separar a cidade do Guaíba, o muro afastou investimentos no centro e se tornou alvo de polêmicas.

O sistema foi escolhido pelo custo de implantação, pela efetividade e relativa simplicidade na operação. Ele foi financiado por um convênio entre o extinto Departamento Nacional de Obras de Saneamento (DNOS), o governo do estado e o município de Porto Alegre.

Nos 50 anos desde sua construção, o sistema nunca havia sido estressado. A princípio, não surpreende: em 2018, especialistas do IPH (Instituto de Pesquisas Hidráulicas) da UFRGS haviam modelado que o risco de uma enchente como a de 1941 se repetir era de 1 vez a cada 1.500 anos.

No entanto, essas modelagens são muito sensíveis a novas ocorrências, que tendem a aumentar com mudanças climáticas. Nos últimos meses, com as fortes chuvas no estado, o fechamento das comportas foi acionado pela primeira vez.

Os mais afetados foram os moradores da região das ilhas, oeste do Guaíba, que não possui sistema de proteção contra enchentes e está em uma cota de inundação mais baixa. Em setembro de 2023, o Guaíba atingiu 3,18 m e houve vazamento de água por uma das comportas do muro da Mauá.

Em abril de 2024, fortes chuvas castigaram o interior do Rio Grande do Sul, agravadas pelo fenômeno El Niño. O nível do oceano Atlântico também estava acima do normal devido às chamadas "marés de tempestade".

Em 29 de abril, a Prefeitura de Porto Alegre alertou moradores de "áreas de riscos hidrológicos", sem especificar as localidades. Em 1º de maio, já se reportava enchente histórica no vale do Taquari, no interior do estado, e um alerta foi emitido para moradores da região das ilhas.

No dia seguinte, os moradores das ilhas estavam desabrigados. O IPH divulgou previsão para o aumento histórico do Guaíba, ultrapassando 5 m, e a prefeitura emitiu outro alerta para moradores do centro e do 4º Distrito. No entanto, com maior exceção às ilhas, Porto Alegre parecia seguir alheia a esse quadro grave. Somente no dia seguinte, quando a água do Guaíba vazou pelas comportas e se excedeu a capacidade da casa de bombas da avenida Mauá, que começou a verter água, iniciou-se um processo de evacuação do centro histórico.

Foram poucas horas para moradores e comerciantes planejarem a saída de suas residências e lojas, e a sequência aterrorizante de eventos pegou outros pontos da cidade de surpresa.

A comporta próxima à avenida Sertório se rompeu, e a água invadiu a zona norte da cidade. O dique do Sarandi, de altura inferior a 6 m, transbordou. A água também começou a extravasar por bueiros e bocas de lobo. Nas horas seguintes, bairros inteiros já estavam cobertos com água a mais de 1 m do nível da rua. No final do dia, o aeroporto Salgado Filho fechou por tempo indeterminado, e as principais rotas rodoviárias de acesso da cidade estavam alagadas.

O Guaíba seguiu subindo, instalando do caos na cidade. Ele atingiu o recorde de 5,35 m (altura ainda questionada) no dia 5 de maio, inundando a cidade como se não houvesse qualquer sistema de contenção.

A água invadiu, inclusive, as estações de bombas que ajudariam na sua eliminação, chegando a inviabilizar 19 das 23 existentes. As bombas não haviam sido instaladas acima da cota de inundação, na perspectiva otimista de que o sistema garantiria que a água não entrasse na cidade.

A maioria das estações de tratamento de água também foi afetada, deixando 70% da população sem abastecimento. Em meio a um rápido aumento do número de pessoas em abrigos emergenciais, houve uma corrida por água engarrafada.

Nos dias seguintes, a região metropolitana da capital gaúcha se viu em estado de guerra, com centenas de lanchas, botes, jet skis e caiaques, em sua maioria pilotados por civis, realizando resgates e transportando insumos e equipamentos pelas ruas, agora tomadas por água. Ações coordenadas emergencialmente entre prefeitura, instituições privadas e sociedade civil atenderam centenas de abrigos que se formavam, enquanto equipes tentavam religar as bombas que haviam sido inundadas.

Foram muitos os motivos que levaram os moradores a não saírem de suas casas: falta de aviso, crença de que a água não chegaria a suas casas, condições particulares (como idade ou limitações físicas, bichos de estimação) e o próprio medo de ir a um abrigo.

Segundo dados do IBGE de 2010, 6,2% da população da região metropolitana de Porto Alegre vive em favelas, estando mais suscetível a eventos climáticos extremos por ter condições habitacionais e urbanas com risco ambiental elevado. As áreas mais afetadas pelas enchentes são bairros de baixa renda, domicílios que não tiveram como proteger os seus bens em meio a uma situação catastrófica sem alerta prévio.

Não é fácil escrever sobre o que está acontecendo no Rio Grande do Sul. Continua chovendo, e bairros inteiros seguem debaixo d'água. As imagens e os relatos de sofrimento vão ficar na nossa memória durante um longo processo de reconstrução.

Para tal, é preciso uma reflexão profunda sobre a resiliência a desastres climáticos em um cenário em que cientistas alertam para o agravamento desse tipo de fenômeno. Cidades do interior do estado foram devastadas; avalia-se a realocação de bairros inteiros. Sistemas de proteção similares nas vizinhas Canoas e São Leopoldo também falharam, com consequências severas.

É preciso reavaliar o sistema existente e reforçá-lo em múltiplas escalas, com medidas de mitigação em nível regional, com qualidade habitacional e de urbanização para o aumento da resiliência climática, principalmente em áreas de baixa renda, assim como a implantação de sistemas de monitoramento, alerta e protocolos de resposta mais efetivos. Só assim voltaremos mais fortes. ←

---

*Continuação da pág. C4*

Em Porto Alegre, os órgãos responsáveis parecem ter considerado os riscos insignificantes, ignorando a necessária manutenção da infraestrutura de proteção. Talvez seja também um caso de "má adaptação", já que os diques oferecem uma falsa sensação de segurança e estimulam que mais pessoas se concentrem ao seu redor.

Aqui cabe um alerta: não há evidências sistemáticas de que as regiões que experimentaram maiores impactos climáticos no mundo até o momento adotaram medidas mais vigorosas de mitigação ou adaptação. Há alguns exemplos bem-vistos, como a cidade de Nova York, que realizou uma série de intervenções urbanas depois do furacão Sandy e elaborou participativamente um robusto plano de resiliência costeira, considerando diferentes cenários climáticos.

Não há, no entanto, garantia de que as reações às crises como a do Rio Grande do Sul criarão incentivos para estratégias de longo prazo. Todo cuidado é pouco para que a chamada reconstrução não seja do desastre e para que a adaptação não se restrinja a um estado ou região, mas aconteça em todo o país.

Por isso, importa desenhar políticas climáticas com grande saliência. Para tanto, é preciso investir em novas "tecnologias políticas" para resolver esses problemas de longa duração.

Recentemente, o cientista político Thomas Hale lançou o livro "Long Problems: Climate Change and the Challenge of Governing Across Time" (problemas duradouros: as mudanças climáticas e o desafio de governar ao longo do tempo), em que ele discute exatamente isso. Uma maneira é criar instituições que nos ajudem a entender o futuro e aumentar a saliência das informações científicas e técnicas na política e no processo de formulação de políticas públicas.

Primeiro, como ponto de partida, todo governo deveria se fornecer as informações para entender melhor o futuro e torná-lo relevante. Isso deve incluir algum tipo de órgão, pelo menos parcialmente independente, que emita relatórios regulares, aos quais o governo deve responder, semelhante ao que o IPCC (Painel Intergovernamental de Mudança do Clima) faz internacionalmente.

Além disso, tornar rotineiro o uso de dados prospectivos em decisões, por exemplo no investimento em infraestrutura. Dados históricos seguem importantes, mas menos. O planejamento do setor elétrico, a segurança de barragens e a resiliência de estradas dependem de olhar para o novo clima. Em seu governo, o presidente americano Barack Obama deu alguns passos nesse sentido, ordenando que todos os investimentos públicos em infraestrutura considerassem cenários futuros, além de estabelecer um custo social do carbono.

Segundo, o governo deve incluir de verdade os cidadãos no processo de formulação de políticas. Tecnocratas e administradores precisam responder às prioridades e às preocupações que emergem de processos participativos e deliberativos, com um conselho nacional com participação significativa.

Como temos acompanhado mundo afora, agricultores na Europa têm resistido à agenda da descarbonização; na Colômbia, a velocidade da transição energética foi questionada pelos cidadãos; nos EUA, o investimento maciço em uma economia de baixas emissões encontra apatia dos eleitores. No Nordeste do Brasil, comunidades impactadas resistem aos empreendimentos de energia limpa; no Rio Grande do Sul, as enchentes devastadoras expõem a falta de adaptação.

Essa realidade escancara uma verdade inconveniente: políticas climáticas não podem ser meros exercícios burocráticos, desconectados das realidades vividas pelas pessoas.

Terceiro, Hale considera fundamental um sistema de planejamento de metas e traz exemplos como a Comissão do Futuro, na Finlândia, e a autoridade climática da Califórnia.

No Brasil, nossa melhor chance atualmente é o processo de elaboração do chamado Plano Clima, que tem 23 frentes de trabalho, sendo duas estratégias transversais, 15 planos setoriais de adaptação e oito de mitigação. Esse trabalho, no entanto, somente ganhará vida se a sociedade vier junto.

Qual história de sucesso virá à nossa cabeça quando pensarmos na adaptação do Brasil? E de fracasso? É essencial direcionar a energia política para fazer com que as pessoas passem a confiar nas políticas climáticas como algo que funciona, que as protege e que não opera contra elas — tanto segmentos fadados a desaparecer, como os carvoeiros, quanto aqueles que acham que essas políticas não funcionam para si porque só dizem respeito a grandes ideias que nunca "aterrissam" nos momentos de crise aguda.

Para tanto, uma política de adaptação eficaz deve ser informada pela melhor ciência disponível, entregue por meio de parcerias e investimentos e orientada por uma governança e coordenação eficazes. No Brasil, em geral, fizemos bem a primeira parte, mas não avançamos para as seguintes.

É preciso um engajamento público profundo e a emergência de novas instituições e compromissos para que essas políticas transcendam o papel e se convertam em transformações tão velozes quanto a mudança do clima.

Para estes tempos, a recomendação ao coletivo e ao governo é um Conselho Nacional de Mudança do Clima que envolva a sociedade, uma autoridade climática independente que possa colocar a ciência dentro da política e um processo de orientação de investimentos alinhados com metas de resiliência e descarbonização.

Você é parte de um mundo em transformação, onde eventos extremos como as recentes enchentes no Rio Grande do Sul serão frequentes. É inegável que a velocidade dessa mudança global desafia a sua e a nossa capacidade coletiva de adaptação. Definitivamente, temos de olhar além do horizonte imediato e ativar as respostas de resiliência de longo prazo que nossa comunidade precisa. ←



**Pílulas com efeito tridimensional colorido** Pixabay/Reprodução

# Perto da aprovação, longe do consenso

**[RESUMO]** A agência de regulação de medicamentos dos EUA está na reta final da autorização de protocolos de psicoterapia com apoio em psicodélicos. Grupos militantes oriundos da contracultura e de tradições indígenas questionam a legitimidade da incorporação de compostos como MDMA e psilocibina por corporações biomédicas e do uso de plantas de poder, como ayahuasca e peiote, por igrejas psicodélicas urbanas

Por ***Marcelo Leite***
Colunista da **Folha** e autor de livros como 'Promessas do Genoma' (Editora Unesp, 2007) e 'Psiconautas – Viagens com a Ciência Psicodélica Brasileira' (Fósforo, 2021)

Em 4 de junho, a agência de fármacos dos EUA realizará audiência pública sui generis sobre uma droga proscrita candidata a se tornar remédio. Será um dos passos derradeiros para a FDA decidir se MDMA (ecstasy) pode ser usado em psicoterapia para transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), o que deve ocorrer em agosto.

A substância alteradora da consciência não se encaixa propriamente no conceito de psicodélico, por não provocar visões. Há quem prefira categorizar MDMA como empatógeno ou entactógeno, para enfatizar sua capacidade de induzir compaixão, abertura e aceitação em pessoas psiquicamente incapacitadas por traumas.

O público mais ansioso pelo tratamento reúne os veteranos de muitas guerras norte-americanas. Há centenas de milhares com problemas psiquiátricos, e duas dezenas deles se matam a cada dia nos EUA —país que não carece de vítimas de violência urbana, policial ou sexual. Desde os atentados de 11 de setembro de 2001, morreram mais ex-combatentes por suicídio do que em campos de batalha.

Salvo contratempos, a decisão da FDA em agosto deve ser favorável à psicoterapia assistida por psicodélicos. Virá coroar esforços de 38 anos da organização não governamental Associação Multidisciplinar para Estudos Psicodélicos, que se encontra sob fogo amigo.

A Maps (na sigla em inglês) foi fundada pelo ex-hippie Rick Doblin em 1986, meses depois da proibição do MDMA nos EUA. Em quase quatro décadas, ela se mostrou capaz de levantar US$ 130 milhões de doadores filantrópicos para bancar bem-sucedidos testes clínicos de fase 2 e 3 que geraram os dados submetidos à FDA.

Criatura e criador se encontram agora sob ataque. O divisor de águas na vanguarda do renascimento psicodélico que está afastando militantes de capitalistas foi erguido pela necessidade aguda de recursos milionários para a pesquisa não morrer na praia. Em meados de 2023, a empresa Maps PBC, criada pela ONG, tinha verba para operar somente por dois meses.

Com ajuda de uma consultoria, a saída foi buscar capital privado, agora de investidores e não mais de filantropos. Levantaram-se US$ 100 milhões de empresários tornados sócios da Maps PBC —rebatizada Lykos Therapeutics para marcar o desmame da ONG-mãe e sua emancipação corporativa, por assim dizer.

O movimento não pegou bem entre pessoas que sustentaram a Maps por décadas, no tempo em que defender psicodélicos era arriscado. Tempo e dinheiro doados por voluntários produziram estudos e resultados sobre MDMA cujo licenciamento eventual pela FDA e futura comercialização passariam a beneficiar a Lykos, não tanto a Maps, que de resto perdeu o controle dos rumos da empresa.

O crescimento vertiginoso da ONG a partir de 2017, quando começou a chover dinheiro no campo psicodélico, não se fez sem atritos. Algumas pessoas que trabalharam na Maps saíram com queixas sobre um suposto estilo caótico e messiânico empregado por Doblin à organização. Outras iam sendo substituídas por administradores menos visionários, para dizer o menos.

Dois escândalos abalaram o prestígio da ONG. Uma participante canadense de estudo clínico, Meaghan Buisson, denunciou ter sofrido abuso sexual pelo casal de terapeutas que lhe ministrou MDMA em 2015. A morte num festival da jovem Baylee Ybarra Gatlin em 2017, sob cuidados do Projeto Zendo, braço de redução de danos da Maps, resultou num processo que condenou a ONG a pagar US$ 1 milhão à família.

Recorrendo a essas várias fontes, a jornalista Anna Silman publicou no site Business Insider um perfil comprometedor da Maps e de Doblin. O título: "Terapia com MDMA pode tornar-se legal no verão. Por que tantos militantes estão soando o alarme?".

Silman conduziu sua investigação com apoio financeiro do Centro para a Ciência de Psicodélicos da Universidade da Califórnia em Berkeley, que tem o escritor Michael Pollan entre as estrelas do programa de jornalismo. Pollan é o autor do best-seller "Como Mudar Sua Mente", de 2018, livro que ajudou a reabilitar estudos psicodélicos e popularizou o trabalho de Doblin à frente da Maps.

Mais até que problemas internos da associação, o que parece mover alguns dos oponentes da Lykos é a discordância com o modelo corporativo de medicalização que estaria sendo abraçado acriticamente pela empresa. Uma ex-voluntária da Maps, a filósofa Neşe Devenot, hoje professora da Universidade Johns Hopkins, tornou-se crítica empenhada em desacreditar os ensaios clínicos com MDMA.

Devenot assinou com Buisson e Sarah McNamee um artigo no periódico Jama Psychiatry, em março de 2023, apontando riscos de danos a pacientes no componente de psicoterapia do tratamento. Efeitos adversos sérios, como ideações suicidas, estariam sendo negligenciados nos estudos com psicodélicos, além do risco de abuso sexual sob o efeito de sugestionabilidade induzido por tais compostos.

O golpe mais forte contra o teste de fase 3 submetido pela Lykos à FDA veio do Instituto para Revisão Clínica e Econômica (Icer, em inglês), um órgão independente sediado em Boston que produz avaliações de custo-benefício de procedimentos médicos e remédios. Em março, o Icer publicou um relatório de 108 páginas desfavorável aos estudos sobre MDMA para transtorno de estresse pós-traumático.

O relatório do Icer afirma que a evidência clínica de benefícios seria "insuficiente", pior avaliação possível. Após revisões, o documento será auditado por comitês e votado, começando por reunião pública no final de maio do Conselho Consultivo Público de Eficácia Comparativa da Nova Inglaterra (Cepac, em inglês), outra organização independente.

O documento registra que 13 milhões de norte-americanos (5% da população adulta) sofrem com TEPT e que o transtorno impõe um custo social avaliado em US$ 232,2 bilhões anuais, segundo cálculo de 2018. Afirma que a terapia com MDMA seria um acréscimo importante ao tratamento, mas que havia "preocupações substanciais sobre a validade dos resultados" da Lykos.

Um dos problemas centrais estaria no duplo cegamento necessário para satisfazer o padrão ouro da FDA. Como os efeitos do psicodélico são óbvios, pacientes e experimentadores adivinham corretamente quem tomou a substância ou placebo. Além disso, o relatório traz relatos de que, dos dois lados, havia forte convicção prévia sobre benefícios da droga, viés problemático.

Mais de 70 dos 109 terapeutas e pesquisadores que participaram dos testes de fase 3 reagiram com críticas ao relatório do Icer. Alegaram que nenhum deles havia sido consultado pelo instituto, cuja avaliação estaria baseada só em boatos espalhados por um podcast e artigos de notórios adversários da medicalização de psicodélicos.

O Icer, por sua vez, reagiu acusando a Lykos de não ter respondido a seus pedidos de reunião para debater problemas do estudo. A controvérsia prossegue e pode ser acompanhada na newsletter Psychedelic Alpha, como neste apanhado de Josh Hardman.

Devenot foi além e organizou uma petição solicitando à FDA que convocasse uma reunião extraordinária sobre os resultados da Lykos. Na realidade, já havia um encontro programado para 4 de junho, a audiência pública mencionada aqui no primeiro parágrafo. Por isso, a FDA pediu à professora que retirasse a petição.

As indicações são de que a agência, em que pese a controvérsia, se inclina a aprovar o protocolo de psicoterapia da Lykos para TEPT, que envolve três sessões com MDMA num total de nove. Um fator poderoso nessa direção é a expectativa criada entre veteranos de guerra por essa alternativa de tratamento.

Em 10 de maio, falando na conferência psicodélica Horizons, em Nova York, Shereef Elnahal, executivo do Departamento de Assuntos de Veteranos, disse saber que, "assim que a FDA aprovar MDMA, vamos ver a demanda por isso disparar e romper o teto". A agência federal começou a financiar estudos psicodélicos em janeiro e já tem 13 projetos em andamento.

"As terapias baseadas em evidência que nós temos, embora ajudem, empalidecem em comparação, se pudermos replicar a escala vista nos resultados preliminares que vimos em psicodélicos, especialmente MDMA para TEPT, e cada vez mais com psilocibina para depressão resistente a tratamento."

Muitos veteranos, quiçá por desespero, não se dispõem a esperar o lento processo de aprovação pela via medicalizante, que após a licença da FDA ainda terá de ser implementada em clínicas e autorizada para reembolso por seguros de saúde. Partem em busca de experiências psicodélicas em retiros ou igrejas, por conta própria ou por meio de grupos de autoajuda de ex-militares.

Um deles é o projeto Heroic Hearts, que já propiciou sessões com psicodélicos a mais de mil veteranos e anuncia melhora em 80% dos casos, contra meros 10% nos tratamentos convencionais. O programa dura 12 semanas, inclui seis encontros de preparação, retiros com uma a cinco cerimônias com ayahuasca ou psilocibina e mais seis reuniões de integração, para extrair lições da experiência.

Raramente o contato com psicodélicos se dá nos EUA, onde só estados como Oregon e Colorado regulamentaram serviços de psilocibina, por exemplo. Mais comum é o paciente viajar para tomar ayahuasca em países como Jamaica, México, Costa Rica ou Peru, onde a qualidade e a segurança dos retiros variam muito.

*Continua na pág. C7*





Continuação da pág. C6

Estrangeiros com transtornos psiquiátricos, altas expectativas e sob efeito de substâncias alteradoras da consciência são presas fáceis para curandeiros inescrupulosos. Há relatos de abuso sexual de veteranas e não veteranas na meca ayahuasqueira de Iquitos, no Peru, como narra o recém-lançado livro "Trippy", de Ernesto Londoño, jornalista do New York Times que descobriu o chá no Brasil.

Uma alternativa mais segura são religiões que operam de forma legal nos EUA, como União do Vegetal ou Santo Daime. Mas esses pequenos grupos não podem dar conta da demanda crescente, muito menos em caráter emergencial, como no caso de veteranos com ideações suicidas.

Além das poucas religiões reconhecidas, existe um movimento de criação de igrejas psicodélicas. Elas sempre existiram de clandestinamente, como retrata o historiador J. Christian Greer no artigo "The psychedelic chruch movement" (2022), mas outras vão surgindo. Algumas buscam legalização com base no direito constitucional à liberdade de culto.

Sucesso recente obteve a Igreja da Águia e do Condor (CEC, em inglês), iniciativa do médico norte-americano Joseph Tafur. De família colombiana, após ter contato com ayahuasca e formar-se em medicina na Universidade da Califórnia em San Diego ele passou a viajar com frequência para Iquitos e, depois, a levar estrangeiros até lá para vivências com a bebida guiadas por xamãs da etnia shipibo.

A atividade redundou na criação do Centro Espiritual Nihue Rao em sociedade com o mestre ayahuasqueiro Ricardo Amaringo, que orientou a formação de Tafur nas práticas e dietas vegetalistas.

Ao longo dos anos, ele conta em seu livro "The Fellowship of the River", viu pessoas se curarem de TEPT, ansiedade e depressão nesses retiros: "Com frequência a abordagem médica ocidental falha em incluir as dimensões emocionais e espirituais dessas doenças crônicas e enfermidades relacionadas, vendo-as apenas como condições físicas".

Após vários anos de idas e vindas entre Peru e EUA, Tafur decidiu com Rodney Garcia, em 2018, abrir sua própria igreja em Phoenix, Arizona, a CEC, e partir em busca de sua legalização. Hoje, o grupo conta com 40 integrantes na cidade e uma centena no país todo.

Quando o conheci na conferência Psychedelic Culture, do Instituto Chacruna, no final de abril em San Francisco, ele comemorava discretamente uma vitória significativa. Em acordo com quatro agências federais norte-americanas, a CEC viu reconhecido seu direito de importar ayahuasca e usá-la como sacramento.

Segundo o Psychedelic Alpha, foi a primeira vez que uma igreja sem inspiração cristã obteve proteção para usar o chá psicodélico como parte de suas práticas espirituais. Permanece em aberto, anota o boletim, se o desfecho implicará benevolência com pedidos de outras igrejas, uma vez que o precedente se abriu por acordo e não após julgamento de mérito.

A discrição ao comemorar a conclusão favorável decorria de haver outros flancos abertos da CEC. Desta vez, no próprio campo das plantas de poder, como se diz.

Grupos nativos dos EUA temem que o precedente da CEC dê curso a uma enxurrada de decisões favoráveis a igrejas com pouca tradição indígena que, talvez, venham a ameaçar estoques naturais do cacto peiote. No Peru, alguns grupos questionam as credenciais de Tafur para realizar rituais de matriz shipibo sem prévio consentimento, embora ele tenha sido iniciado nela.

Modelo bem diverso da CEC segue A Assembleia Divina (TDA, em inglês), criada em 2020 por Sara e Steve Urquhart em Salt Lake City, em Utah. Difícil imaginar dupla mais improvável na liderança de uma igreja que tem cogumelos "mágicos" como sacramento: o casal já foi mórmon, e Steve passou 16 anos como senador estadual representando o Partido Republicano.

Em entrevista na conferência Chacruna, ele contou que estava perdido, em luta com a religião e a política, voltado ao álcool e outras drogas, quando encontrou a ayahuasca. Depois vieram os cogumelos, e ele concluiu que esse meio para "se conectar com o divino" merecia proteção legal.

Assim nasceu a rizômica igreja TDA: uma congregação de pessoas que cultivam e consagram os fungos individualmente, não em grupo, dado que suas reuniões ocorrem sempre em sobriedade. Tornar-se membro é uma maneira de proteger-se legalmente, pois o usuário de cogumelos psicodélicos ao menos pode provar que pertence a uma igreja na qual eles figuram como sacramento.

Na loja online da TDA, a carteirinha de membro sai por US$ 75, mesmo preço do kit para cultivar cogumelos. Bonés bordados saem por US$ 29,95. Camisetas, US$ 21,95.

São cerca de 700 fiéis em Salt Lake City, em cujas montanhas o grupo organiza festivais todo solstício de verão, mais 15 mil membros nos EUA e noutros países. "A TDA claramente é uma religião", sustenta o ex-senador. "Distribuir kits é a maneira mais segura [de dar acesso ao sacramento]. Fica a cargo dos indivíduos."

Acesso legal e consumo seguro são as grandes questões em torno de psicodélicos, cuja má fama se dissipa no meio social, uma reabilitação impelida pela enxurrada de estudos científicos atestando efeitos terapêuticos. Muitos querem contato com eles, mas poucos dispõem de milhares de dólares para custear sessões de cetamina em São Francisco, serviços de psilocibina no Oregon ou retiros na selva do Peru.

Cerca de 20 estados norte-americanos têm leis ou projetos de lei sobre descriminalização ou tolerância com psicodélicos, mas só o Oregon e o Colorado chegaram lá. Esperava-se que a Califórnia fosse a próxima, mas pela segunda vez o Legislativo estadual brecou, em 13 de maio, iniciativa do senador democrata Scott Wiener —não no mérito, mas pelo impacto desconhecido sobre o orçamento.

A regulamentação pela FDA, assim, mesmo bombardeada por quem deplora a via medicalizada, permanece como grande esperança de milhões que padecem com TEPT, depressão e outros transtornos de humor.

O rumo tomado por Rick Doblin e a Lykos pode não agradar aos herdeiros da contracultura, mas é fato que, sem sua militância de quatro décadas, nada disso estaria hoje em discussão. ←

**As indicações são de que a agência, em que pese a controvérsia, se inclina a aprovar o protocolo de psicoterapia para transtorno de estresse pós-traumático que envolve três sessões com MDMA. Um fator poderoso nessa direção é a expectativa criada entre veteranos de guerra por essa alternativa de tratamento**

**Acesso legal e consumo seguro são as grandes questões em torno de psicodélicos, cuja má fama se dissipa no meio social, uma reabilitação impelida pela enxurrada de estudos científicos atestando efeitos terapêuticos. Muitos querem contato com eles, mas poucos dispõem de milhares de dólares para custear sessões de cetamina, serviços de psilocibina ou retiros na selva do Peru**



# Semelhantes em nossa diferença

## Para Simone de Beauvoir, literatura proporciona diálogo entre leitores

**Juliana de Albuquerque**
Escritora, doutora em filosofia e literatura alemã pela University College Cork e mestre em filosofia pela Universidade de Tel Aviv

Participo na próxima semana de um evento em homenagem aos 70 anos de publicação de "Os Mandarins", romance em que Simone de Beauvoir aborda algumas das questões que intrigavam os intelectuais franceses durante o pós-guerra, ao exemplo do papel do escritor no debate público e, principalmente, da função da literatura em nossas vidas.

No trabalho que apresentarei durante a conferência, busco interpretar essas questões a partir da leitura de dois textos produzidos por Beauvoir durante a década de 1960. O primeiro tem por objetivo defender a ideia de que a escrita literária —sobretudo no romance e na autobiografia, gêneros nos quais Beauvoir tornou-se célebre— seria capaz de instaurar um espaço privilegiado de exercício da intersubjetividade.

Com isso Beauvoir quer dizer que uma das principais tarefas da literatura seria a de proporcionar o diálogo, não só entre o leitor e o texto, mas, especialmente, entre os próprios leitores.

Em uma tentativa de ilustrar essa reflexão, Beauvoir recorre a Proust, de quem, inicialmente, ela teria tomado a ideia. Beauvoir comenta que, ao compartilharem do universo de Proust, os seus leitores também estariam compartilhando algo sobre si, dando-lhes a impressão de que, com isso, também estariam aprendendo algo uns sobre os outros.

Acho que todos nós já passamos por uma experiência semelhante. Hannah Arendt, por exemplo, escreve sobre ela quando trata da relação entre a escritora e célebre anfitriã de salões literários Rahel Varnhagen (1771-1833) e a obra de Goethe. Segundo Arendt, a leitura de "Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister" teria dado a Varnhagen uma linguagem a partir da qual ela pôde passar a se comunicar com os seus contemporâneos na tentativa de superar o isolamento em fato de ser uma judia na Alemanha em um período anterior à emancipação.

Para Beauvoir, a partir de um diálogo sobre a mesma leitura, passamos a compartilhar um universo através do qual buscamos articular as nossas experiências de modo a nos fazermos compreender pelos demais. Algo que, segundo a autora, confirmaria o caráter intersubjetivo da escrita literária, pois tanto a leitura quanto as discussões inspiradas em livros permitem-nos compreender que, apesar de sermos radicalmente únicos, também somos, ironicamente, semelhantes em nossas diferenças.

Já no segundo texto que irei abordar em minha apresentação, Beauvoir reflete sobre a própria experiência de escritora e volta a ressaltar a função comunicativa da literatura. Dessa vez, no entanto, ela também aborda, entre outros temas, a diferença entre a escrita do romance e a do ensaio.

Para Beauvoir, o romance, diferentemente de um texto ensaístico documental —ao exemplo de um livro de história sobre a Segunda Guerra Mundial—, não tem por objetivo transmitir informações ou comunicar um conhecimento de modo direto. Segundo a autora, o que uma obra como "Os Mandarins" oferece ao leitor é uma experiência de mundo através da qual o conhecimento do autor é transmitido de maneira indireta, permitindo-se demorar em contradições e ambiguidades.

Beauvoir relata que escreve ensaios quando tem total convicção sobre o que quer dizer, mas prefere os romances quando algumas das suas ideias ainda não estão suficientemente claras a ponto de poderem ser expressas de modo inequívoco.

Por conta disso, Beauvoir comenta que, durante o processo de escrita de "Os Mandarins" ela teria se utilizado dos personagens Anne Dubreuilh e Henri Perron para comunicar posicionamentos que, expressos lado a lado em um ensaio, soariam contraditórios.

Em resumo, Beauvoir esclarece: "Se estou escrevendo um romance, posso muito bem abordar [...] dois temas ao mesmo tempo, como se abordam vários temas ao mesmo tempo em uma sinfonia ou uma sonata, em contraponto, misturando-os e fazendo-os coexistir e se apoiar mutuamente".

Discordo parcialmente de Beauvoir sobre a maneira como ela trata o ensaio, pois acredito que, do mesmo modo que um romance comunica uma experiência de mundo, um ensaio não precisa transmitir determinado conhecimento de modo direito, podendo, sim, comunicar uma experiência de pensamento, tendo como exemplo o que Arendt escreve em "Homens em Tempos Sombrios" sobre G.E. Lessing (1729-1781): "Os 'fermenta cognitionis' que Lessing disseminou pelo mundo não pretendiam comunicar conclusões, mas estimular outras pessoas ao pensamento independente, e isso sem nenhum outro propósito senão o de suscitar um discurso entre pensadores".

Isto, no entanto, é tópico para uma próxima coluna.

**[...]**

**Para Beauvoir, a partir de um diálogo sobre a mesma leitura, passamos a compartilhar um universo através do qual buscamos articular as nossas experiências de modo a nos fazermos compreender pelos demais**

| **DOM.** Bernardo Carvalho, Ailton Krenak, Juliana de Albuquerque, **Glenn Greenwald**

FOLHA DE S.PAULO ★★★



# O último Michelangelo

**[RESUMO]** Exposição em Londres até 28 de julho enfoca o renascimento do artista às vésperas dos 60 anos, quando voltou a Roma para pintar o afresco "Juízo Final" na Capela Sistina. Embora já consagrado e em idade considerada avançada para a época, Michelangelo demonstrou um dinamismo surpreendente nos 30 anos seguintes, produzindo alguns de seus principais trabalhos

Por ***Luiz Armando Bagolin***
Professor do Instituto de Estudos Brasileiros da USP



"O Castigo de Tício" (1532), desenho de Michelangelo que integra exposição no Museu Britânico, em Londres Royal Collec/on Trust / © His Majesty King Charles III 2024

Em 1534, com quase 60 anos, Michelangelo retornou a Roma, a pedido do papa Paulo 3º, a fim de executar uma pintura encomendada pelo papa anterior, Clemente 7º, para a parede atrás do altar da Capela Sistina, cujo dossel o artista havia pintado entre 1508 e 1511. Tratava-se de uma versão épica da representação do Juízo Final.

Esta obra, que faria a fama de Michelangelo alcançar seu ponto mais alto em sua produtiva carreira como escultor, pintor e eventualmente arquiteto, marcaria o reinício do artista à frente de um novo e magnífico conjunto de obras e demandas que se estenderiam por mais 30 anos, até 1564, quando morreu aos 88.

É exatamente este período, uma espécie de renascimento de Michelangelo nas três últimas décadas de sua vida, o tema de exposição no Museu Britânico, em Londres: "Michelangelo, as Últimas Décadas", com curadoria de Sarah Vowles.

"A percepção popular de Michelangelo concentra-se nas famosas obras de sua juventude: o David, por exemplo, ou o teto da Capela Sistina. O que esperamos fazer nesta exposição é apresentar às pessoas a notável variedade e inventividade de sua carreira entre os 59 e 88 anos, celebrando sua contínua criatividade e determinação diante dos desafios universais da velhice", explicou a curadora.

"Ao trazer à tona a própria voz de Michelangelo, por meio de cartas, poesias e outros documentos, e ao considerar suas amizades e suas próprias dúvidas e vulnerabilidades muito humanas, esperamos que os visitantes tenham a chance de apreciar tanto as obras quanto o homem sob uma luz diferente e mais íntima."

Nos últimos anos de sua vida, Michelangelo esteve envolvido em trabalhos para o Palazzo Farnese, a Porta Pia e a Piazza del Campidoglio, sem mencionar o projeto para a basílica e a cúpula de São Pedro, entre muitos outros. Este último, talvez, tenha sido o que mais lhe trouxe aflições.

Michelangelo reclamou diversas vezes da fadiga que tal projeto lhe causava, chegando a anotar no verso de um de seus desenhos "non sono architetto" (não sou arquiteto). Os patrocinadores, contudo, não estavam nem um pouco interessados em seus sentimentos a respeito; apenas lhe ordenavam as obras, crédulos de seu grande engenho e arte.

Em carta escrita a Giorgio Vasari, datada de agosto de 1557, Michelangelo revela o impasse a que chegou sobre o projeto da nova basílica:

"Senhor Giorgio, amigo querido. Eu invoco Deus como testemunha de que, contra minha vontade e com grande pressão, fui colocado pelo papa Paulo na construção de São Pedro em Roma há dez anos; e se o trabalho naquela construção tivesse continuado como naquela época, eu estaria agora envolvido com ela, conforme desejei, para retornar lá: mas devido à falta de trabalho, o progresso diminuiu muito: e desacelera, quando chega à parte mais trabalhosa e difícil: de modo que abandoná-la agora não seria nada além de uma grande vergonha e a perda de todo o prêmio pelos esforços que suportei nesses dez anos por amor a Deus".

Michelangelo sempre preferiu trabalhar sozinho, mas agora, enquanto lutava contra os desafios físicos da velhice, teve que aprender a se adaptar. Ele formalizou um sistema que ocasionalmente usava em seus dias mais jovens, trabalhando em colaboração com um pintor especialista em painéis para satisfazer a demanda de patronos não papais.

Ele criava uma composição que um pintor —geralmente Marcello Venusti, seu principal colaborador— traduzia para o painel, adicionando um cenário e outros detalhes.

Por exemplo, os desenhos de Michelangelo para "A Purificação do Templo", concebendo as figuras em forma de luneta (uma meia lua), foram adaptados por Venusti em uma pintura vertical que os colocava entre colunas salomônicas dramáticas destinadas a evocar não apenas o templo em Jerusalém, mas também o próprio São Pedro.

O sistema colaborativo foi imensamente bem-sucedido. Permitiu que os patronos possuíssem uma obra de arte concebida pelo eterno Michelangelo, executada por outro artista com a aprovação do mestre. Em novembro de 1561, ainda a propósito dos trabalhos para a Basílica de São Pedro, ele comentou:

"Senhores Deputados. Sendo eu velho e vendo que César está tão ocupado em seu ofício pelas coisas da construção, porque os homens muitas vezes ficam sem liderança; portanto, pareceu-me necessário dar, a este César, Pierluigi como seu companheiro, o qual conheço como uma pessoa útil e honrada para a construção; porque ele também estava acostumado com a construção e porque, morando em minha casa, ele poderá me informar à noite o que foi feito durante o dia. Aos quais vossas senhorias farão ordenar seu mandato de provisão iniciado no primeiro deste mês, na quantidade daquela de César: caso contrário, eu o pagarei do meu; porque estou resolvido, conhecendo a necessidade e o benefício da construção, que ele permaneça lá".

Esse sistema de colaboração era muito comum no período, contrariando em geral teses românticas que apregoam a genialidade de um artista produzindo de modo solitário o tempo todo. Uma obra, ainda que apenas supervisionada ou guiada por Michelangelo, tinha o mesmo valor de uma inteiramente de sua mão.

Na exposição em Londres há um desenho raro, um esboço preparatório para pintura, intitulado "Epifania" (cerca de 1550-1553), com mais de dois metros de altura por dois de largura. Composto por uma junção de 25 folhas de papel, este desenho foi feito por Michelangelo para ajudar Ascanio Condivi na pintura de um painel homônimo (que pertence ao acervo da Casa Buonarotti, em Florença).

Condivi foi um dos biógrafos de Michelangelo, elogiando de maneira superlativa suas obras e sua maestria ("Vita di Michelangelo raccolta per Ascanio Condivi da la Ripa Transone", 1553), como aliás convinha ao gênero biografia à época. O desenho pode, assim, ter sido oferecido como forma de troca ou compensação pelo livro, mas também ser visto como uma honra para o jovem Condivi, que teria como base de sua pintura um desenho do grande mestre.

O desenho acompanha a obra na mostra, a exemplo de muitos outros, como um nu masculino de costas que foi um dos numerosos estudos para o "Juízo Final" (1535-1541). Há também o fabuloso "O Castigo de Tício" (1532). Um jovem nu está se debatendo atado a uma rocha (apenas o braço e a perna esquerda estão soltos), enquanto uma grande águia (era um abutre na versão original do mito) tenta lhe devorar o fígado.

No canto direito da representação, há o esboço rápido de um tronco retorcido cujas raízes se entranham naquela mesma rocha, com a sugestão de um perfil grotesco, misto de uma figura humana e animal ensaiando um grito de horror.

Após 1550, Michelangelo irá se dedicar apenas ao desenho, à escultura e à poesia. A exposição do Museu Britânico tenta explorar tanto a obra quanto a vida privada, apresentando-o não apenas como um artista icônico, mas também uma pessoa com afetos e paixões intensas.

Se, por um lado, as biografias o descrevem como uma figura irascível, capaz de desafiar até o papa Júlio 2º, por outro, desconhece-se em geral a figura de um Michelangelo fraternal, amoroso e paterno.

A exposição enfoca duas das suas relações mais significativas durante este período tardio: com o jovem nobre romano Tommaso de' Cavalieri e com a poeta aristocrática Vittoria Colonna. Ambas as amizades estimularam a criação de poemas e obras plásticas delicadas por parte do velho mestre: para Tommaso, Michelangelo fez alegorias mitológicas, como a "Queda de Fáeton"; para Vittoria, ofereceu iconografias religiosas como "Cristo na Cruz", que evocava a tragédia e o triunfo da morte de Cristo.

**O que importa, contudo, é compreender que no final, para Michelangelo, todas as coisas que realizou faziam parte da mesma força, imune a disputas mundanas ou retóricas, porque alimentadas pela arte e pelo pensamento**

Michelangelo era um católico devoto e, à medida que envelhecia, ficava cada vez mais preocupado com o estado de sua alma. Ele enviava grandes somas de dinheiro para Florença, por meio de seu sobrinho Leonardo, para que fossem usadas em fins caritativos, e tanto sua arte quanto sua poesia demonstravam um envolvimento profundo e íntimo com questões de salvação.

Um dos exemplos mais comoventes da exploração pessoal da fé por Michelangelo é um grupo de desenhos da Crucificação, presentes na mostra, provavelmente feitos durante os últimos dez anos de sua vida, que mostram o artista idoso recorrendo ao ato de desenhar como um meio, talvez, de meditação espiritual —usando variações de um único tema para explorar seus sentimentos sobre mortalidade, sacrifício, fé e a perspectiva de redenção.

Talvez ele também acreditasse nos máximos elogios que recebeu em vida, que o tinham como um enviado de Deus. O poeta Benedetto Varchi, por exemplo, escreveu que o artista fora "mandado à terra por Deus, para dar a última realização e a extrema perfeição às artes mais belas".

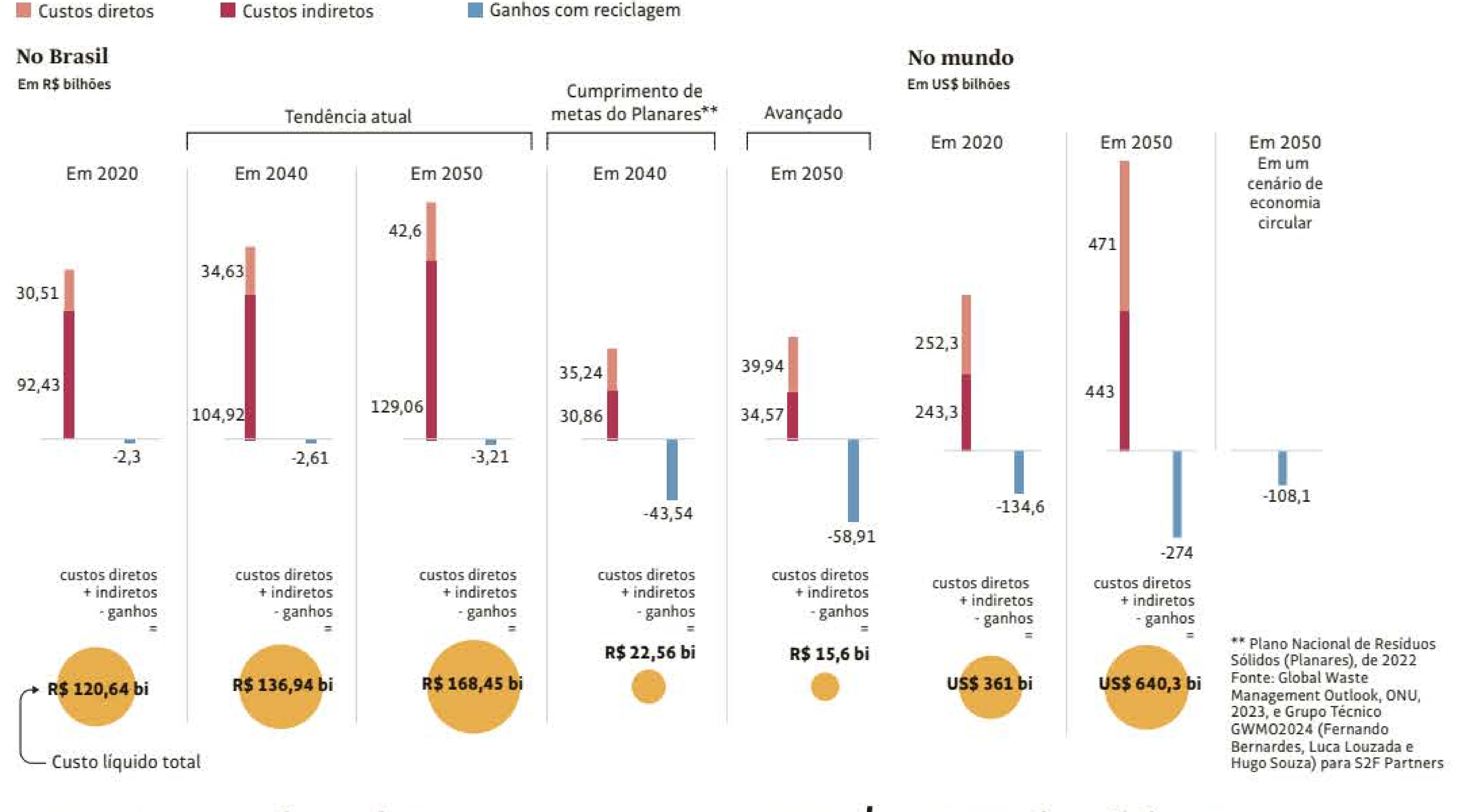
O que importa, contudo, é compreender que no final, para Michelangelo, todas as coisas que realizou faziam parte da mesma força, imune a disputas mundanas ou retóricas, porque alimentadas pela arte e pelo pensamento. Em carta de 1549 enviada a Varchi, a propósito do certame pelo primado das artes, entre a pintura e a escultura, ele decretou:

"Para que pareça que eu recebi, como de fato recebi, o seu livreto, responderei algo a que me perguntou, embora com ignorância. Digo que a pintura parece ser mais valorizada, quanto mais se aproxima do relevo, e o relevo é considerado pior, quanto mais se aproxima da pintura; por isso, costumava parecer-me que a escultura era a lanterna da pintura, e que entre uma e outra havia a diferença que há do Sol para a Lua.

Agora, depois de ter lido no seu livreto, onde você diz que, falando filosoficamente, as coisas que têm um mesmo fim são a mesma coisa, mudei de opinião: e digo que, se maior julgamento e dificuldade, impedimento e fadiga não fazem maior nobreza, então a pintura e a escultura são a mesma coisa; e para que assim fosse considerado, não deveria cada pintor fazer menos escultura do que pintura; e da mesma forma, o escultor de pintura que de escultura.

Entendo por escultura aquela que é feita pela força de retirar; aquela que é feita pelo modo de adicionar é semelhante à pintura: basta que, vindo ambas de uma mesma inteligência, ou seja, escultura e pintura, elas podem fazer uma boa paz juntas, e deixar tantas disputas; pois leva mais tempo do que fazer as figuras.

Aquele que escreveu que a pintura era mais nobre que a escultura, se ele tivesse entendido tão bem as outras coisas que escreveu, teria escrito melhor; minha criada poderia fazê-lo. Inúmeras coisas, ainda não ditas, haveria a dizer sobre ciências semelhantes; mas, como eu disse, exigiriam muito tempo, e eu tenho pouco, pois não só sou velho, mas quase no número dos mortos: portanto, peço que me tenham por desculpado. E a vocês me recomendo e agradeço tanto quanto sei e posso pela honra excessiva que me fazem, e que não me é conveniente". ←




# Crise do lixo custa R$ 97 bilhões por ano ao Brasil, aponta estudo

## Problemas na coleta, disposição e reciclagem impactam saúde humana, financeira e ambiental

SÉRIES FOLHA
ALÉM DO LIXO

**Fernanda Mena**


Catador aguarda a chegada de caminhões ao lixão de Porto Seguro (BA), que ainda recebe entulhos Bruno Santos/Folhapress

**SÃO PAULO** O Brasil gera quase 80 milhões de toneladas de resíduos sólidos urbanos (RSU) por ano, um montante suficiente para encher de lixo 2.000 estádios do Maracanã. No mundo, o volume aumenta anualmente e, no ritmo atual, deve escalar quase 80% até 2050, batendo 3,8 bilhões de toneladas.

São restos de alimentos e de plantas, papelão, vidro, plástico, metais, roupas e calçados, produtos elétricos e eletrônicos, lâmpadas e remédios. Materiais que se valeram de recursos naturais, trabalho e energia para serem produzidos e transportados e que, em sua maioria, vão parar debaixo da terra, em aterros sanitários, depois de anos —ou de poucos minutos— de uso.

O descarte parece uma praticidade inescapável. Mas os resíduos ensacados que desaparecem das escadarias dos prédios e das calçadas iniciam uma trajetória longa, invisível e muito cara: coleta, transporte, triagem, aterramento e alguma reciclagem.

Em 2020, esses custos diretos consumiram R$ 30,5 bilhões, majoritariamente recursos públicos municipais. No Brasil, apenas 4% dos resíduos coletados são reciclados, segundo dados oficiais.

Ao mesmo tempo, um terço de tudo o que é descartado pelos brasileiros (380 quilos ao ano, em média) vai para lixões a céu aberto, córregos, rios e, finalmente, o mar, deixando um rastro tóxico que contamina o solo e as águas, com prejuízos à saúde humana e ao ambiente.

Como se não bastasse, a decomposição descontrolada desses resíduos emite metano, um poderoso gás de efeito estufa responsável por parte do aquecimento global, num ciclo em que, quanto pior a gestão de resíduos, maior a quantidade de metano emitido na atmosfera.

O impacto de todas essas falhas na gestão de resíduos, somados os custos ambientais e climáticos da poluição com os respectivos danos à biodiversidade e à saúde humana, foi da ordem de R$ 97 bilhões em 2020. Se nada no atual modelo mudar, em 2050 esses custos indiretos da crise do lixo podem chegar a R$ 135,9 bilhões.

Os dados são de um estudo feito com exclusividade para a série Além do Lixo, da **Folha**, pela consultoria S2F Partners com cálculos do grupo GMWO2024, responsável pela análise de dados do relatório Global Waste Management Outlook 2024, lançado no início deste ano pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma).

O estudo aplicou ao caso brasileiro a metodologia utilizada no relatório da ONU que projeta os custos diretos e indiretos da gestão global de resíduos sólidos em diferentes cenários. Custos indiretos, também chamados de externalidades, englobam poluentes descarregados no ar, no solo e nas águas e seus impactos na saúde humana e nos serviços ambientais que sustentam a vida contemporânea e a economia global.

Somados, os custos diretos e indiretos de 2020 foram de R$ 120,6 bilhões. Na mesma toada, em 2050, eles devem chegar a R$ 168,4 bilhões, de acordo com o estudo.

"O estudo mostra o custo da inação, ou seja, quanto custa a gente não fazer nada", explica o engenheiro Flávio Ribeiro, consultor em economia circular e conselheiro do Pacto Global da ONU para a área, que avaliou como "conservadora" a estimativa de custos indiretos do estudo. "Estamos vivendo isso hoje com mudanças climáticas: quanto está custando não termos feito nada lá atrás? Quanto custa reduzir exigências ambientais, não cumprir o Código Florestal? Agora são bilhões, para não falar de vidas humanas. Veja o caso do Rio Grande do Sul. A mesma coisa vai acontecer com os resíduos, que têm várias vertentes de efeitos econômicos", aponta ele. "A gente está falando de riscos já contratados. Porém, o estudo mostra cenários promissores."

Medidas como encerrar lixões e aumentar o índice de reciclagem para 50% dos materiais recicláveis, que constam do Plano Nacional de Resíduos Sólidos (Planares), de 2022, têm o potencial de reduzir em 80% os custos totais de gestão de resíduos em 2040, de R$ 120,6 bilhões para R$ 22,6 bilhões, segundo cálculos do estudo feito para a **Folha**. Extrapolados para 2050, os custos reduzem ainda mais: R$ 15,6 bilhões.

"As metas do Planares para 2040, que incluem o encerramento de lixões, o aumento de metas de reciclagem, o aproveitamento de orgânicos e o aprimoramento do aterro sanitário para captação de gás e produção de energia ou combustível, reduzem o impacto da má gestão e geram ganhos com a reciclagem de materiais", explica Carlos da Silva Filho, da S2F Partners.

Presidente da International Solid Waste Association (ISWA), ele é coautor do relatório do Pnuma e um dos 13 membros do conselho consultivo criado pelo atual secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, para o tema da gestão de resíduos. O relatório aponta que, sem mudanças de rota, a produção global de resíduos deve aumentar de 2,1 bilhões de toneladas para 3,8 bilhões em 2050. Já a partir de estratégias de economia circular, a produção em 2050 deve se manter em 2,1 bilhões de toneladas no ano.

"Não só se deixa de gastar com o lixão e os impactos ambientais que ele nos traz como é possível obter certo grau de receita. Então, existe um ganho duplo, que precisa ser contabilizado na hora em que a gente for criar mecanismos financeiros para fazer a transição para uma economia circular", avalia Ribeiro.

Segundo ele, os efeitos econômicos da má gestão de resíduos vão desde danos à saúde humana e ao meio ambiente até o desperdício de recursos, enterrados em aterros sanitários, na melhor das hipóteses. "Existe um problema econômico da perda de oportunidade de recuperar matérias-primas e, com elas, valor econômico daquilo que a gente descarta", diz.

Outro impacto econômico, diz, é o do custo direto do gerenciamento de resíduos. "Gestão de resíduos é um serviço que tem um custo. No caso dos negócios, a lei diz que o próprio gerador deve custear essa gestão. Mas o custo é arcado pelo poder público municipal", afirma.

A saída para essa crise do lixo, defendem ele e outros especialistas, passa pelo processo de mudança de um modelo econômico linear, que extrai, produz e descarta, para outro circular. Nele, a poluição e o desperdício de recursos dão lugar à redução e ao uso eficiente de matérias-primas e de energia, e à extensão da vida útil de materiais e produtos, evitando o seu descarte.

"A gente só gera as montanhas de resíduos como hoje porque estamos numa economia linear", diz Luísa Santiago, diretora da Fundação Ellen MacArthur, organização internacional sem fins lucrativos que atua para acelerar a transição para uma economia circular. "Hoje, políticas públicas, subsídios, créditos e linhas de financiamento, normas sanitárias e técnicas são todas alinhadas a uma mentalidade linear, de que a gente precisa extrair da natureza, transformar e descartar para gerar valor."

Segundo Santiago, numa economia circular, é possível gerar até mais valor do que no modelo atual, e há empresas com comprovação desses resultados.

"A gente precisa ter regras do jogo que favoreçam modelos de negócios, produtos e serviços que atendem as necessidades da sociedade com base em princípios de não gerar resíduos, de manter os materiais circulando na economia sem desperdiçá-los e de regenerar sistemas naturais. Isso precisa ser a norma, não a exceção", diz a diretora da Ellen MacArthur, responsável por acordos setoriais voluntários de empresas comprometidas com a transição para a economia circular.

"É impossível mudar o cenário sem a participação das empresas. Impossível e injusto, porque o resíduo não é equitativamente distribuído", afirma o economista Ricardo Abramovay, professor do Instituto de Energia e Ambiente da USP. "Ou essa conta entra nos custos empresariais ou se estará fazendo uma socialização dos prejuízos ao colocar essa conta nas prefeituras."

Na Europa, já em 2015 foi instituída uma política de economia circular para o bloco. Em 2017, o G20 criou um grupo de trabalho sobre o tema, sob a presidência da Alemanha, que segue até a atual presidência rotativa do Brasil. Por aqui, o PL 1.874, de 2022, que institui uma Política Nacional de Economia Circular, foi aprovado no Senado e encaminhado em março para votação na Câmara.

"Para o Ministério do Meio Ambiente [MMA], a economia circular é uma nova forma de pensar a maneira como nos relacionamos com o planeta, dissociando a prosperidade econômica e o bem-estar humano do consumo crescente de novos recursos", afirma o secretário do Meio Ambiente Urbano do MMA, Adalberto Maluf.

A julgar pelo atraso do país em implementar mudanças propostas na Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), de 2010, como o fim dos lixões, previsto inicialmente para 2014, mas ainda não cumprido (há cerca de 1.500 lixões em operação no país), as dificuldades serão principalmente as financeiras.

Para Ribeiro, o investimento que precisa ser feito para reduzir os danos da má gestão de resíduos e fazer a transição para uma economia circular inclui financiar a melhora da coleta, a construção de indústrias de reciclagem e o pagamento de catadores pelo serviço ambiental prestado.

"Só que a gente precisa olhar esse investimento vis-à-vis o prejuízo de não fazer nada. Vai precisar de dinheiro, mas esse dinheiro talvez traga retorno, redução de custo e certamente vai trazer um enorme benefício para a sociedade."

**Leia mais na pág. 2**

### Série trata dos desafios e oportunidades da gestão de resíduos

A **Folha** lança neste domingo (2), que inaugura a Semana do Meio Ambiente, a série Além do Lixo, que trata dos desafios e oportunidades da gestão de resíduos no Brasil e no mundo e da relação entre as soluções para a crise global do lixo e a transição para novos modelos de negócios sustentáveis

PAINEL S.A. | *Julio Wiziack*
painelsa@grupofolha.com.br

## Guilherme Veiga

# STJ julga caso que põe em xeque seguro de quem compra imóvel financiado

Sob a coordenação de Guilherme Veiga, um grupo de advogados defende 312 mil famílias de baixa renda, o equivalente aos domicílios de uma cidade como Natal (RN) ou Campo Grande (MS), que buscam na Justiça o direito ao ressarcimento das seguradoras por danos irrecuperáveis a seus imóveis financiados. Mais de mil delas vivem há mais de uma década do aluguel solidário, porque seus móveis desabaram. O caso será julgado pelo STJ nesta semana. Se elas vencerem, a União diz que terá de arcar com R$ 16,8 bilhões, o que Veiga contesta.

**Por que essa causa tem repercussão nacional?** Essas famílias compraram imóveis pelo Sistema Financeiro de Habitação, a maior parte a partir de 1980, e perderam ou tiveram seus imóveis abalados por danos na construção que, em muitos casos, só foram identificados após a quitação do empréstimo. A Caixa é a responsável pelo Fundo de Compensação de Variações Salariais, junto com as seguradoras, que garante os financiamentos e as apólices de cobertura desses imóveis.

**Por que foi preciso ir à Justiça?** As seguradoras disseram que tinha havido prescrição. Para elas, as famílias só poderiam ter acionado o seguro até um ano após a quitação.



**Raio-X**
Doutorando em direito pelo Ceub, é mestre em direito pela Universidade Católica de Pernambuco com especialidade em direito constitucional internacional pela Università di Pisa (Itália). Só em Recife ele representa 1,2 mil mutuários cujos imóveis desabaram causando mortes na família

**E o que vocês defendem?** Que o prazo é de um ano após o problema estrutural no imóvel ser descoberto.

**Com a derrota, o que ocorre com as famílias?** Aquelas cujos imóveis desabaram hoje vivem de aluguel solidário e estarão desalojadas. Possivelmente, elas ainda terão de devolver os valores pagos por 10 ou 15 anos às seguradoras.

**Por que há cerca de 69 mil processos de interessados nessa causa?** Caso a gente obtenha vitória, haverá repercussão não só sobre o Sistema Financeiro Habitacional, mas nos financiamentos com recursos da poupança [SPBE]. Na prática, o que se discute é o prazo de prescrição de um seguro habitacional.

**Se isso ocorrer, não será um desestímulo à quitação antecipada do financiamento?** Sem dúvida.

**Se os mutuários ganharem, a União terá de pagar quase R$ 17 bilhões?** Esse impacto fiscal que o governo aponta inexiste, porque o que será julgado é o direito de essas famílias acionarem a Justiça.

**Quais são as chances de vitória de cada ação no mérito?** Grandes. O próprio STJ já mediou mais de 7.700 acordos com mutuários desde 2020.

# Cuidar dos resíduos custa caro; entenda quem paga a conta

## Prefeituras têm dívidas de R$ 18 bi com empresas do setor, e apenas 10% das cidades cobram serviço de coleta

SÉRIES FOLHA
ALÉM DO LIXO

**Fernanda Mena**

SÃO PAULO Sustentabilidade é palavra gasta que passa longe do modelo de financiamento da gestão de resíduos sólidos no Brasil, que teve custo direto de R$ 30,5 bilhões em 2020, pressionando os orçamentos municipais que custeiam o serviço em 90% das cidades brasileiras.

Caso o país não faça progressos em gargalos econômicos e ambientais do setor, como o fim dos lixões brasileiros e o aumento de nosso baixo percentual (4%) de reciclagem, esse custo deve aumentar para R$ 42,6 bilhões em 2050.

Os dados são de um estudo feito com exclusividade para a **Folha** pela consultoria S2F Partners com cálculos do grupo GMWO2024, o mesmo responsável pela análise de dados do relatório Global Waste Management Outlook 2024, lançado no início deste ano pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma).

Os custos diretos da gestão de resíduos sólidos urbanos incluem sua coleta e transporte, triagem e alguma reciclagem (apenas 4% dos resíduos são reciclados no Brasil) até a destinação final, feita em aterros sanitários privados. Contratados pelas prefeituras, eles fazem o manejo de toneladas diárias de todo tipo de material descartado pela população.

Levantamento realizado em 2020 pela antiga Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Urbana e Resíduos Especiais (Abrelpe) apontou um saldo histórico e acumulado de R$ 18 bilhões em dívidas de prefeituras de todo o país com as 207 empresas prestadoras de serviço de coleta e manejo de resíduos em território nacional. O setor movimenta cerca de R$ 27 bilhões por ano.

"Como o caminhão passa, e o lixo some, a população tem a percepção equivocada de que é um serviço gratuito", avalia Carlos da Silva Filho, da S2F Partners e conselheiro da ONU (Organização das Nações Unidas) para resíduos.

"Os governantes incorporam essa percepção e colocam esses custeio no final da sua lista de pagamentos. Por isso, temos essa dívida acumulada e problemas de má gestão", explica ele.

Silva Filho, que é o atual presidente da Associação Internacional de Resíduos Sólidos (ISWA, na sigla em inglês), afirma que onde a gestão de resíduos melhor funciona no mundo —tanto do ponto de vista ambiental como econômico— ela é paga como as outras contas de consumo (água, luz, internet etc.). No caso, quanto mais resíduos gerados, maior a conta de cada um.

"A geração de resíduos tem a ver com o poder aquisitivo: quanto maior ele for, maior o consumo e, portanto, maior a geração de resíduos", afirma Hugo Nery, diretor-presidente da Marquise Ambiental, empresa que atua no setor há 47 anos no país, com sede no Ceará.

"Nas grandes cidades brasileiras, a classe A produz cerca de 2 quilos de resíduos por pessoa por dia. A classe média, 1,5 quilo. A classe pobre, 600 gramas. Então, não é justo que o governo tire dos impostos comuns para coletar o lixo da população de maior poder aquisitivo em detrimento de serviços básicos para a população mais pobre", avalia o executivo.

"O que acontece no Brasil hoje é que o gerador não paga, e isso tudo é custeado pelo Estado", acrescenta.

Segundo relatório da Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA), apenas 438 dos 5.570 municípios brasileiros comprovaram ter sistemas de cobrança pelo serviço de manejo de resíduos sólidos urbanos.

Trata-se de uma norma do Marco Legal de Saneamento Básico (lei 14.026/2020), e o não cumprimento dela implica restrições no acesso a recursos públicos da União para o setor.

Onde está instituída, de Curitiba a Diadema, Porto Velho a Porto Alegre, a cobrança surge associada ao IPTU (Imposto sobre Propriedade Predial e Territorial Urbana) ou à conta de luz ou de água, mas há casos em que a ela é feita em boleto separado.

Para o economista Ricardo Abramovay, professor do Instituto de Energia e Ambiente da USP, a cobrança por esse serviço é uma questão de justiça distributiva. E ela fica ainda mais aguda quando se comparam resíduos gerados pelas camadas mais pobres da população com empreendimentos que são grandes geradores ou com a própria indústria dos produtos que geram descartes.

"É o princípio do poluidor-pagador. Essa conta tem que cair no colo das empresas, porque é a condição para que elas produzam menos resíduos e incorporem o custo daqueles resíduos incontornáveis nos preços dos produtos", avalia.

"A experiência europeia é interessante porque as empresas mantêm organizações públicas e não estatais que fazem o trabalho não só de recolhimento dos resíduos sólidos do consumo doméstico mas também o trabalho de publicidade sobre o que você faz com a sua escova de dentes depois que ela não serve mais."

Para ele, é absurdo o poder público ter que montar campanhas quando são as empresas que estão oferecendo isso para a sociedade.

O engenheiro Flávio Ribeiro, consultor em economia circular, diz desconhecer cidade do país que cobre o cidadão pela quantidade de resíduos gerados.

"O máximo de variabilidade que a gente vê é graduação conforme a área do imóvel."

É da Europa também que vêm os principais exemplos de modelos de cobrança pelo serviço.

Ribeiro cita o caso da Alemanha, onde contêineres de resíduos de cada casa ou apartamento são pesados por um caminhão tecnológico, que emite a conta para a residência. "O serviço pesa casa a casa e cobra proporcionalmente ao peso que cada um gera. Quanto mais se reciclar, menos se paga", conta.

Já em parte da Bélgica, diz, é preciso usar um saco de lixo padronizado para o descarte de resíduos cujo preço traz embutido um valor para o custeio do sistema de gestão. "Quanto mais você gera, mais sacos compra e, portanto, paga mais. Então, é muito simples. E esse dinheiro vai para um fundo que custeia o sistema."

Segundo Nery, o serviço é tão complexo e caro que, mesmo com cobrança de taxas e tarifas, o poder público brasileiro terá de completar os valores para o pagamento da gestão de resíduos.

"Um pagamento complementar, não mais o principal", afirma.

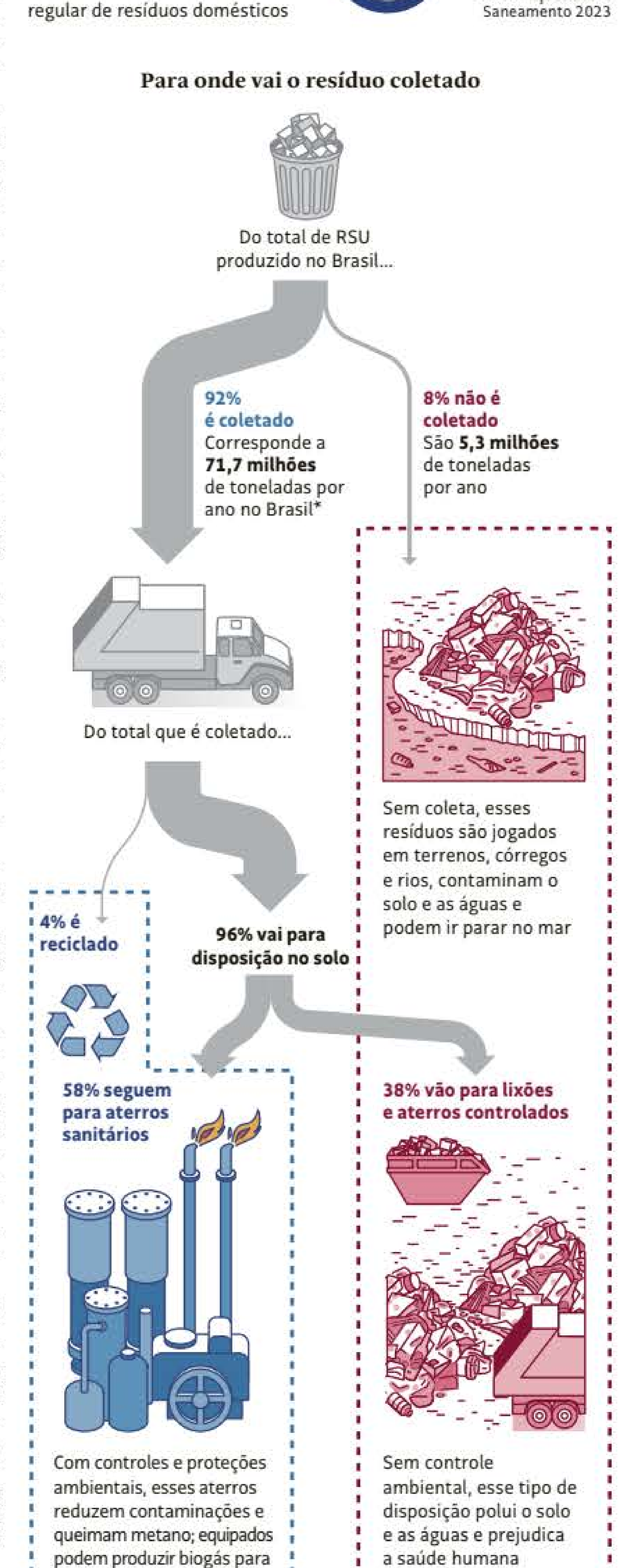
**RSU coletado por região em 2022**
Em %

| Região | % |
| --- | --- |
| Norte | 79,2 |
| Nordeste | 84,5 |
| Centro-Oeste | 90,3 |
| Brasil | 90 |
| Sudeste | 95,7 |
| Sul | 92 |

**19,8 milhões** de brasileiros não têm coleta regular de resíduos domésticos

Fonte: Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento 2023

**Para onde vai o resíduo coletado**




* Em 2022 Fonte: Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento 2023
Infografia Luciano Veronezi e Gustavo Queirolo



Como o caminhão passa, e o lixo some, a população tem a percepção equivocada de que é um serviço gratuito

**Carlos da Silva Filho**
conselheiro da ONU para resíduos



É o princípio do poluidor-pagador. Essa conta tem que cair no colo das empresas, porque é a condição para que elas produzam menos resíduos e incorporem o custo daqueles resíduos incontornáveis nos preços dos produtos

**Ricardo Abramovay**
professor do Instituto de Energia e Ambiente da USP



A geração de resíduos tem a ver com o poder aquisitivo: quanto maior ele for, maior o consumo e, portanto, maior a geração de resíduos [...]

Nas grandes cidades brasileiras, a classe A produz cerca de 2 quilos de resíduos por pessoa por dia. A classe média, 1,5 quilo. A classe pobre, 600 gramas. Então, não é justo que o governo tire dos impostos comuns para coletar o lixo da população de maior poder aquisitivo em detrimento de serviços básicos para a população mais pobre

**Hugo Nery**
diretor-presidente da Marquise Ambiental

# Arminio Fraga

# Com erro no Banco Central, Lula corre risco de fiasco político

Para economista e ex-presidente do BC, discurso mais frouxo na política monetária é 'erro banal' que eleva o custo de conter inflação

**ENTREVISTA**

Ana Estela de Sousa Pinto

SÃO PAULO Um dos primeiros economistas de renome a declarar apoio ao então candidato Luiz Inácio Lula da Silva (PT) no segundo turno das eleições presidenciais, em 2021, o ex-presidente do Banco Central Arminio Fraga vê hoje com pessimismo um governo que "comete velhos erros".

Entre os enganos apontados, estão investidas sobre a governança de empresas estatais —como a Petrobras—, tentativa de interferir em empresas privadas —como a Vale—, iniciativas para ressuscitar a indústria naval e renacionalizar refinarias.

Dois erros, porém, o preocupam mais: o desequilíbrio nas contas públicas, que eleva o endividamento, principal indicador de solvência do país (a dívida bruta do país foi a 76% do PIB em abril, maior índice desde abril de 2022), e a pressão para baixar a taxa básica de juros (Selic), hoje em 10,5% ao ano.

No horizonte, a possível turbulência está na troca de comando do Banco Central, no final deste ano, quando Roberto Campos Neto deve dar lugar a um presidente indicado pelo PT.

"Se quem entrar se meter a besta, a inflação começar a subir e o mercado perder a confiança, vai ser um grande fiasco político, inclusive, e rápido", diz o ex-chefe da autoridade monetária.

Já houve uma alta significativa dos juros de mais longo prazo cobrados pelo mercado para financiar a dívida pública após a divisão na reunião de maio que reduziu o ritmo de corte da Selic, e o economista vê risco de mais aperto.

"Esse discurso assim mais frouxo na política monetária só atrapalha, porque fica a desconfiança, e o custo aumenta. É uma tristeza ver como a coisa está sendo conduzida, as pressões políticas explícitas, os ataques ao BC, a ideia de que responsabilidade de fiscal é uma grande maldade", afirma.

Arminio considera prematura a discussão da sucessão presidencial de 2026, mas opina que um fracasso do atual governo poderia facilitar o surgimento de um nome fora da atual polarização lulismo X bolsonarismo.

"Certamente adoraria ver uma terceira via, mas não sei de onde pode sair. Com o Bolsonaro impedido, talvez saia do centrão. Sobretudo com as dificuldades que o atual governo pode enfrentar. Abrir-se-ia um espaço."

*

**Há duas bombas-relógio no arcabouço fiscal: despesas obrigatórias crescendo muito e a dificuldade de cumprir a meta de resultado primário. Como desarmá-las a curto prazo?** A curtíssimo prazo é um desafio muito grande. A resposta teria que passar por propostas bastante radicais e críveis, para o médio prazo. Claramente a Previdência vai ter que passar por outra reforma. O assunto geral da folha de pagamentos dos governos federal, estaduais e municipais. A vinculação geral [dos pisos de educação e saúde]. A própria ministra Simone Tebet falou na vinculação ao salário mínimo. Essa lista, incompleta, é toda bem complicada e claramente não encontra apoio dentro do governo. Estou bastante preocupado com onde isso vai parar.

Não vejo um passe de mágica que resolva. E o que está hoje programado, pelo menos pelo que se escuta das principais lideranças, é que o déficit vai aumentar.

**Déficit maior e juros altos como os de agora aceleram a dívida.** Sim, o Brasil convive com taxas de juros muito altas, há muito tempo, e a pressão só vai crescer. E, quando o PIB não cresce, ou cresce pouco, cria-se uma bola de neve de endividamento, isso põe mais pressão no juro, é um círculo vicioso. Em algum momento, não sei bem quanto mais adiante, vem também um medo maior de perda de credibilidade da moeda. Com consequências complicadas.

**Haveria esse risco ainda no governo Lula?** Não é impossível, o ambiente global está muito hostil. Tipicamente nessas horas os países que têm uma posição mais frágil tendem a sofrer.

Os dois elementos históricos que, quando combinados com esse ambiente, criam uma dinâmica explosiva, talvez por enquanto estejam ausentes: uma taxa de câmbio fixa e uma fragilidade financeira, bancária, que também não parece ser o caso.

Isso sugere que, se o governo conseguisse pelo menos apontar na direção certa, a coisa melhoraria. Foi o que o arcabouço apresentado pelo ministro Haddad procurou fazer. Naquele momento já destoou inclusive da posição do presidente da República. Mas o arcabouço está fazendo água.

**A curto prazo, mudar a vinculação constitucional dos tetos ou a vinculação da Previdência ao salário mínimo real seria mais viável que reformar a Previdência, não?** Pode ser, mas o Brasil já alterou a sua Constituição cento e tantas vezes. Não é impossível. Não descartaria que a turma respirasse fundo e dissesse "vamos lá de novo, que jeito?". É melhor do que enfiar a cabeça na areia e largar tudo.



O Brasil convive com taxas de juros muito altas, há muito tempo, e a pressão só vai crescer. E, quando o PIB não cresce, ou cresce pouco, cria-se uma bola de neve de endividamento, isso põe mais pressão no juro, é um círculo vicioso. Em algum momento, não sei bem quanto mais adiante, vem também um medo maior de perda de credibilidade da moeda. Com consequências complicadas

**Qual o ambiente global muito hostil a que se refere?** O clássico a curto prazo foi a surpresa dos juros, a velha história de que, se o centro pega um resfriado, a periferia pega uma pneumonia. É um tema mais financeiro. Mas há também as questões geopolíticas enormes no Oriente Médio, a situação na Ucrânia, a guerra diferente entre Estados Unidos e China. Um mundo que está dando sinais de pouca capacidade de coordenação, de diálogo. Não creio que seja ainda uma transição de hegemonia, mas essas transições sempre dão problema. Você fica meio que sem liderança. A liderança americana também anda rateando. Esse quadro não é legal, não.

**Como Trump entra nesse cálculo de risco?** Deixaria o quadro mais hostil. Mas nem é uma questão Trump ou Biden. Os dois estão com um olhar bastante protecionista. E tenso com relação à relação com a China.

Estou curioso também com o que vem acontecendo e vai acontecer com a China, que, sob a liderança agora mais perene de Xi Jinping, deu um cavalo de pau em muitas áreas. A dúvida é se pode se isolar.

São espaços de incerteza bastante grandes. Vejo vários sinais de alerta, e são grandes, não é mais um pequeno tema econômico.

**Das causas que vêm sendo apontadas para as taxas futuras de juros bastante altas —juros nos EUA, situação fiscal, dúvidas sobre a nova direção do BC, tentativas de intervenção em empresas—, alguma pesa mais?** As duas grandes na área macroeconômica estão ativas. O ponto máximo mais recente foi de fato a mudança da meta, sempre uma coisa muito séria, salvo numa situação excepcional.

No que diz respeito ao BC, já havia alguma insegurança com relação à troca no comando. É um momento importante. Se quem entrar se meter a besta, a inflação começar a subir e o mercado perder a confiança, vai ser um grande fiasco político, inclusive, e rápido.

**De onde viria o fiasco?** Claramente um aumento nas taxas de juros de mais longo prazo, como de fato ocorreu após esse placar dividido do Copom de maio e depois do afrouxamento da meta fiscal. O que se viu foi um sinal, um sinal relevante, mas eu diria ainda modesto. Poderia ser algo bem mais forte.

**Juros futuros de 11,8% ao ano ainda são modestos?** Não, não são, mas, infelizmente, pode piorar. Pode piorar, sim. Não sou dos mais pessimistas com relação a isso, mas tenho algum receio.

Seria um erro tão banal. Esse discurso assim mais frouxo na política monetária só atrapalha, porque, havendo desconfiança com relação à moeda, o custo aumenta. É uma tristeza ver como a coisa está sendo conduzida, as pressões políticas explícitas, os ataques ao Banco Central, a ideia de que responsabilidade fiscal é uma grande maldade.

**O sr. consegue enxergar um objetivo por trás dessa comunicação?** Talvez haja alguma lógica política, mas não consigo enxergar. Porque qualquer deslocamento maior na economia vai afetar a população e a política, inevitavelmente.

**Alguns setores do governo têm defendido que conter gastos pode levar o governo Lula ao fracasso e trazer o bolsonarismo de volta. Qual é o erro desse argumento?** O erro é achar que mais uma dosezinha de cortisona vai salvar o paciente. Não vai. A política monetária é uma espécie de cortisona. Uma cortisona para o Rio Grande do Sul agora é joia, bem aplicada. Mas, se a cortisona é constante e crescente, o resultado não é bom.

**Qual seria o impacto de uma volta do bolsonarismo na Presidência?** Suponho que semelhante ao que veio antes, com potencial para ser pior. O receio é que pensem "da outra vez eu bobeei, não fiz A, B, C, D". E A, B, C, D não são bons.

**Vê espaço para uma terceira via?** Estou lendo agora um livro bem antigo, "Direita e Esquerda", de Norberto Bobbio, que fala justamente sobre a terceira via de uma maneira muito atual. Mas é um pouco da natureza de um sistema que vive em conflito a coisa realmente se polarizar.

Certamente adoraria ver uma terceira via, mas não sei de onde pode sair. Com o Bolsonaro impedido, talvez saia do centrão. Sobretudo com as dificuldades que o atual governo pode enfrentar. Abrir-se-ia um espaço. E está no ar essa discussão, já. Bem cedo, mas claramente está no ar.

**Dos nomes que estão colocados, algum lhe chama mais a atenção?** Já disse recentemente e vou dar a mesma resposta: o risco/retorno para responder a essa pergunta não é bom. Está muito cedo, muito espalhado.

**Por que o interesse por "Direita e Esquerda"?** Ando lendo sobre o tema. Li recentemente "Democracia para Realistas", não traduzido ainda ["Democracy for Realists: Why Elections Do Not Produce Responsive Government", de Christopher Achen e Larry Bartels]. Faz falta o que esses dois coautores fizeram: investigar como é que funciona realmente essa história, como é que as pessoas votam.

**Sente falta de atuar no setor público?** Não faço segredo que, depois que saí do Banco Central, com 45 anos, estava em forma para continuar a colaborar. Não aconteceu.

Com o governo do PT, era impossível. Nós fomos recebidos à bala, depois de fazer uma transição tão caprichada. Enfim, era a vez do PT também, tudo bem. E depois não aconteceu.

Falta, não diria que me faz, mas gostaria, se houvesse convergência de valores e ideias, de colaborar em qualquer coisa. Acho que estou pronto para assumir uma posição de liderança, mas não sou o único.

**O que está acontecendo com a inflação americana?** O que aconteceu de diferente foi que o Fed fez umas promessas no final do ano passado que não se viabilizaram. O Banco Central não pode ficar falando. Nem precisa.

O que é inimaginável é o Brasil andar bem com uma política fiscal frágil. Isso se projeta em um trabalho mais complicado para o BC. Se o Banco Central no Brasil, para controlar a inflação, precisa desse juro astronômico, é porque precisa de ajuda. E quem é que tem ajuda para dar? É o lado fiscal. Acabou, não tem outra.

**O sr. costuma dizer que o Brasil não aprende. O que é que não aprendemos?** É uma propensão a repetir erros e esquecer de acertos. O Brasil parece ser vítima fácil para ideias mirabolantes, populistas.

**Pode citar um grande acerto do qual nós nos esquecemos?** Sim, o principal: o Lula, na primeira vez, ganhou as eleições, rasgou o programa do PT e jogou fora.

**E o grande erro que voltamos a cometer?** Estamos aí a mexer na governança das estatais, na governança de empresas privadas. Vamos tentar ressuscitar estaleiros. A ideia de que responsabilidade fiscal faz mal à população. É o oposto. Quem se ferra é sempre o pobre nesse jogo. São alguns, só para esquentar a conversa.



Ricardo Borges - 17.set.19/Folhapress

**Arminio Fraga, 66**
Foi presidente do Banco Central do Brasil (1999 a 2002). Economista pela PUC-Rio e doutor pela Universidade de Princeton, é sócio-fundador da gestora Gávea Investimentos. Fundou o Ieps (Instituto de Estudos para Políticas de Saúde) e o IMDS (Instituto Mobilidade e Desenvolvimento Social) e é sócio-fundador da empresa de reflorestamento re.green


Praça dos Três Poderes, em Brasília, onde ficam Palácio do Planalto, Congresso Nacional e STF Pedro Ladeira - 3.ago.23/Folhapress

# Home office volta à mira no setor público com regulamentação

Medida ganhou fôlego na pandemia; levantamento mostra pelo menos 27,8 mil servidores em teletrabalho

**VIDA PÚBLICA**

**Renato Machado e Marianna Holanda**

**BRASÍLIA** A extensão da prática do trabalho remoto, modalidade que ganhou força durante a pandemia, divide ministérios do governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Há pastas que querem aproveitar o período de regulamentação de um programa de desempenho da gestão pública para restringir o home office.

Esses órgãos veem excessos na adoção do trabalho remoto. Há, porém, divergências.

Parte dos ministérios busca implementar ou até mesmo ampliar o trabalho a distância na discussão em torno do chamado PGD (Programa de Gestão e Desempenho), em sinal de como o tema é tratado de forma descentralizada.

O fim da pandemia da Covid foi decretado há um ano. Hoje, o governo Lula tem ao menos 27,8 mil servidores em trabalho remoto integral ou parcial, segundo levantamento feito pela **Folha** diretamente em cada um dos ministérios.

O número pode estar subestimado, uma vez que parte das pastas disse ainda estar em fase de levantamento e não ter o número total de funcionários em teletrabalho.

Outras só informaram o número de servidores que atuam na modalidade remota na sua estrutura principal. Vinte ministérios, entre eles a Fazenda, incluíram dados da sede e dos demais órgãos a eles subordinados.

De todos os 38 ministérios, 5 não responderam aos questionamentos da reportagem. Entre eles está a Casa Civil, comandada por Rui Costa, responsável pela coordenação do governo.

Outras 12 pastas enviaram os dados sobre a sua estrutura central, mas não divulgaram as informações sobre as organizações a elas vinculadas —alegando que elas deveriam ser procuradas separadamente.

Atualmente há cerca de 570 mil de servidores no Executivo federal. O número não abarca apenas os funcionários dos ministérios —inclui também órgãos vinculados a eles e os servidores de universidades federais, por exemplo.

Todas as pastas agora têm até 31 de julho para se adaptar às novas regras do PGD, o programa que busca revisar o modelo de trabalho adotado no serviço público.

"A ideia de programa de gestão nada mais é que você sair do controle de frequência e ir para o gerenciamento de resultado", diz Roberto Pojo, secretário de Gestão e Inovação do Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos.

A pasta afirma que o foco do PGD não é tratar de regras relacionadas ao trabalho remoto. "Se é um programa de gestão, tem de estar adaptado à característica, à cultura e à necessidade da instituição. Se você faz uma regra geral para 200 organizações, só tem uma certeza: você errou", afirma Pojo.

O secretário diz que a escolha entre presencial e teletrabalho não deve ser vista como um benefício, mas como uma opção gerencial nos órgãos federais. "Para cada organização você vai ver se é preciso ter pessoas presenciais ou se eu posso optar por pessoas em teletrabalho."

No funcionalismo público, a discussão sobre teletrabalho começou em 2014 e se tornou urgente na pandemia. Ficou estabelecido que cada órgão definiria suas regras.

Como não existe uma norma geral, ocorrem duros debates internos. Entre ministros de Lula, há uma avaliação de que o presencial deve ser a regra, sobretudo nas áreas mais próximas do primeiro escalão. A questão é medir produtividade e garantir engajamento de maneira coletiva, disse um ministro em caráter reservado.

A CGU (Controladoria-Geral da União) foi uma das primeiras instituições no Executivo a adotar um programa de teletrabalho, assim como Receita Federal e INSS. O ministério virou referência na Esplanada para o modelo.

De acordo com dados da pasta, a maioria dos servidores trabalha em modelo híbrido (64%), com os trabalhadores atuando em determinados períodos nos escritórios e em outros fora dele.

Apenas 10% estão em trabalho presencial integral, e 26% realizam teletrabalho permanentemente.

Na revisão do modelo, porém, a expectativa é que esses números mudem e o trabalho presencial cresça.

Integrantes do governo apontaram que a tentativa de restringir o teletrabalho vem provocando atritos em algumas pastas, como na AGU (Advocacia-Geral da União) e em órgãos ligados à Fazenda.

A AGU tem 2.197 advogados e procuradores federais em teletrabalho, o que corresponde a 41% de todo o seu efetivo. A situação gera incômodo na cúpula do órgão, segundo disseram à **Folha** pessoas a par da questão.

Uma portaria publicada no fim de janeiro estabeleceu novas regras para o regime de trabalho remoto de membros das carreiras.

"O novo regramento estabelece, por exemplo, que o percentual máximo de membros que poderão participar do regime será de 20% nas unidades que prestam consultoria jurídica e 40% nas demais", diz a pasta, em nota.

"A previsão é que, com as novas regras, o percentual de membros em regime de teletrabalho seja reduzido em 33% nas unidades de consultoria e em 20% nas demais", afirma a AGU.

O Ministério da Fazenda é a pasta com o maior número de funcionários em teletrabalho, considerando a sede em si e os órgãos subordinados. O ministério foi um dos poucos que enviaram dados sobre toda a sua estrutura.

Atualmente, são 12,5 mil servidores ou funcionários comissionados adotando esse regime.

A maior parte deles é ligada à Receita, onde 10,1 mil pessoas estão com planos ativos de PGD. Desse total, apenas 363 optaram pela modalidade presencial. Os demais adotaram algum tipo de teletrabalho.

No fim de janeiro, o Tesouro Nacional, também ligado à Fazenda, publicou uma portaria determinando novas regras para o teletrabalho, com um mínimo de 32 horas presenciais. A medida provocou insatisfação entre os servidores.

Para o presidente da Fonacate (Fórum Nacional Permanente das Carreiras Típicas de Estado), Rudinei Marques, a mudança no Tesouro foi verticalizada e autoritária. Ele diz que o teletrabalho melhorou o desempenho dos servidores.

"A avaliação que a gente tem recebido é que os setores estão satisfeitos. E a gente viu um incremento de produtividade. Na reforma administrativa, um ponto que sempre reaparece é o da gestão e avaliação de desempenho. A gente já tem isso, já mede desempenho. Só vai para trabalho remoto se tiver acertado entrega", afirma.

De acordo com o professor Rildo Ribeiro dos Santos, da Faculdade de Economia da UnB (Universidade de Brasília), a pandemia mostrou para servidores e trabalhadores as vantagens da modalidade remota, no qual substituem o tempo gasto em deslocamento, por exemplo, por qualidade de vida e desenvolvimento pessoal.

Ele diz que também há ganhos para o empregador, mas que são necessárias mudança cultural e novas dinâmicas para que o impacto na produção seja benéfico.

# Votos sobre temas trabalhistas contrariam tendência no STF

**Arthur Guimarães**

**SÃO PAULO** Votos recentes de ministros do STF (Supremo Tribunal Federal) em ações trabalhistas revelam um vaivém e contrariam tendência na corte de rejeitar pedidos de reconhecimento de vínculo de emprego.

Uma mudança de entendimento de Edson Fachin quanto à possibilidade de o STF derrubar decisões da Justiça do Trabalho em casos da chamada pejotização é um exemplo.

O tribunal vinha anulando em série decisões que invalidaram contratos PJs no ramo da medicina, da advocacia e da corretagem de seguros. Os juízes trabalhistas diziam haver fraude à legislação.

Os ministros, em contrapartida, apontavam desrespeito pela Justiça do Trabalho aos precedentes da corte sobre a validade da terceirização e de outras formas de contrato, além da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho). Primeiramente, Fachin contrariava a onda na corte e considerava caber à Justiça do Trabalho decidir se havia ou não vínculo de emprego.

Diante da tendência do tribunal de derrubar decisões de instâncias inferiores, o ministro se dobrou ao entendimento da maioria dos colegas e cassou uma decisão contra a pejotização. Agora, retomou o posicionamento original.


O ministro Edson Fachin durante sessão plenária do STF Gustavo Moreno - 23.mai.24/SCO/STF

Dias Toffoli e Nunes Marques endossaram a posição do colega em um julgamento de fevereiro. Os dois acompanharam Fachin para manter decisão que reconhecia o vínculo entre um escritório e um advogado associado.

O processo foi julgado pela Segunda Turma. Gilmar Mendes e André Mendonça discordaram e foram vencidos. Fachin afirmou que o tribunal não discutiu "a prevalência, ou não, de contrato civil celebrado pelas partes, em detrimento das normas trabalhistas", em especial na hipótese de comprovação de fraude. Para o ministro, os precedentes apontam que a existência de contrato civil não impede "o reconhecimento do vínculo de emprego quando presentes os elementos que o caracteriza".

Leonardo Collesi Jubilut, que representa a banca de advocacia, afirma ser precipitado dizer que há uma mudança de entendimento no STF e citou caso semelhante no qual a Primeira Turma reverteu uma decisão contra a pejotização de um advogado.

"Faço votos para que o STF mantenha os rumos dos entendimentos do ministro Alexandre de Moraes no sentido de que a Justiça Trabalhista tem de reconhecer a legalidade desses outros formatos de relação de trabalho", afirmou.

Embora a composição da Segunda Turma não tenha mudado recentemente, Fachin disse que antes seguia o princípio da colegialidade. Uma mudança de composição na corte, após a saída de Rosa Weber e com a chegada de Flávio Dino, mostra que Fachin não está mais isolado.

Dino, na Primeira Turma, tem se manifestado em defesa da competência da Justiça do Trabalho para tratar desses temas. No dia 7, Moraes e Cristiano Zanin ficaram vencidos ao votar pela anulação de quatro julgados trabalhistas transitados em julgado —contra os quais não caberia mais recurso.

As decisões condenaram o município de São Luís (MA) a arcar com débitos trabalhistas não quitados por empresas. Cármen Lúcia, Luiz Fux e Dino votaram para manter o que foi decidido.

Moraes é autor de dezenas de decisões cassando vínculos de emprego. Mas o próprio ministro manteve em março condenação para que uma empresa assine a carteira de um segurança de loja. A decisão foi confirmada pela turma.

Segundo a empresa, o profissional prestou serviços esporádicos de maneira autônoma, e a situação em debate era parecida com a de outro processo em que é parte, também de um segurança de loja. Naquele caso, porém, Moraes havia cassado o vínculo.

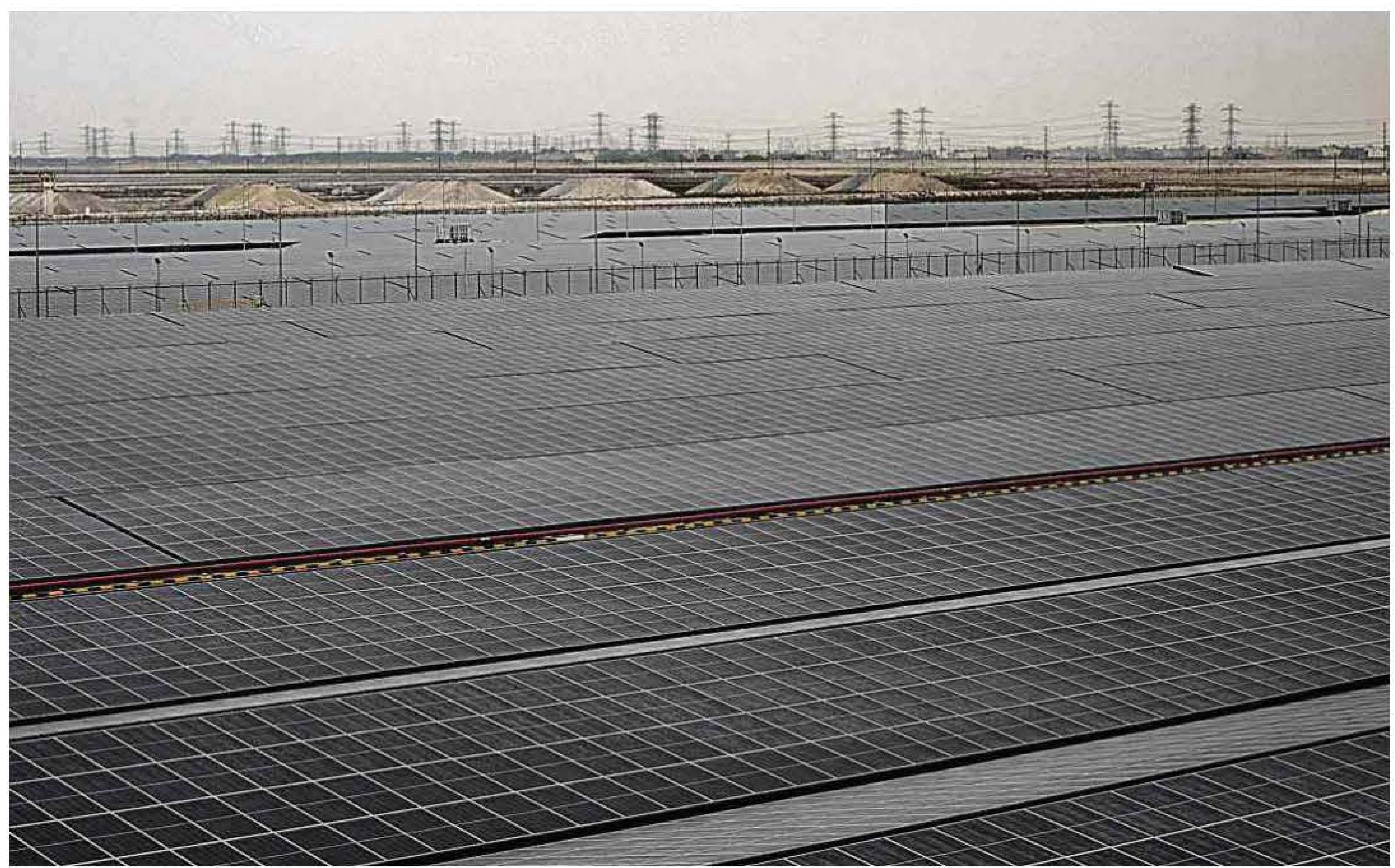
Olívia Pasqualeto, professora da FGV Direito SP, afirmou não ser possível cravar que está havendo uma virada. Para ela, as decisões podem indicar que o tribunal está sendo mais criterioso quanto ao cabimento dos processos contra decisões trabalhistas.

O movimento do STF de julgar a validade de decisões trabalhistas é feito via reclamação constitucional —instrumento criado para garantir respeito a precedentes da corte.

Estudo feito por juízes e pesquisadores da USP indicou que houve reanálise de fatos e provas —o que não é possível em uma reclamação— em 52% dos casos. Além disso, mostrou que a decisão questionada e o precedente do STF supostamente desrespeitado não tinham relação direta em 66% dos casos.

Para Ricardo Calcini, sócio de Calcini Advogados e professor de direito do trabalho do Insper, os votos recentes sinalizam uma mudança de orientação interna, embora a direção não esteja clara.

*Vinicius Torres Freire*
**Excepcionalmente hoje a coluna não é publicada**



Painéis solares em Jubail, na Arábia Saudita; país do petróleo está apostando em outras formas de energia Iman Al-Dabbagh - 4.mai.24/The New York Times

# Arábia Saudita agora quer ser potência da energia limpa

## País tenta conciliar petróleo e renováveis apostando em projetos verdes

Stanley Reed

RIAD | THE NEW YORK TIMES A duas horas de carro de Riad, capital da Arábia Saudita, fileiras de painéis solares se estendem até o horizonte como ondas em um oceano.

Apesar de ter reservas quase ilimitadas de petróleo, o reino está adotando a energia solar e eólica, em parte na tentativa de manter uma posição de destaque na indústria de energia, que é vital para o país, mas está mudando rapidamente.

Olhando para 3,3 milhões de painéis, cobrindo 36 quilômetros quadrados de deserto, Faisal Al Omari, CEO de um projeto de energia solar recentemente concluído chamado Sudair, disse que vai contar aos seus filhos e netos sobre sua contribuição para a transição energética da Arábia Saudita.

"Estou realmente orgulhoso de fazer parte disso", disse.

Embora a produção de petróleo mantenha um papel crucial na economia saudita, o reino está apostando em outras formas de energia.

Sudair, que pode iluminar 185 mil residências, é o primeiro de muitos projetos gigantes planejados para aumentar a produção de fontes de energia renovável, incluindo solar e eólica, para cerca de 50% até 2030.

Atualmente, a energia limpa representa uma quantidade insignificante da geração de eletricidade na Arábia Saudita. Analistas, contudo, dizem que alcançar esse objetivo altamente ambicioso é improvável.

"Se eles conseguirem 30%, eu ficaria feliz porque seria um bom sinal", disse Karim Elgendy, analista climático do Middle East Institute, uma organização de pesquisa em Washington.

Ainda assim, o país planeja construir fazendas solares em um ritmo acelerado.

"Os volumes que você vê aqui você não vê em nenhum outro lugar, apenas na China", disse Marco Arcelli, CEO da Acwa Power, incorporadora saudita do Sudair e uma força crescente no mercado internacional de eletricidade e água.

Os sauditas não apenas têm dinheiro para expandir rapidamente mas estão livres dos longos processos de licenciamento que inibem tais projetos no Ocidente.

"Eles têm muito capital para investir e podem agir rapidamente e avançar no desenvolvimento de projetos", disse Ben Cahill, pesquisador sênior do Center for Strategic and International Studies, uma instituição de pesquisa em Washington.

Até a Saudi Aramco, a joia da coroa da economia saudita e produtora de quase todo o seu petróleo, vê um cenário energético em mudança.

Para ganhar espaço na energia solar, a Aramco adquiriu uma participação de 30% no Sudair, que custou US$ 920 milhões, o primeiro passo em um portfólio solar planejado de 40 gigawatts —mais do que a demanda média de energia do Reino Unido— destinado a atender a maior parte das ambições do governo em energia renovável.

A empresa planeja estabelecer um grande negócio de armazenamento de gases de efeito estufa no subsolo.

Também está financiando esforços para produzir combustíveis limpos para automóveis a partir de dióxido de carbono e hidrogênio —especialmente em uma refinaria em Bilbao, Espanha, de propriedade da Repsol, a empresa de energia espanhola.

Os cientistas da computação da Aramco também estão treinando modelos de inteligência artificial, usando quase 90 anos de dados de campos de petróleo, para aumentar a eficiência de perfuração e extração, reduzindo assim as emissões de dióxido de carbono.

"A responsabilidade ambiental sempre fez parte do nosso modus operandi", disse Ashraf Al Ghazzawi, vice-presidente-executivo de estratégia e desenvolvimento corporativo da Aramco.

Embora insista que o petróleo tem um futuro longo, a Saudi Aramco, a maior empresa do mundo no setor, parece também estar tentando sinalizar que não está presa a um passado poluente. Em vez disso, a gigante quer ser vista mais como uma empresa do Vale do Silício, focada em inovação.

Recentemente, a empresa convidou um grupo de jornalistas para uma apresentação durante a qual jovens sauditas descreveram práticas verdes, como usar drones em vez de frotas de caminhões pesados ao prospectar petróleo ou restaurar manguezais nos litorais para absorver dióxido de carbono.

Nos últimos dois anos, a Arábia Saudita instruiu a Aramco a reduzir drasticamente a produção de petróleo para 9 milhões de barris por dia, em conformidade com acordos no grupo conhecido como Opep+.

Em janeiro, a Aramco anunciou que o governo saudita havia ordenado que interrompesse um esforço para aumentar a quantidade de petróleo que poderia produzir.

Na visão da Aramco, essas decisões não são prenúncios de um declínio no consumo de combustíveis fósseis.

Os executivos insistem que a empresa continuará a investir em petróleo e, ao mesmo tempo, aumentará drasticamente a produção de gás natural.

Esses combustíveis continuarão a "desempenhar um papel muito importante" até 2050 e depois, disse Al Ghazzawi, argumentando que tanto as energias renováveis quanto o petróleo e o gás serão necessários para atender à crescente demanda.

"Sempre sentimos que deve haver um investimento paralelo e simultâneo em novas e convencionais fontes de energia", disse.

Os executivos disseram que a Aramco está bem posicionada para as próximas décadas. A combinação de alguns dos maiores campos do mundo e um cuidadoso gerenciamento, disseram eles, significa que pode produzir petróleo a um custo muito baixo —em média US$ 3,19 por barril.

A empresa também aposta que pode tornar seu petróleo mais atraente reduzindo as emissões causadas por sua produção —um atributo que não é recompensado pelos mercados agora, mas que eventualmente poderia comandar um prêmio.

"Acredito que, no final, o mercado valorizará produtos de baixo carbono e a precificação se tornará ainda mais lucrativa", disse Ahmed Al-Khowaiter, vice-presidente-executivo de tecnologia e inovação da Aramco.

A Aramco diz que 10% de seus investimentos serão feitos em iniciativas de baixo carbono, mas essas ações não se refletiram muito nos resultados financeiros.

"Eu simplesmente não acho que isso faça muita diferença", disse Neil Beveridge, analista da empresa de pesquisa Bernstein. "A produção de petróleo realmente representa a grande maioria dos lucros."

Algumas das iniciativas da Aramco provavelmente levarão anos para dar frutos, mas as condições já parecem propícias para a energia solar.

A Arábia Saudita é um país com sol escaldante e vastas extensões de terra que podem ser amplamente povoadas com painéis solares. Adicione a isso uma relação próxima com a China, que está fornecendo grande parte do equipamento renovável, incluindo os painéis da Sudair, e "eles estão construindo a um preço muito baixo", disse Nishant Kumar, analista de energia renovável e elétrica da consultoria Rystad Energy.

Por exemplo, a Sudair venderá sua energia por cerca de US$ 0,012 por quilowatt-hora, um valor quase recorde na época em que foi negociado.

"Eles sabem muito bem que a economia só pode ser eficiente se continuarem a aproveitar esse custo de energia solar em constante redução", disse Paddy Padmanathan, ex-presidente-executivo da Acwa Power, que agora é empreendedor de energias renováveis.

O reino está apostando que uma energia elétrica abundante e de baixo custo poderia atrair setores intensivos em energia, como a siderurgia.

A Acwa está ajudando a construir o que provavelmente será a maior planta do mundo para produção de hidrogênio verde, com o objetivo de exportar para a Europa e outros lugares com custos mais altos.

O único problema, dizem os analistas, é que a Arábia Saudita não está avançando tão rapidamente quanto poderia.

Kumar estima que talvez alcance apenas cerca da metade da ambiciosa meta de instalações solares até 2030. A energia eólica está ainda mais atrasada. Uma razão: o governo não criou as condições que poderiam atrair empresas concorrentes que poderiam impulsionar a produção, dizem os analistas.

A Acwa, por exemplo, será fortemente dependente para atender às ambiciosas metas de energias renováveis.

"Achamos difícil ignorar os riscos operacionais e financeiros", escreveram recentemente os analistas do Citigroup.

A empresa está listada na Bolsa de valores, mas 44% é de propriedade do Fundo de Investimento Público, o principal veículo de financiamento para as iniciativas do príncipe herdeiro Mohammed bin Salman.

# Lula pode falar sobre juros?

Presidente tem legitimidade para discutir o tema, mas a forma como o faz prejudica a economia

**Samuel Pessôa**

Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV) e da Julius Baer Family Office (JBFO). É doutor em economia pela USP

*É óbvio que Lula, presidente eleito, tem toda a legitimidade para discutir o tema dos juros. A questão é outra. Do ponto de vista do desempenho da economia, tem sido produtiva a forma como o presidente tem se pronunciado sobre o tema?*

*A resposta à pergunta feita no fim do parágrafo anterior é não. Lula tem atrapalhado a condução da política monetária. As interferências e a forma agressiva com que o Executivo tem tratado a política monetária já devem custar à economia e ao Tesouro na forma de juros mais elevados.*

*O problema ocorre porque as falas do presidente corroem a credibilidade da autoridade monetária. Um dos elementos importantes para a condução da política monetária é a confiança no sistema. A confiança no sistema se expressa na convicção das pessoas de que o Banco Central fará o necessário para entregar a inflação na meta em prazo razoável.*

*Prazo razoável é aquele suficiente para a absorção e o amortecimento de choques, quando for o caso, de forma a não comprometer a atividade econômica. O mandato do Banco Central do Brasil estabelece que a política monetária, ao perseguir a meta inflacionária, tem que observar o segundo objetivo, de suavizar o ciclo econômico.*

*Por exemplo, o BC não elevará a taxa de juros devido ao encarecimento do arroz, que certamente ocorrerá em 2024, em razão das enchentes no Rio Grande do Sul. O choque somente ensejará uma resposta da política monetária se houver repasse para o índice de preços como um todo. A ação da política monetária considerará também o mandato de o fazer de forma a não gerar perda excessiva de produto. O ciclo econômico precisa ser suavizado.*

*Um Banco Central crível torna todo esse trabalho muito mais simples. A credibilidade do Banco Central garante que as pessoas acreditem que a longo prazo a inflação voltará para a meta. Essa crença coordena as decisões de fixação de preços por parte do varejo, reduzindo a inércia inflacionária e, portanto, o custo de perda de produto da desinflação.*

*Temos visto como a atual desinflação, após o surto inflacionário da pandemia, tem ocorrido com baixíssimo custo social. No mundo desenvolvido, e também por aqui, essa desinflação tem sido a mais indolor desde o pós-Guerra. Um dos motivos que explicam o baixo custo social da desinflação do atual surto inflacionário é este ocorrer após a adoção do regime de metas de inflação. É o primeiro surto inflacionário no hemisfério Norte após a adoção do regime de metas de inflação.*

*A conclusão é que o custo social da desinflação em uma economia que adota o regime de metas de inflação e no qual o Banco Central é crível é baixo.*

*Independentemente da minha avaliação da qualidade da condução da política monetária pela atual diretoria do Banco Central sob a liderança do presidente Roberto Campos Neto, os ataques de Lula ao BC são contraproducentes.*

*Sempre que Lula ataca o BC ou sua condução da política monetária, ele reduz a credibilidade, na população, da autoridade monetária, elevando a inércia inflacionária e, com ela, o custo social da desinflação.*

*Na vida real, quem fala o que quer ouve o que não quer. Em se tratando de política monetária, sempre que o presidente fala o que quer, corre o risco de colher o que não é de seu interesse nem do país.*

DOM. Samuel Pessôa | **SEG. Marcos Vasconcellos, Ronaldo Lemos** | TER. Michael França, Cecilia Machado | QUA. Bernardo Guimarães, Lorena Hakak | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. André Roncaglia | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

# Procon-SP notifica Ticketmaster por vazamento de dados que pode ter afetado 560 milhões de clientes

**SÃO PAULO** O Procon de São Paulo notificou a Ticketmaster após a empresa confirmar, na sexta-feira (31), que investiga um vazamento de dados.

O órgão de defesa do consumidor pede à empresa americana, subsidiada da Live Nation Entertainment, que esclareça se a violação de informações pessoais atinge os consumidores brasileiros.

O Procon-SP também pediu informações sobre como os dados dos consumidores são captados e armazenados e quais os procedimentos da Ticketmaster em relação à LGPD (Lei Geral de Proteção de Dados) brasileira foram adotados.

A companhia confirmou à SEC (Comissão de Valores Mobiliários dos EUA) que estava investigando uma violação de dados, depois que um grupo de hackers conhecido como ShinyHunters reivindicou a responsabilidade por roubar as informações de mais de 500 milhões de clientes da plataforma de venda de ingressos.

Na declaração, a empresa disse que havia "identificado atividade não autorizada dentro de um ambiente de banco de dados em nuvem de terceiros".

A Ticketmaster é responsável pela comercialização de ingressos para diversos eventos no Brasil, como o Rock In Rio e os shows de Bruno Mars, Caetano Veloso e Maria Bethânia.

O Procon-SP deu 48 horas, a partir desta segunda (3), para a empresa se manifestar.

Entre os alvos anteriores do ShinyHunters, grupo formado por volta de 2020, estão Microsoft e AT&T, de acordo com procuradores federais americanos.

Seu principal objetivo parece ser obter registros pessoais e vendê-los.

De acordo com uma captura de tela compartilhada por Brett Callow, analista de ameaças da empresa de cibersegurança Emsisoft, o grupo postou que tinha as informações de identificação de 560 milhões de clientes da Ticketmaster, incluindo números de cartão de crédito e vendas de ingressos.

O grupo listou seu preço pedido pelos dados, que disse terem 1,3 terabytes de tamanho, como sendo de US$ 500.000.

Não ficou claro quando a violação ocorreu.

De acordo com a Ticketmaster, a empresa identificou pela primeira vez "atividade não autorizada" em 20 de maio.

"Estamos trabalhando para mitigar o risco para nossos usuários e para a empresa. "Conforme apropriado, também estamos notificando as autoridades regulatórias e os usuários com relação ao acesso não autorizado às informações pessoais."

A Live Nation disse não acreditar que a violação terá "impacto material em nossas operações comerciais gerais ou em nossa condição financeira ou resultados operacionais".

Este é o segundo episódio em menos duas semanas a colocar a Ticketmaster sob escrutínio.

No dia 23 passado, o Departamento de Justiça dos EUA acusou a Live Nation Entertainment de operar um monopólio que "sufoca sua concorrência" na indústria do entretenimento ao vivo, em uma ação antitruste histórica que busca separar a Ticketmaster da empresa.

Criada em 2010 pela fusão da Live Nation com a Ticketmaster, a empresa chamou as acusações do governo de "alegações infundadas".

Com The New York Times

# 42,4 milhões declararam o IR no prazo, menos que o esperado

**IR 2024**

**Cristiane Gercina**

**SÃO PAULO** A Receita Federal recebeu um número menor de declarações do Imposto de Renda 2024 do que o esperado. No início de março, ao divulgar as regras do IR, o fisco projetou 43 milhões de declarações, mas, ao final do prazo, 42,4 milhões haviam declarado. Até as 23h59 de sexta-feira (31), os sistemas do órgão haviam recebido 42.421.153 documentos de acordo com as "Estatísticas da Declaração 2024".

No Rio Grande do Sul, no entanto, os moradores têm até 30 de agosto. "Trata-se um número estimado. Contribuintes dos 499 municípios do RS poderão declarar até o final do mês de agosto", diz o fisco. Do total, 60,6% dos contribuintes têm imposto a restituir, 20,5% terão de pagar Imposto de Renda e 18,9% não têm nem restituição nem pagamento.

Quem não entregou o IR, mas estava obrigado a declara terá de pagar multa. O valor mínimo cobrado é de R$ 165,74, mas pode chegar a 20% do IR. O recebimento dos documentos foi suspenso pela Receita neste sábado (1º) e será retomado nesta segunda-feira (3), a partir das 8h, quando também será liberado o envio da declaração retificadora.

No início do prazo, o supervisor nacional do IR, José Carlos Fonseca, já havia falado que o número de 43 milhões era uma estimativa.

Neste ano, a Receita mudou regras de obrigatoriedade, deixando uma fatia maior desobrigada de declarar após atualização na tabela do Imposto de Renda feita pelo governo Lula.

**F LEIA MAIS SOBRE O IR folha.com/impostoderenda**



Amarildo

# Ancoragem de expectativas e controle da inflação

Diante da baixa previsibilidade no horizonte, BC acerta ao adotar postura cautelosa e se mostrar mais dependente dos dados

**Ana Paula Vescovi**
Economista-chefe do Santander Brasil

*A reação dos mercados locais ao aumento da incerteza nos últimos dois meses levou o Banco Central do Brasil a reconhecer a maior desancoragem das expectativas de inflação. Ou seja, os agentes econômicos estão menos confiantes na capacidade da política monetária de levar o IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo), indicador oficial do país, para a meta confirmada pelo atual governo (3%), ainda que alguns meses à frente.*

*Para que as expectativas inflacionárias estivessem ancoradas, o conjunto de agentes responsáveis pela formação de preços na economia deveria acreditar que no futuro próximo a inflação seria de 3%, não os 3,8% atualmente esperados para 2025, de acordo com o boletim Focus, do BC.*

*Não foi sempre que os bancos centrais atribuíram tanta importância ao que o mercado projeta para a inflação. Até a década de 1960, a política monetária mundial era governada pelo dilema entre a inflação corrente e o desemprego. A Grande Inflação americana dos anos 1970 e do início dos anos 1980 deixou claro para economistas importantes, como Edmund Phelps e Milton Friedman, que os agentes econômicos eram, sim, capazes de antecipar as tentativas dos formuladores de política econômica e de se aproveitar de brechas nessas escolhas.*

*Consumidores e produtores buscavam se proteger de surpresas inflacionárias ao introduzir suas expectativas de inflação na formação dos seus preços. Foi dessa experiência de colapso do controle da inflação corrente que se firmou a Lei de Goodhart (uma homenagem ao economista que lhe deu origem, Charles Goodhart): quando a medida (nesse caso, a inflação corrente) se torna um objetivo em si, ela deixa de ser uma boa medida.*

*Foi com o surgimento dos adventos de profecias autorrealizáveis na teoria econômica que as expectativas ganharam relevância. Os agentes, ao projetarem uma inflação mais alta, buscam se proteger dela, exigindo salários maiores ou estabelecendo preços mais altos, e sancionam as expectativas nos preços atuais.*

*Há ampla construção teórica sobre como expectativas de inflação são formadas e como afetam as decisões dos agentes econômicos, sejam eles empresas, sejam investidores, sejam consumidores, embora ainda haja dúvidas sobre como, quando e com qual velocidade isso ocorra.*

*Apresentada em 1958, a famosa curva de Phillips, que mede o dilema entre inflação e desemprego, em uma das suas versões, assume que a inflação corrente seria o principal determinante na formação de expectativas para o futuro. Na versão proposta em 1983 por Guillermo Antonio Calvo, os preços seriam mais rígidos, pois há o chamado custo de menu, ou o custo de atualizar os cardápios que contêm os preços dos produtos. Para evitar esse custo, as empresas ficam sem alterar o preço por algum período de tempo, o que, por outro lado, faz com que tenham de incorporar suas expectativas sobre a inflação futura nos preços de hoje.*

*A proposta de Nicholas Gregory Mankiw e Ricardo Reis (2002), por sua vez, prevê a reprecificação em todos os períodos, mas assume rigidez no fluxo de informação da economia. Em outras palavras, existe um custo para a firma atualizar as informações relevantes para sua decisão de preços, então eles não são atualizados em todos os períodos. Nessa versão, é o valor das expectativas do passado sobre o período corrente que forma expectativas futuras. Sob uma visão mais empírica, condições esperadas de emprego, atividade e resultados fiscais são fatores que costumam ter alta relevância na formação de expectativas.*

*Recentemente, os pesquisadores brasileiros Carlos Viana, Silvia Matos e Marco Bonomo conseguiram comprovar, com microdados disponíveis entre 2008 e 2020, a influência das expectativas de inflação na fixação de preços de bens e serviços. Revelam, aliás, que o nível da inflação esperada também importa para a aceleração das expectativas e, portanto, da própria inflação.*

*Por isso, preocupação tão grande ronda o tema na atualidade. Ancorar expectativas em torno do centro da meta facilita a ancoragem da própria inflação em torno do alvo central, ao enraizar a meta no processo decisório de preços e salários.*

*Atualmente, temos as medidas de expectativas trazidas por pesquisas (pesquisa Focus, do BC) e por medidas implícitas nos ativos no mercado (nas letras do Tesouro, por exemplo). O próprio BC vem tentando ampliar a gama de medidas disponíveis e pretende iniciar a divulgação de expectativas empresariais sobre variáveis macroeconômicas no segundo semestre deste ano, conforme reportagem veiculada na* **Folha** *em 15 de maio passado.*

*No contexto atual, há ao menos uma certeza: as expectativas de inflação têm grande importância para a condução da política monetária e para o seu sucesso no alcance da meta inflacionária. Assim, a postura mais cautelosa trazida pela comunicação mais recente do Copom (Comitê de Política Monetária) do BC, preferindo ser mais dependente dos dados, é a mais adequada.*

*Vale lembrar que o mesmo processo de desancoragem de expectativas de inflação ocorreu até o início do ano passado e foi parcialmente revertido por duas medidas principais: a confirmação da meta de inflação de longo prazo em 3% e a aprovação de um novo marco fiscal com um compromisso político de ajuste gradual nas contas públicas.*

*Assim, reafirmar e reforçar ambos os compromissos anteriores (cumprimento da meta de inflação de 3% e ajuste fiscal) com medidas firmes do lado da política monetária e da política fiscal trariam os mesmos efeitos já experimentados: redução dos riscos para consumidores e investidores, convivência com taxas de juros estruturalmente mais baixas e crescimento econômico mais sustentado.*

| **DOM.** Ana Paula Vescovi, **Marcos Lisboa,** Candido Bracher

# Pesca do salmão divide Islândia, e cantora Björk lidera protestos

Atividade é vital para economia do país escandinavo que tem 382 mil habitantes, mas enfrenta resistência



**Jaulas para criação de salmões em cativeiro na Noruega e que se assemelham às estruturas usadas na Islândia, país onde a pesca tem causado polêmica** Viken Kantarci - 5.fev.24/AFP

**Alex Sabino**

**SÃO PAULO** Na véspera da partida entre Islândia e Argentina pela Copa do Mundo de 2018, em Moscou, o jornalista argentino quis fazer uma gracinha com o colega europeu. Seria a estreia do país escandinavo em mundiais.

"Você já encontrou a Björk na rua?" "Todos que moram na Islândia já encontraram a Björk", foi a resposta.

A cantora de 58 anos é um dos três fatores que tornam o pequeno país, de 382 mil habitantes, conhecido no exterior. Os outros são turismo e pesca. Todos se fundiram quando a artista abriu a ferida de uma das maiores discussões nacionais no momento: a pesca do salmão.

"É uma crueldade extraordinária", disse Björk antes de lançamento de uma música com a cantora catalã Rosalía. Ela prometeu doar os royalties da obra para ativistas que lutam contra a indústria do salmão em cativeiro na sua terra natal.

A cantora está do lado oposto de celebridades como os músicos Eric Clapton e Roger Waters, os atores Kevin Costner e Cameron Diaz e o ex-jogador David Beckham. Todos já postaram fotos pescando em locais remotos da Islândia. Alguns são investidores de empresas estrangeiras que atuam no mercado.

Estar contra ou a favor da pesca do salmão tem dividido comunidades. No interior, em cidades pequenas onde estão empresas multinacionais do setor, os habitantes se beneficiam da geração de empregos, de renda e veem a oposição como algo de elite, especialmente vindo da capital Reykjavík.

"São diferentes visões. Depende de onde você vive. Não é uma opinião uniforme. Mas isso dividiu o país, porque nos locais onde está a chamada pesca do salmão de fazenda as opiniões costumam ser mais favoráveis à indústria", disse à **Folha** o professor Sveinn Agnarsson, diretor do Instituto de Economia da Universidade da Islândia.

O salmão é o peixe em ascensão em uma indústria vital para a nação escandinava. O mercado emprega cerca de 7.500 pessoas, o que representa 4% da força de trabalho local. A pesca significa 8% do PIB (Produto Interno Bruto) de forma direta. Se levadas em conta atividades indiretas, o percentual chega a 25%.

A tecnologia desenvolvida pela iniciativa privada faz com que a Islândia seja um dos países mais eficientes na indústria da pesca.

"É uma questão vital e está sendo debatida no Congresso. São feitas pesquisas para medir o humor popular porque a pesca também é o passatempo favorito da classe trabalhadora", completa Agnarsson.

A última foi realizada em novembro do ano passado. Foram 69% os entrevistados que se colocaram a favor da proibição da pesca de salmão conhecida como open-pen. Mas, em fiordes remotos (como são chamados longos e estreitos braços de mar que atravessam montanhas), o sistema encontra apoio.

Trata-se de método em que os salmões são criados em uma espécie de jaula de formato redondo, dentro do mar ou rios. Ficam ancorados em estuários ou marinas para serem protegidos de predadores. São diferentes dos salmões selvagens, espécie que os islandeses fazem de tudo para preservar.

"É uma forma cruel de criação e de pesca. E também não é segura", diz Ragnar Arnason, também pesquisador da Universidade da Islândia.

Notícias de que salmões escaparam de diferentes jaulas no país causaram comoção nos últimos meses. Pescadores amadores se mobilizaram para capturá-los.

"A natureza do salmão é crescer no rio, ir para o oceano e depois voltar. Se você o mistura com outros tipos de salmão, mudam as características de todos. É um problema ambiental", lembra ele.

O medo de autoridades locais é que ocorra uma espécie de efeito sistêmico, porque a imagem da Islândia como um lugar remoto, de natureza preservada, pode ser afetada por indústria vista como predatória e poluidora.

No país, os donos das terras também controlam os rios que passam pelas propriedades. As águas são terceirizadas para empresas que pescam e vendem salmões. Preferencialmente, para o exterior, porque o preço é maior. O mercado interno tem sido abastecido por peixes de qualidade inferior, às vezes em pedaços, sinal de que foram mutilados para esconder partes em decomposição.

Esse mercado é explorado por empresas estrangeiras, principalmente norueguesas, com quem os islandeses possuem rivalidades que vão além da questão econômica.

De acordo com dados do Instituto de Pesquisa Marinha e de Águas do país, 525 mil salmões foram retirados das jaulas em fevereiro deste ano por não estarem em condições para consumo.

Tais problemas e protestos de celebridades, especialmente Björk, fizeram com que o governo tentasse responder às críticas de falta de fiscalização. Tramita no Congresso projeto de lei que pretende criar normas para criação do salmão em cativeiro, em teoria, sem afetar, o valor do mercado e a atuação de empresas.

"Tudo tem um impacto. A Islândia compete atualmente com a Rússia e Noruega, porque a pesca de salmões é muito limitada em outras regiões. Os preços continuam subindo, sinal de que o interesse ainda existe. Mas algo precisa ser feito porque a força do turismo da Islândia, o que rende milhões e milhões de euros anualmente para o país, é se vender como um lugar inexplorado. E, quando você vê uma jaula de salmões em cativeiro em um rio, essa imagem muda imediatamente", diz Agnarsson.

Ele só não dá muita atenção aos protestos de Björk. Por que dar tanta atenção a uma celebridade que você pode encontrar na rua a qualquer hora?